

SOFIA ASSUNÇÃO REZENDE

**ARRANJOS DOMICILIARES E SUAS CONDIÇÕES DE MORADIA: O CASO
VIÇOSENSE ENTRE 2000 E 2010**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

Orientador: Tiago Augusto da Cunha

**VIÇOSA – MINAS GERAIS
2022**

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Campus Viçosa

T

Rezende, Sofia Assunção, 1997-
R467a Arranjos domiciliares e suas condições de moradia:: O caso
2022 viçosense entre 2000 e 2010 / Sofia Assunção Rezende. –
Viçosa, MG, 2022.
1 dissertação eletrônica (118 f): il. (algumas color.).

Inclui apêndices.

Orientador: Tiago Augusto da Cunha.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa,
Departamento de Arquitetura e Urbanismo, 2022.

Referências bibliográficas: f. 108-113.

DOI: <https://doi.org/10.47328/ufvbbt.2022.270>

Modo de acesso: World Wide Web.

1. Habitação - Aspectos sociais. 2. Família - Levantamentos
- Métodos estatísticos. 3. Famílias monoparentais. 4. Negras -
Habitação. 5. Mulheres - Habitação. I. Cunha, Tiago Augusto da,
1982-. II. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de
Arquitetura e Urbanismo. Mestrado em Arquitetura e
Urbanismo. III. Título.

CDD 22. ed. 307.336

Bibliotecário(a) responsável: Euzebio Luiz Pinto CRB 6/3317

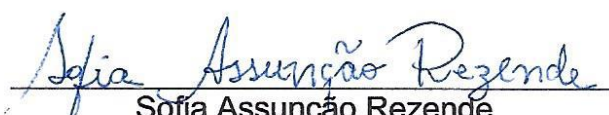
SOFIA ASSUNÇÃO REZENDE


**ARRANJOS DOMICILIARES E SUAS CONDIÇÕES DE MORADIA: O CASO
VIÇOSENSE ENTRE 2000 E 2010**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 28 de março de 2022.

Assentimento:


Sofia Assunção Rezende
Autora


Tiago Augusto da Cunha
Orientador

AGRADECIMENTOS

A Deus.

Aos meus pais, minha família e amigos.

À Universidade Federal de Viçosa, pela oportunidade de realizar a pós-graduação.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

RESUMO

REZENDE, Sofia Assunção, M.Sc, Universidade Federal de Viçosa, março de 2022. **Arranjos Domiciliares e suas condições de moradia: O caso viçosense entre 2000 e 2010.** Orientador: Tiago Augusto da Cunha.

Valores e comportamentos sociais estão em constante transformação. Não é diferente com as famílias. É sabido que elas adotam outros formatos e, sobretudo, as novas gerações alteram mais rotineiramente suas composições familiares. Entretanto, quais as características que expressam cada um dos possíveis arranjos domiciliares? Além disso, onde esses mesmos indivíduos vivem? Assim, o objetivo principal do presente estudo é esclarecer as condições de moradia segundo arranjos domiciliares. Presumíamos que precariedades vinculadas ao domicílio - falta de esgotamento sanitário, abastecimento de água, energia elétrica, etc. - estavam mais atreladas a determinados arranjos domiciliares devido às suas próprias vulnerabilidades. Para tanto, nos limitamos ao município de Viçosa, sem deixar de lado comparações dos comportamentos ocasionalmente de acordo com outros recortes territoriais. Limitamo-nos aos Censos Demográficos de 2000 e 2010, a fim de tentar captar as tendências mais recentes. Tentamos evidenciar as similaridades e as diferenças entre os arranjos domiciliares segundo suas condições de moradia através de técnicas de agrupamento estatístico (Análise de Cluster). Os dados indicam que os arranjos domiciliares não são determinantes para entendermos a precariedade habitacional. Porém, questões de gênero e raça e, concomitantemente, escolaridade e renda, sim. Estas últimas combinadas as características dos próprios arranjos evidenciam que, sobretudo, famílias monoparentais e unipessoais chefiadas por mulheres negras de baixa renda e baixa escolaridade são as mais vulneráveis. Acreditamos que os resultados podem fornecer importantes insumos para a formulação de políticas públicas sociais e habitacionais em diferentes escalas.

Palavras-chave: Arranjos Domiciliares. Domicílio. Habitação. Análise de cluster.

ABSTRACT

REZENDE, Sofia Assunção, M.Sc, Universidade Federal de Viçosa, March 2022. **Household Arrangements and their living conditions: The case of Viçosa between 2000 and 2010**. Advisor: Tiago Augusto da Cunha.

Social values and behaviors are constantly changing. It's no different with families. It is known that they adopt other formats and, above all, the new generations more routinely alter their family compositions. However, what are the characteristics that express each of the possible household arrangements? Also, where do these same individuals live? Thus, the main objective of this study is to clarify housing conditions according to household arrangements. We assumed that infrastructure deficiencies linked to the household - lack of sewage, water supply, electricity, etc. - were more tied to certain household arrangements due to their own vulnerabilities. To this end, we limit ourselves to the municipality of Viçosa, without leaving aside comparisons of behaviors occasionally according to other territorial areas. We are limited to the 2000 and 2010 Population Censuses in order to try to capture the latest trends. We tried to evidence the similarities and differences between household arrangements according to their housing conditions through statistical grouping techniques (Cluster Analysis). The data indicate that household arrangements are not determinant to understand housing precariousness. However, gender and race issues and, concomitantly, schooling and income, yes. The latter combined with the characteristics of the arrangements themselves show that, above all, single-parent and single-person families headed by low-income and low-educated black women are the most vulnerable. We believe that the results can provide important sources for the formulation of social and housing public policies at different scales.

Keywords: Household Arrangements. Families. Dwellings. Cluster Analysis.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Exemplo de comparabilidade entre variáveis descritivas associadas ao relacionamento com o chefe ou responsável pelo domicílio para os Censos Demográficos de 2000 e 2010.	46
Tabela 2 - Tabulação cruzada entre variáveis de pessoas e variáveis de domicílios para os clusters de unipessoais, 2000 e 2010, Viçosa, MG.	55
Tabela 3 - Tabulação cruzada- características dos domicílios de acordo com os grupos entre os arranjos unipessoais, Viçosa, 2000.	61
Tabela 4 - Tabulação cruzada- características dos domicílios de acordo com os grupos entre os arranjos unipessoais, Viçosa, 2010.	67
Tabela 5 - Tabulação cruzada- características dos domicílios de acordo com os grupos entre os arranjos casais sem filhos, Viçosa, 2000.	73
Tabela 6 - Tabulação cruzada entre variáveis de pessoas e variáveis de domicílios para os clusters de unipessoais, 2010, Viçosa, MG.	76
Tabela 7 - Tabulação cruzada entre variáveis de pessoas e variáveis de domicílios para os clusters de casais com filhos, 2000, Viçosa, MG.	84
Tabela 8 - Tabulação cruzada entre variáveis de pessoas e variáveis de domicílios para os clusters de monoparentais, 2000, Viçosa, MG.	90
Tabela 9 - Tabulação cruzada segundo raça, idade e qualidade do entorno, Responsáveis por Domicílio, Viçosa, 2000.	90
Tabela 10 - Tabulação cruzada segundo raça, idade e qualidade do entorno, Responsáveis por Domicílio, Viçosa, 2010.	93
Tabela 11 - Tabulação cruzada segundo estado civil, sexo e qualidade do entorno, Responsáveis por Domicílio, Famílias Estendidas, Viçosa, 2000.	99
Tabela 12 - Tabulação cruzada segundo estado civil, sexo e qualidade do entorno, Responsáveis por Domicílio, Famílias Estendidas, Viçosa, 2010.	101
Tabela 13 - Síntese das características dos arranjos unipessoais. Censo Demográfico de 2000. Viçosa, MG.	114
Tabela 14 - Síntese das características dos arranjos casais sem filhos. Censo Demográfico de 2000. Viçosa, MG.	115
Tabela 15 - Síntese das características dos arranjos casais com filhos. Censo Demográfico de 2000. Viçosa, MG.	116
Tabela 16 - Síntese das características dos arranjos monoparentais. Censo Demográfico de 2000. Viçosa, MG.	117

Tabela 17 - Síntese das características dos arranjos famílias estendidas. Censo Demográfico de 2000. Viçosa, MG.....	118
---	-----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Síntese de conceitos fundamentais.....	26
Quadro 2 - Análise de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Responsáveis por Domicílio, Viçosa, 2000 e 2010.	52
Quadro 3 - Análise de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Unipessoais, Responsáveis por Domicílio, Viçosa, 2000.	57
Quadro 4 - Comparação de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Unipessoais, Responsáveis por Domicílio, Viçosa, 2000.	58
Quadro 5 - Análise de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Unipessoais, Responsáveis por Domicílio, Viçosa, 2010.	59
Quadro 6 - Comparação de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Unipessoais, Responsáveis por Domicílio, Viçosa, 2010.	60
Quadro 7 - Comparação de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Unipessoais, Características do entorno, Viçosa, 2000.....	63
Quadro 8 - Comparação de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Unipessoais, Características do entorno, Viçosa, 2010.....	66
Quadro 9 - Análise de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Casais sem Filhos, Responsáveis por Domicílio, Viçosa, 2000.	69
Quadro 10 - - Comparação de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Casais sem filhos, Características do entorno, Viçosa, 2000.	69
Quadro 11 - Análise de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Casais sem Filhos, Responsáveis por Domicílio, Viçosa, 2010.	70
Quadro 12 - Comparação de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Casais sem filhos, Características do entorno, Viçosa, 2010.	71
Quadro 13 - Comparação de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Unipessoais, Características do entorno, Viçosa, 2000.....	72
Quadro 14 - Comparação de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Unipessoais, Características do entorno, Viçosa, 2010.....	75
Quadro 15 - Comparação de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Casais com filhos, Responsáveis por Domicílio, Viçosa, 2000.	77
Quadro 16 - Análise de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Casais com Filhos, Responsáveis por Domicílio, Viçosa, 2000.	78

Quadro 17 - Análise de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Casais com Filhos, Responsáveis por Domicílio, Viçosa, 2010.	79
Quadro 18 - Comparação de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Casais com filhos, Responsáveis por Domicílio, Viçosa, 2010.	80
Quadro 19 - Comparação de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Casais com filhos, Características do entorno, Viçosa, 2000.	82
Quadro 20 - Comparação de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Casais com filhos, Características do entorno, Viçosa, 2010.	83
Quadro 21 - Análise de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Monoparentais, Responsáveis por Domicílio, Viçosa, 2000.	85
Quadro 22 - Análise de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Monoparental, Responsáveis por Domicílio, Viçosa, 2000.	86
Quadro 23 - Análise de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Monoparental, Responsáveis por Domicílio, Viçosa, 2010.	86
Quadro 24 - Análise de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Monoparentais, Responsáveis por Domicílio, Viçosa, 2010.	87
Quadro 25 - Comparação de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Monoparental, Características do entorno, Viçosa, 2000.	89
Quadro 26 - Comparação de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Monoparental, Características do entorno, Viçosa, 2010.	92
Quadro 27 - Comparação de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Famílias Estendidas, Responsáveis por Domicílio, Viçosa, 2000.	94
Quadro 28 - Análise de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Família Estendida, Responsáveis por Domicílio, Viçosa, 2000.	95
Quadro 29 - Análise de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Família Estendida, Responsáveis por Domicílio, Viçosa, 2010.	95
Quadro 30 - Comparação de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Famílias Estendidas, Responsáveis por Domicílio, Viçosa, 2010.	96
Quadro 31 - Análise de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Família Estendida, Características do Entorno, Viçosa, 2000.	98
Quadro 32 - Análise de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Família Estendida, Características do Entorno, Viçosa, 2010.	100

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I - ARRANJOS DOMICILIARES BRASILEIROS	13
1.1 Família e Domicílio: conceitos fundamentais	13
1.2 Alterações nos Padrões dos Arranjos Domiciliares nos últimos anos	27
1.3 Arranjos Domiciliares e Padrões de Moradia	33
1.4 O município de Viçosa: breve contextualização	34
CAPÍTULO II - MATERIAIS E MÉTODOS	42
2.1 Fonte de Dados Secundários	42
2.2 Variáveis selecionadas e Recorte Temporal e Espacial	44
a. Censos Demográficos 2000, 2010	45
b. Caracterização dos arranjos domiciliares	47
2.3 Critério para Análises Quantitativas (técnicas de agrupamento estatísticos) ...	48
a. Análise Two-Step de Cluster	48
CAPÍTULO III – DISCUSSÃO DOS PERFIS E CARACTERÍSTICAS INDIVIDUAIS DOS ARRANJOS	49
3.1 Análise Discriminante	49
3.2 População e domicílios viçosenses segundo o Censo Demográfico 2000 e 2010	49
3.2.1 Agrupamentos segundo características gerais da população	49
3.2.2 Agrupamentos segundo características gerais dos domicílios	52
3.3 Nuances internas aos arranjos domiciliares viçosenses	56
3.3.4 Unipessoais	56
3.3.4 Casais sem Filhos	67
3.3.5 Casais com filhos	76
3.3.6 Monoparentais	84
3.3.7 Famílias estendidas	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
REFERÊNCIAS	108
APÊNDICES	114

INTRODUÇÃO

As condições de vida das famílias brasileiras instigam a pensar propriamente quais são os fatores que podem estar atrelados às mudanças, quais forças atuam e como os padrões de moradia se alteram ao longo do tempo. Para o presente trabalho, a principal inquietação é entender como se organizam os arranjos domiciliares viçosenses. Dessa forma, faz-se necessário compreender quais as características do perfil dos seus integrantes e se há diferenças notáveis entre os padrões de vida entre esses e os arranjos brasileiros de uma maneira geral.

Partimos da suposição de que a forma como as famílias se organizam dentro dos domicílios está em constante transformação (ALVES E CAVENAGHI, 2006). Isto, pois sua composição se modifica a partir de iguais transformações nos comportamentos individuais e sociais (propensões a se unir, em gerar filhos, a idade ao tê-los, expectativa de vida, etc.). A queda da fecundidade é um exemplo (MEDEIROS E OSÓRIO, 2001). A partir dela podemos deduzir que o número de integrantes por família diminuiu no decurso do tempo (BERQUÓ, 1989). Porém, antever a diminuição do número de membros por família nuclear não significa que a fração de famílias nucleares tenha caído ou que a participação de núcleos familiares que coabitam na mesma moradia tampouco tenha diminuído (BILAC, 1980).

A partir da segunda metade do século XX, sobretudo à luz da Segunda Transição Demográfica e da Transição Urbana, toda uma sorte de fatores de ordem demográfica, social, econômica e cultural aceleraram a alteração de padrões até então hegemônicos que influenciavam a composição dos arranjos domiciliares. Desde uma perspectiva arquitetônica (a que nos interessa), essas alterações produziram consequências irrestritas apenas à estrutura familiar, supõe-se, na verdade, “que correspondam (a) novas formas do habitar e, portanto, novas tipologias do espaço da habitação” (TRAMONTANO, 1998), posta a relação dialética entre família e domicílio.

Uma hipótese, então, é de que as flutuações e os intercâmbios entre arranjos estão diretamente correlacionados ao porte dos municípios - ou seja, às classificações e diferenças entre escalas de urbano/rural. Decisões como número de filhos, uniões, divórcio e a própria inserção no mercado de trabalho estão sujeitas a momentos de transições urbanas e individuais, pois são componentes que dialogam com urbanização. Entretanto, no presente momento de estudo não nos lançamos à busca por estudar as correlações dessa natureza, visto que exige um fôlego e esforços que

escapam ao tempo permitido pelo cronograma de um mestrado. Nos interessamos por compreender, primeiramente, quais são as características que dão forma ao perfil desses arranjos, nas quais as transições demográficas constituem-se essencialmente como elemento explicativo, de viés histórico, destas dinâmicas de transformações sociodemográficas, mas não como unidade de análise.

Mais do que necessário expressar essas acepções - pois, afinal, este é em sua essência um exercício entre refletir sobre o urbano e o arquitetônico junto da sociologia e demografia- entendemos como indispensável enunciar tais questões logo de início, de forma a não perder de vista, ao decorrer do estudo, qual seu objetivo: observar e descrever as características dos integrantes das famílias e dos domicílios brasileiros.

Portanto, tomamos como unidade de análise o domicílio e observamos a família e seus integrantes a partir desta ótica, ou seja, sempre associados à unidade domiciliar e enquadrando-os entre as décadas de 2000 e 2010. Avaliamos suas dinâmicas, alterações de padrões de perfil e moradia e atributos individuais e domiciliares. A partir dessas características, compreenderemos as transformações que tanto domicílio, quanto família experimentaram ao longo do tempo e acreditamos que seja possível entender tendências futuras das composições dos arranjos, fato de validade ímpar para muitos campos, e especialmente, à habitação de interesse social.

Estruturamos o estudo da seguinte maneira: esta introdução, com uma breve descrição dos nosso objeto de pesquisa e hipóteses. O Capítulo I trata dos conceitos fundamentais a este estudo com ênfase na literatura a respeito dos arranjos domiciliares brasileiros e uma contextualização de Viçosa, município sobre o qual estamos nos debruçando. Em seguida, o Capítulo II se refere a metodologia, mais particularmente aos nossos objetivos, materiais e métodos que utilizamos, com ênfase nos critérios para seleção da base de dados e das variáveis escolhidas. No Capítulo III, enfim, apresentamos os resultados dos agrupamentos de arranjos domiciliares a partir de suas características de individuais e de entorno e discutimos suas correlações.

Por último, apresentamos as Considerações Finais, onde resumimos nossos resultados de pesquisa, revisamos hipóteses e suposições iniciais e concluímos a descrição dos arranjos domiciliares viçosenses. Mergulhemos neles agora.

CAPÍTULO I - ARRANJOS DOMICILIARES BRASILEIROS

O presente capítulo almeja introduzir os conceitos fundamentais à preocupação principal, qual seja: a forma como as famílias domiciliares viçosenses se organizam dentro das unidades de residência durante a década 2000-2010. Para tal, construímos um arcabouço teórico a partir da bibliografia, adequando-o a uma perspectiva arquitetônica e urbana.

1.1 Família e Domicílio: conceitos fundamentais

Entender as dinâmicas que existem por trás destes dois conceitos é tarefa árdua e, como dito, sujeita à perspectiva, ao arcabouço teórico e aos objetivos analíticos adotados. Há, em geral, uma confusão em conceituá-los, pois é comum tomá-los, não necessariamente como sinônimos, senão como dimensões indissociáveis. Em outras palavras, é senso comum que cada moradia corresponde a uma família. Ora, tal noção geral não poderia estar mais longe da verdade. Nesse sentido, mergulhar na bibliografia sobre o assunto nos ajudará a pormenorizar-los, significá-los e circunscrevê-los.

Não podemos nos esquecer que este estudo está sendo desenvolvido dentro de um departamento de arquitetura e urbanismo. Família e domicílio são essenciais no meio arquitetônico, entre outras razões, para o cálculo do déficit habitacional, ou ainda, para o estabelecimento de políticas públicas de cunho habitacional. Questões relativas à posse ou propriedade, à coabitação-co residência e à flexibilidade física-programática da moradia em função da composição momentânea do arranjo são apenas alguns assuntos que derivam do entendimento sobre os sentidos de família e domicílio. Não temos a pretensão de esgotá-los, apenas estamos ventilando-os para esclarecer a importância deles inclusive dentro da arquitetura e urbanismo.

É comum, ainda hoje, projetos arquitetônicos que partem de uma visão homogeneizante da família, como se todas fossem iguais ou seguissem os mesmos cursos “evolutivos”. Não menos comum, portanto, é também uma perspectiva padrão do programa de necessidades, afinal, se há um tipo de família normal, por que não haveria necessidades e, logo, ambientes e funções arquitetônicas recorrentes? Queremos deixar claro que desconfiamos dessa visão massificadora. Mas como relativizá-la sem antes descrever a relação entre famílias e domicílios hoje como o resultado de transformações do processo histórico? Uma vez mais, retornamos ao nosso objetivo principal.

A Sociologia aponta que a forma como se dão as organizações familiares é condicionada a momentos históricos distintos, contextos particulares e constrangimentos impostos por instituições e normas sociais. (BERQUÓ, 1989; BRUSCHINI, 1989; WAJNMAN, 2012). Dessa maneira, a família é “[...] a unidade básica de socialização dos indivíduos, refletindo comportamentos socialmente determinados” (WAJNMAN, 2012, p.15)

A dificuldade reside em como pensar uma perspectiva de análise que observe a família, uma unidade de análise multidimensional e plural em essência; e domicílio, palco concreto e pragmático onde essa família se realiza (BILAC, 1980)?

Para tal, é prudente circunscrever qual definição de família e domicílio adotamos aqui. Por família, entendemos os indivíduos e grupos ligados por laços de parentesco (incluindo filhos não biológicos e relações conjugais juridicamente formalizadas ou não) não limitados às paredes da residência, isto é, do domicílio físico (WAJNMAN, TURRA E AGOSTINHO, 2014; MEDEIROS E OSÓRIO, 2001). Esse prisma observa, também, as formas de organização intradomiciliares. Na Demografia, o conceito definidor é a convivência sob o mesmo teto, que implica no compartilhamento de despesas e o consumo de bens (BRUSCHINI, 1989).

[...] convencionou-se, nas ciências sociais de modo geral, aplicar a noção de família ao grupo doméstico que ocupa uma mesma habitação. Nas pesquisas do IBGE, tanto a estrutura física quanto o grupo de pessoas que residem numa mesma habitação são chamados de “domicílio”, enquanto os núcleos familiares são denominados “famílias”. Desse modo, um domicílio pode ser composto de várias famílias, o que é a situação das famílias estendidas. (WAJNMAN, TURRA E AGOSTINHO, 2014, p.11)

Bruschini (1989) faz um apanhado de marcos definidores do conceito de família, debruçando-se, sobretudo, nas limitações às possibilidades de apreensão teórica e empírica das perspectivas de estudo. De um lado, há o recorte simbólico da Sociologia e da Antropologia, de outro, pesquisas domiciliares com uma abordagem mais operacional do campo da Demografia. A praticidade demográfica não é, neste caso, uma crítica, embora, evidentemente, limite a forma como os dados secundários apreendem os conceitos de família e domicílio.

Na Antropologia, a família é vista como um grupo social concreto e empiricamente delimitável, mas também sujeita a um molde cultural dado por significativas representações históricas e sociais. Esse grupo é formado por indivíduos ligados por elos de sangue, parentesco, adoção ou aliança socialmente reconhecidos e organizados em núcleos de reprodução social, que envolvem também padrões de

procriação e consumo. Neste plano, Oliveira (1981 *apud* Bruschini, 1989) coloca que é dentro desta unidade familiar onde são tomadas as decisões sobre o comportamento reprodutivo.

Por sua vez, uma das vertentes psicológicas, a freudiana, assevera que a família equivale a uma rede complexa de vínculos, analisados a partir dos impactos psicológicos que as relações entre os membros, isto é, o grupo, gera nestes mesmos indivíduos.

Por essas disciplinas, podemos apreender a família como a consubstanciação de hierarquias e relações de poder entre os gêneros e gerações que em geral mantém grande relação com o espaço físico da habitação. Ademais, é uníssono entre todos esses campos e saberes, o caráter mutável da família.

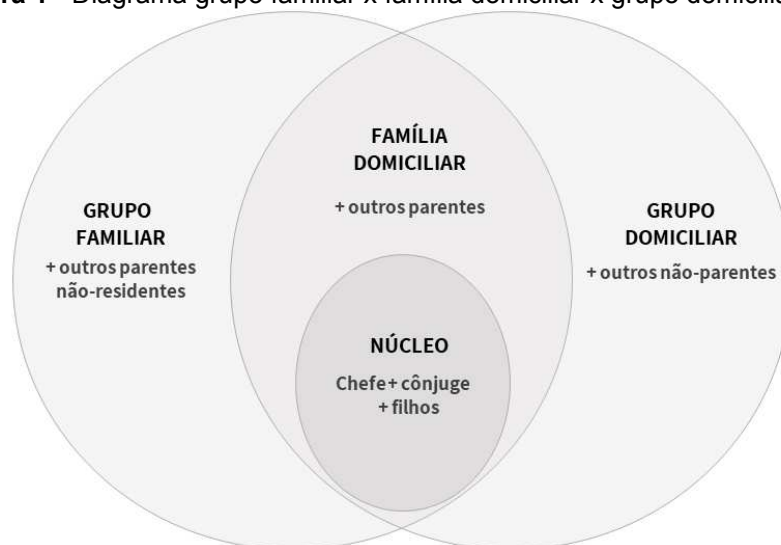
Rodrigues (1978, 1980) *apud* Bruschini (1989) comenta que o conceito de família como unidade de análise avança apenas quando esta é entendida como detentora de uma dinâmica própria e, para tal, é necessário recuperar a noção do indivíduo dentro do grupo familiar. O autor coloca que, para traduzir este entendimento na prática, é importante nos preocuparmos em analisar as duas unidades, indivíduo e coletivo simultaneamente. Família não é puramente a somatória dos indivíduos que a compõem, mas envolve uma rede multidimensional de complexas relações entre agentes e atores detentores de individualidades, cristalizando decisões que impactam desde o grupo até seus indivíduos. É dizer, decisões individuais são socialmente orientadas pela família. Assim como, indivíduos também podem transformá-la por dentro. Ora, qual, então, é o perfil das famílias viçosenses mais recentemente?

Outro componente essencial à analogia da equação familiar é o domicílio, é dizer, o local de residência e palco para a efetivação da maioria das dinâmicas da família. O domicílio, enquanto definição prática, consiste no espaço físico da moradia na qual residem uma ou mais famílias.

Aqui, estamos lidando com o grupo domiciliar, ou seja, com aqueles indivíduos aparentados dentro dos limites físicos da residência. A razão para adotarmos o conceito de grupo domiciliar e não familiar é pragmática. Se nos referíssemos ao último, a preocupação se estende àqueles grupos com relações mais abrangentes, que extrapolam os limites da residência, o que implicaria em observar redes familiares de parentesco. Como este é um estudo descritivo, nos limitamos a pensar estritamente nas características e perfis dos indivíduos dentro de um mesmo ambiente domiciliar, tendo em mente que a fonte de dados secundários, no intuito de operacionalizar o

conceito de família, restringe-a ao grupo domiciliar, visto que é ele “o grupo cujas pesquisas domiciliares são capazes de descrever com boa dose de precisão” (WAJNMAN, 2012).

Figura 1 - Diagrama grupo familiar x família domiciliar x grupo domiciliar.



Fonte: Elaboração do grupo de pesquisa Territórios&Desigualdades, 2020, a partir de Wajnman, 2012.

Decerto ao limitarmos o conjunto de relações familiares àquelas que ocorrem dentro dos domicílios, hiperbolizamos as decisões desta família domiciliar. Porém, claro, elas não são isoladas, senão são socialmente condicionadas e orientadas por outras relações familiares e, logo, por outras famílias em outros domicílios, além, é claro, do próprio conjunto da sociedade. Estamos cientes da nossa miopia e entender a influência entre diferentes famílias domiciliares pode ser uma interessante agenda de pesquisa.

É oportuno ressaltar as diferenças entre família parental e família domiciliar, a qual nos preocupamos aqui. Segundo Wajnman (2012), o grupo familiar consiste numa unidade mais ampla, que abrange indivíduos que podem estar geograficamente dispersos e com graus de convivência e apoio mútuo altamente variáveis, enquanto o grupo domiciliar refere-se às pessoas que vivem em uma unidade residencial e compartilham bens públicos e outras trocas, facilitadas pela proximidade física, independentemente de terem ou não laços de parentesco. Em resumo, a família domiciliar é a interseção do parentesco com a coresidência, o que resulta num grupo de membros que vivem juntos e compartilham grau de parentesco. Nos ateremos a ela.

Ainda segundo Wajzman (2012), a conveniência desta unidade de análise reside no fato da combinação de parentesco com proximidade física definir um grupo mínimo, que opera coletivamente em muitos aspectos. Entretanto, reconhecemos que diante do cenário atual, onde os vínculos entre os indivíduos tornam-se cada vez mais dinâmicos e complexos, esta opção falha em captar esse dinamismo de novos laços e comportamentos, pois exclui aqueles que se estendem fora das fronteiras do domicílio.

Diante dessa conotação, as famílias estendidas ganham um novo sentido, pois passam a se referir à família parental mais ampla, com laços fortalecidos independente das fronteiras geográficas e irrestritos às paredes do domicílio:

Essas novas famílias estendidas não formam unidades firmemente estruturadas, como nas sociedades tradicionais, baseadas no parentesco, já que as relações entre seus membros não são obrigatórias, mas, sim, objeto de escolha individual e os parentes estendidos constituem uma fonte de que se pode tirar proveito dentro de circunstâncias específicas (HARALAMBOS E HOLBORN, 2010 *apud* WAJZMAN, 2012)

Devemos ser sensíveis ao fato de que os vínculos entre pessoas aparentadas podem ser fortes e altamente significativos, mesmo quando não compartilham do mesmo domicílio e vivem a uma considerável distância uns dos outros (LOPES, 1976). Entretanto, visto que os instrumentos de pesquisa não permitem uma apreensão dessas relações, é um esforço complicado entender como avaliá-las e descrevê-las de acordo com as variáveis categóricas disponíveis. Este é um dos obstáculos para estudos que buscam retratar as famílias para além dos domicílios. Numa situação exemplo, considere um grupo familiar no qual um parente geograficamente distante pode ser fonte de assistência financeira e arcar com parte das despesas do domicílio, como estabelecer critérios para captar e retratar a renda bruta desse arranjo? O mesmo é válido ao se avaliar a relação com a pessoa responsável do domicílio, é tarefa difícil desvendar a hierarquia dos vínculos entre aqueles que convivem no mesmo domicílio que a pessoa de referência e os parentes não-residentes. Esse propósito escapa nossas intenções de pesquisa, por tal razão nos atemos aos graus de relacionamento exclusivos aos indivíduos residentes em um mesmo domicílio, ou seja, a fração denominada por Wajzman (2012) de “família domiciliar”.

Aliás, vale ponderarmos que nem todos os recursos e insumos são fornecidos por relações familiares, de parentesco, aliança ou consanguinidade, senão por relações de amizade, vizinhança, coleguismo, fossem físicas e/ou virtuais.

Granovetter (1973) nos alerta para a força dos laços “fracos” na fluência de capital social e no processo de mobilidade social. O autor não estabelece um paralelismo entre laços fortes e família, tampouco entre laços fracos e amizade. A força ou fraqueza das relações seriam mais fruto da rotina, do significado da interação e, logo, das ajudas e suportes trocados do que necessariamente o desdobramento da categoria analítica do contato em si. Presumimos assim que parte significativa dos recursos tanto dos ditos laços fortes, quanto fracos provêm do domicílio. Como constantemente alertamos, certamente ao restringirmos as análises ao domicílio estamos deixando escapar tudo o que a ele é alheio, porém nos parece que a opção holística é intangível e incognoscível.

De acordo com o IBGE, os Censos Demográficos seguem uma definição de família que a torna operacionalizável e transforma os conceitos em variáveis descritivas, conseqüentemente, essa abordagem se distancia das concepções sociológicas ou antropológicas de família (BILAC, 2003). Segundo o IBGE:

Família (é) o conjunto de pessoas ligadas por laços de parentesco, dependência doméstica ou normas de convivência, residente na mesma unidade domiciliar, ou pessoa que mora só em uma unidade domiciliar. Entende-se por dependência doméstica a relação estabelecida entre a pessoa de referência e os empregados domésticos e agregados da família, e por normas de convivência as regras estabelecidas para o convívio de pessoas que moram juntas, sem estarem ligadas por laços de parentesco ou dependência doméstica. (IBGE, 2020a).

Os censos e instrumentos de coleta de dados no Brasil adotam este conceito denominado por **família censitária**, entendidas como aquelas que compartilham um mesmo domicílio e são classificadas da seguinte maneira:

- Pessoa só: pessoas vivendo sozinha em um domicílio;
- Família única: nos domicílios particulares ocupados por uma só família e nos boletins das famílias residentes em domicílios coletivos
- Família principal: referente às famílias cujos chefes são os donos, locatários ou responsáveis pelos domicílios particulares onde vivem mais de uma família;
- Família Secundária - parente: referente às famílias secundárias, quando entre estas e as principais existirem laços de parentesco;
- Família Secundária - não parente: referente às famílias secundárias, quando entre estas e as principais não existirem laços de parentesco.

Mesmo a definição de família censitária varia ao compararmos o método de institutos de pesquisa internacionais. Para vários (BENDER, 1967; BOHANNAN,

1963; KEESING, 1958), os indivíduos que habitam um mesmo domicílio, mas não dividem laços de parentesco e uma pessoa morando sozinha não se constituem como família. O Bureau dos Estados Unidos, por exemplo, estabelece critérios que separam esses domicílios entre domicílios familiares (Family households) e domicílios não-familiares (Nonfamily households) (ALVES E CAVENAGHI, 2005). As discrepâncias entre a forma como cada país opta por padronizar os conceitos exigem uma atenção especial ao compararmos seus dados. A exemplo do Brasil e Estados Unidos, o que o primeiro chama de unidades familiares são consideradas unidades não-familiares pelos americanos. A Fundação João Pinheiro¹ vê esse fato como sinal de que existe um superávit habitacional nos Estados Unidos e justificou a sua metodologia de incluir toda coabitação no Brasil na categoria de déficit habitacional (FJP, 1995 *apud* ALVES E CAVENAGHI, 2005).

No Brasil a definição de família independe da existência de uma unidade de consumo ou da alimentação conjunta, basta que uma pessoa ou grupo de pessoas parentes ou não-parentes habitem um domicílio para serem consideradas famílias (ALVES, 2005).

Como será visto adiante, essa definição de família implica em particularidades incomparáveis entre os países latino-americanos pois difere de orientações feitas pela Organização das Nações Unidas (ONU).

Nos recenseamentos, o mapeamento do grupo familiar parte da identificação de um chefe ou pessoa responsável² e representa os demais indivíduos presentes no domicílio de acordo com os vínculos à pessoa de referência. Segundo Wajnman (2012), até o ano de 2000, os Censos Demográficos brasileiros reportavam a relação dos membros com a pessoa de referência do domicílio e também com a pessoa de referência da família, essa metodologia permitia mais possibilidades de identificação das relações familiares, principalmente para as famílias estendidas. Por exemplo, em domicílios nos quais duas unidades domésticas convivem, graças à identificação da relação tanto com a pessoa de referência na família quanto com a no domicílio, seria possível identificar o papel de cada parente em relação ao arranjo familiar em si, como também em seu núcleo familiar específico. Esse tipo de identificação é difícil de ser

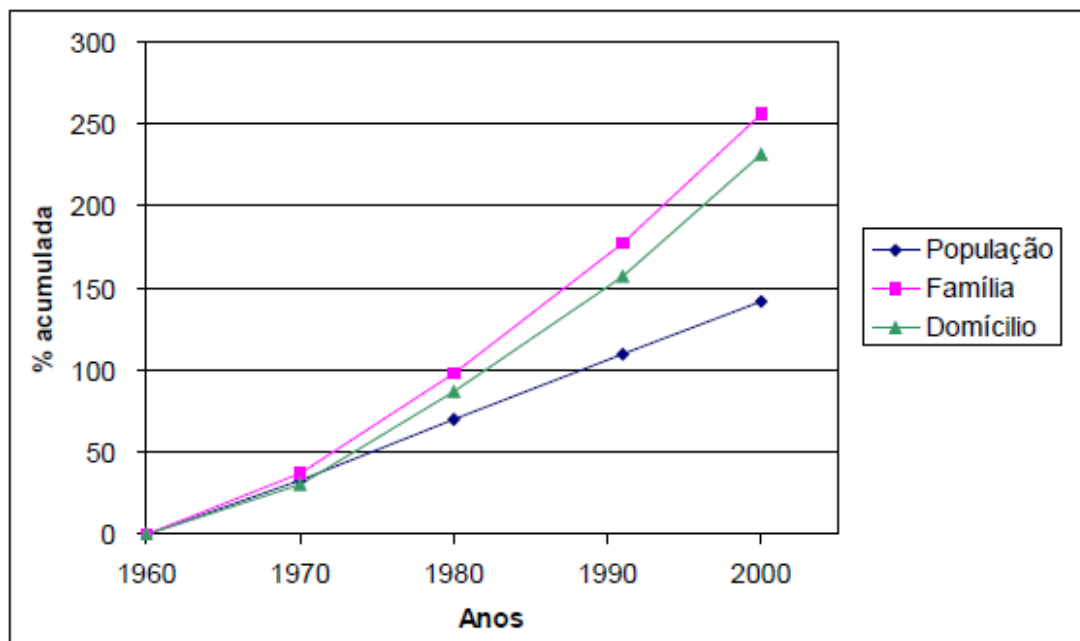
¹ Órgão oficial de pesquisa em políticas públicas, estatísticas e ensino em administração pública do Governo do Estado de Minas Gerais.

² A denominação de chefe data até o censo de 1991, tendo sido alterada para “pessoa responsável pelo domicílio e pela família” no censo de 2000 (WAJNMAN, 2012).

realizada para o Censo de 2010, pois este suprimiu a informação sobre a pessoa de referência da família.

O gráfico abaixo, elaborado por Alves (2004) a partir dos dados dos Censos de 1960-2000, representa a evolução das taxas de crescimento da população, das famílias e dos domicílios brasileiros. Em todos os momentos, o crescimento das famílias foi superior ao da população e dos domicílios, o que implica na diminuição da percentagem de famílias conviventes nos domicílios e a redução da densidade média de pessoas por habitação (ALVES, 2005). Enquanto a taxa média de crescimento geométrico da população ficou em torno de 2,24%, a das famílias e domicílios esteve sempre acima de 3%. Esse cenário atesta uma diversificação de arranjos familiares intradomiciliares, com composições heterogêneas com menos integrantes e um número maior de famílias nos domicílios particulares ocupados.

Gráfico 1 - Percentagem de crescimento acumulado da população, das famílias e dos domicílios no Brasil entre 1960 e 2000.



Fonte: As características dos domicílios brasileiros entre 1960 e 2000. ALVES, 2005. Censos demográficos do IBGE.

Os números induzem a um entendimento de que as uniões consensuais têm se tornado uma modalidade cada vez mais comum (COVRE-SUSSAI, 2015; VILLA, 2012). Na verdade, sabemos que as uniões consensuais têm raízes históricas e constituem um efeito particular dos padrões de nupcialidade na América Latina. Covre-Sussai (2015) coloca que este tipo de união advém das particularidades da nossa colonização, em que mesmo com a introdução dos padrões europeus de casamento na América Latina, as populações indígenas nativas e de ascendência africana também já traziam consigo diferentes formas de organização e associação.

Num primeiro momento, o contraste entre o aumento da quantidade de famílias e a diminuição do número de moradores por domicílio pode parecer um paradoxo, mas estudos indicam que esta é uma consequência direta da queda da fecundidade e do envelhecimento da população, o que reduziu o ritmo de crescimento populacional (ALVES, 2005; BERQUÓ, 1989; ARRIAGADA, 2006). Além disso, os novos comportamentos que acompanham a consolidação de valores associados à modernidade são cruciais para o entendimento da trajetória dessas transformações, como discutiremos em um próximo momento.

Ainda que os dados apurados pelos Censos apresentem dificuldades de comparabilidade, eles permitem uma análise conjuntural de indicadores que se

estendem desde condições habitacionais, das características físicas da moradia à unidade de análise mínima: o indivíduo. Através deles é possível traçar um retrato evolutivo dos domicílios e famílias.

Assim, segundo o Manual do Recenseador de 2020 (IBGE, 2019), **domicílio** é o local estruturalmente separado e independente que se destina a servir de habitação a uma ou mais pessoas ou que seja utilizado como tal. Um domicílio pode ser composto de uma ou mais edificações localizadas no mesmo terreno ou por cômodos com entradas independentes em uma mesma edificação, mas somente será considerado como tal quando atender aos critérios de separação e independência. Além disso, o IBGE coloca que domicílios e estabelecimentos comerciais podem coexistir em uma mesma unidade. Para os Censos, o conceito de unidades domiciliares e residenciais são equivalentes.

A metodologia adotada pelo Censo Brasileiro não faz distinção entre **unidades domésticas** (hogares) e **unidades de residência** (domicílios) (BILAC, 2003). Os critérios de domicílio adotado no Brasil - baseado nos princípios de separação e independência- coincidem com a definição da ONU de unidade de habitação, entendida como um compartimento separado e independente, destinado à acomodação de pessoas (ONU, 2010).

Segundo o Manual de Princípios e Recomendações para os Censos de População e Habitação, o conceito de “hogar” (casa/domicílio) define-se da seguinte maneira:

O conceito de "casa" é baseado nos arranjos feitos pelas pessoas (individual ou coletivamente) para atender às suas necessidades de alimentos ou outros itens essenciais para a vida. O domicílio pode ser: a) unipessoal, quando uma pessoa atende suas próprias necessidades nutricionais e outras necessidades vitais sem se juntar a nenhum outro para formar um domicílio multipessoal, ou b) multipessoal, quando um grupo de duas ou mais pessoas adota disposições em comum com fornecem-se com comida ou outros itens essenciais para a vida. Os membros do grupo podem reunir seus recursos e ter um orçamento comum; pode ser um grupo consistindo apenas de pessoas relacionadas ou não, ou pode ser uma combinação de ambas as classes. (ONU, 2010, p. 108, tradução nossa).

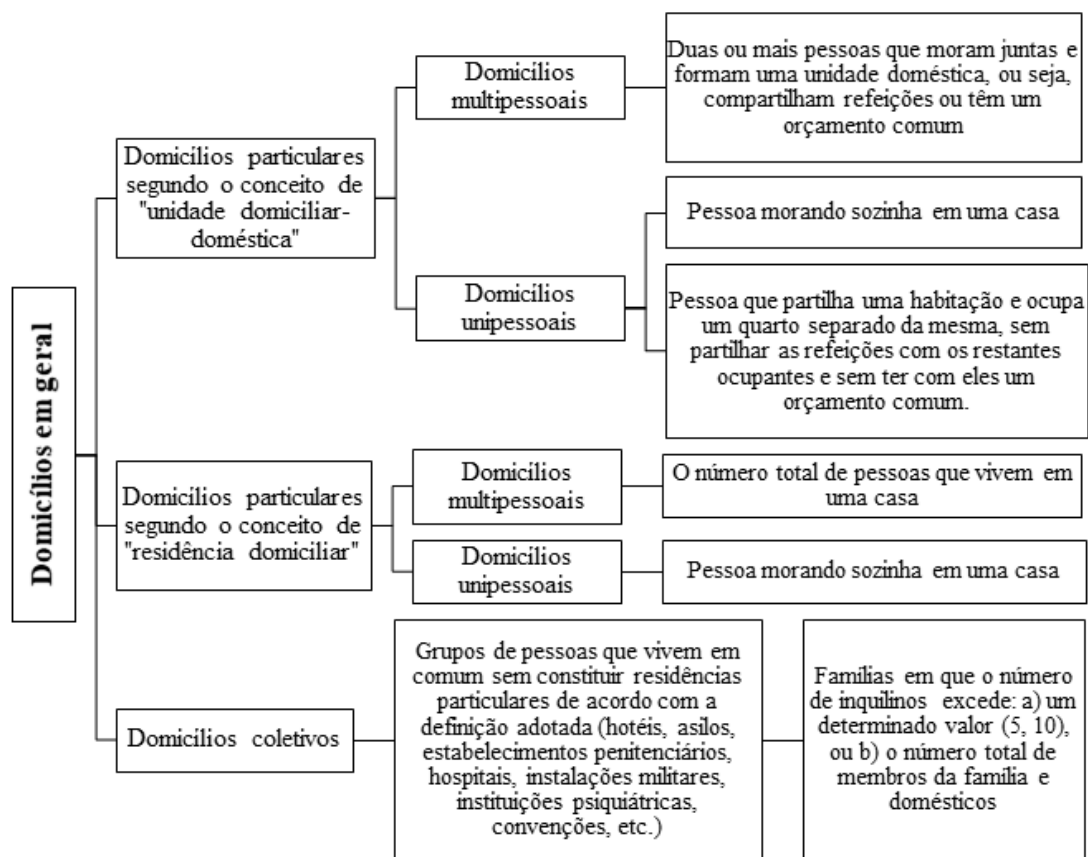
Esse conceito de casa, entretanto, não é largamente utilizado pelas pesquisas censitárias brasileiras. Por essa definição estão implícitos princípios da economia doméstica e o domicílio é tido como uma unidade censitária a partir da qual se coletam dados econômicos. Segundo essa definição, esse grupo de pessoas está vinculado à noção de unidade de produção e consumo (CAVENAGHI E ALVES, 2011). Portanto

estaria mais próxima do entendimento de unidade doméstica, pois subentende-se que, pelo compartilhamento de um orçamento em comum, originam-se novas dinâmicas entre os moradores, com hierarquias que organizam as relações entre eles (BILAC, 1980).

Alguns estudos como a Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) e a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) combinam o conceito de unidade de habitação e unidade doméstica (CAVENAGHI E ALVES, 2011). Os critérios de separação e independência estão presentes, mas, no primeiro, os residentes devem ser total ou parcialmente responsáveis pelas despesas com a alimentação e/ou habitação. Cavenaghi e Alves (2011) destacam que critério de separação utilizado para definir a unidade habitacional (domicílios) nas pesquisas domiciliares no Brasil é importante porque mudanças nos conceitos utilizados nos dois últimos Censos Demográficos (2000 e 2010) são orientados para essa definição, em que se conjugam o conceito de habitação e lar (*hogar*) e o conceito de domicílio.

Lopes (1976) utiliza o termo “*hogar*” como sinônimo de domicílio e compila as definições utilizadas pelos Censos Demográficos, prestando especial atenção às distinções entre as terminologias de unidades domésticas e unidades residenciais. A principal diferença é mais uma vez o compartilhamento das refeições. Enquanto para unidades domésticas esse comportamento é exigido, para unidades residenciais - ou domicílios particulares denominados de “residência domiciliar” - a única condição é que os indivíduos ocupem uma habitação em comum.

Figura 2 - Diferentes conceitos de domicílio utilizados pelos Censos Demográficos.

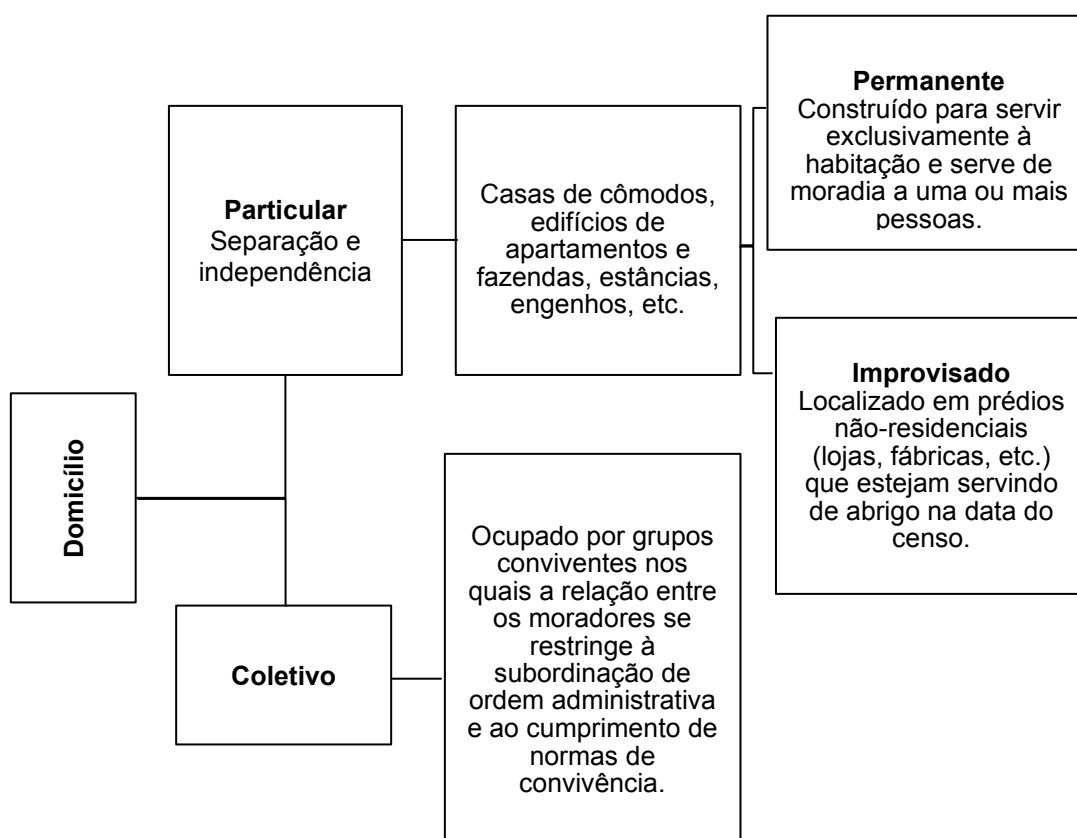


Fonte:

Adaptado e traduzido pela autora, 2021, a partir de Lopes, 1976.

Cabe tratarmos, ainda, da natureza e caracterização desses domicílios em *permanentes* ou *improvisados* e *particulares* ou *coletivos*, nosso objeto de pesquisa refere-se, especificamente, aos **domicílios particulares permanentes**.

Figura 3 - Diferentes conceitos de domicílio utilizados pelos Censos Demográficos.



Fonte: Elaboração própria a partir de Cavenaghi e Alves (2011).

Ainda segundo o IBGE, um domicílio é caracterizado como particular se os critérios de separação e independência forem seguidos, sendo que, uma moradia onde o relacionamento entre os ocupantes é ditado por laços de parentesco, de dependência doméstica³ ou por normas de convivência, pode ser classificada em permanente ou improvisada.

Os principais conceitos discutidos nesta seção estão compilados abaixo (**Quadro 1**).

³ **Dependência doméstica** é a relação estabelecida entre o responsável pelo domicílio e os empregados e agregados. **Normas de convivência** são regras de convívio de pessoas que moram juntas sem laços de parentesco ou de dependência doméstica.

Quadro 1 - Síntese de conceitos fundamentais

	CAVENAGHI E ALVES (2011)	WAJNMAN (2012)	LOPES (1976)	IBGE (2020a)
FAMÍLIA	Unidade na qual as pessoas, ou uma única pessoa, formam um grupo para satisfazer suas necessidades de alimentos e outros itens essenciais para a vida. Em nossa sociedade, as pessoas se reúnem em relações reprodutivas, que podem ser baseadas em consanguinidade ou adoção, ou na relação conjugal.	É entendida como sendo, desde o núcleo mais próximo até uma rede mais ampla de parentesco e que, para muitos propósitos, pode ser complementada por outros membros da rede de apoio, dependendo do alcance das trocas que se quer captar.	Inclui os membros do domicílio relacionados entre si por algum laço de parentesco, seja sangue, adoção ou casamento.	Conjunto de pessoas ligadas por laços de parentesco, dependência doméstica ou normas de convivência, residente na mesma unidade domiciliar, ou pessoa que mora só em uma unidade domiciliar.
UNIDADE DE RESIDÊNCIA OU DOMICÍLIO	Local de residência limitado por paredes, muros ou cercas, coberto por um telhado e que permite a pessoa ou as pessoas se isolarem uns dos outros.	Moradia estruturalmente independente, com um ou mais cômodos, com entrada privativa.	Pessoas que ocupem a totalidade ou parte de uma habitação em comum e não exige que compartilhem as refeições.	Local estruturalmente separado e independente, que se destina a servir de habitação a uma ou mais pessoas, ou que esteja sendo utilizado como tal.
UNIDADE DOMÉSTICA	A definição inclui um critério que se aproxima da definição de casa, mas o critério de diferenciação é de que os residentes devem ser total ou parcialmente responsáveis pelas despesas com alimentação ou habitação.	Conjunto de pessoas que vivem em uma unidade residencial e compartilham bens públicos, além de, realizarem outras trocas, facilitadas pela proximidade física, independentemente de terem ou não laços de parentesco.	Pessoas que ocupem a totalidade ou parte de uma habitação em comum e compartilhem as principais refeições.	Para o IBGE o conceito de unidade doméstica é equivalente ao conceito de família.

Fonte: Grupo de Pesquisa: **Território & Desigualdades**, 2020.

Nesse sentido, poderíamos resumir os arranjos domiciliares como as formas de organização das famílias domiciliares em suas unidades de residência ou, de outra

forma, em seus domicílios. Lembrando que as famílias domiciliares, aqui, podem ser compostas por núcleos familiares e reprodutivos aparentados (parentesco, consanguinidade, adoção e/ou aliança) ou não. Em adição, analisamos exclusivamente os domicílios particulares permanentes. Mas talvez essas sejam questões mais práticas e operacionais. Os arranjos retratam a forma e a composição e, embora indiretamente, o conteúdo das famílias domiciliares. São retratos momentâneos delas captados pelos Censos, isto é, não quer dizer que elas sejam imutáveis, conquanto não consigamos, de fato, acompanhá-las. Trata-se de variável categórica construída para os fins da pesquisa. Na realidade, há infinitas classes de arranjos domiciliares. Para fins comparativos, escolhemos apenas algumas.

1.2 Alterações nos Padrões dos Arranjos Domiciliares nos últimos anos

Nos preocupamos agora em fazer uma breve contextualização de marcos dentro trajetória histórica de transformações nos comportamentos das famílias e dos indivíduos que culminam nos arranjos domiciliares. Discutiremos os fatores principais que alteraram as dinâmicas sociodemográficas a começar do final do século XIX ao contexto atual e quais os efeitos já sentidos no contexto brasileiro.

O fenômeno das Transições Demográficas foi descrito inicialmente por Thompson em 1929 e Notestein em 1945, em esforços para interpretar as transformações demográficas na Europa ao final do século XIX. Notestein averiguou um novo comportamento dos índices de mortalidade, fecundidade e migração. O declínio dessas taxas marcou a mudança de paradigmas culturais, sociais e econômicos, e estes repercutiram (e continuam a repercutir) na maneira como os indivíduos se relacionam, formam suas famílias e constroem suas trajetórias, tanto individuais quanto coletivas.

De maneira resumida, Alves (2004) resume as etapas descritas por Thompson em três períodos principais: 1) No primeiro, a taxa de mortalidade cai e a taxa de natalidade permanece elevada, provocando um rápido crescimento populacional; 2) posteriormente, a taxa de natalidade começa a cair, reduzindo o ritmo de crescimento da população; 3) finalmente, as taxas de mortalidade e fecundidade convergem entre si, equalizando-se e mantendo-se em baixos patamares, o que provoca crescimento demográfico lento.

Sob uma ótica social, Lesthaeghe (2014) aponta que a 1TD (Primeira Transição Demográfica) foi marcada por um enorme investimento, sentimental e financeiro, na qualidade de vida dos filhos, conhecida como a era do *child-king*. Em contraponto, durante a Segunda Transição Demográfica – iniciada na segunda metade do século XX – houve uma transição, em que a prioridade individual era, agora, sua autorrealização. Outras mudanças incluem: adiamento do casamento e da maternidade, multiplicação do número de domicílios unipessoais e uniparentais, prolongamento da permanência na casa paterna, aumento na proporção de uniões consensuais e o rápido aumento do número de divórcios (MONTE-MÓR E SILVA, 2011; OGDEN E HALL, 2004; BUZAR, OGDEN E HALL, 2005; LESTHAEGHE, 2010; LESTHAEGHE, 2014).

Assim, podemos inferir que os processos característicos de cada etapa da 1TD transformou os núcleos familiares, as famílias domiciliares e os domicílios.

Durante a primeira fase, ou seja, com queda abrupta de mortalidade e fecundidade mantida em níveis elevados, podemos imaginar que os núcleos familiares rapidamente se expandiram, ou seja, havia mais filhos devido à fecundidade elevada e à maior probabilidade de sobrevivência deles. Não podemos nos esquecer que especialmente o primeiro período da 1TD combinou-se à concentração espacial da população no ambiente urbano. A demanda foi muito maior do que a oferta de habitações num contexto onde direitos do bem-estar social ofertados pelo Estado apenas engatinhavam. As altas densidades de habitantes por cômodo, a insalubridade e as demais carências habitacionais não são casuais, portanto. Na etapa seguinte, supomos que as densidades domiciliares caíram em função da diminuição do número de filhos, embora os fatores sejam, claro, multidimensionais e dependam, inclusive, de processos macroestruturais, como a maior oferta de moradias a partir da ótica de um Estado mais presente e equalizador de desigualdades socioeconômicas. Isto é, onde o Estado não incidiu para minimizá-las a diminuição da fecundidade não significou diminuição do déficit, tampouco diminuição da inadequação habitacional. No terceiro e último momento, as transformações nos regimes de mortalidade e fecundidade consolidaram as tendências das formas de organização das famílias domiciliares em suas residências: núcleos familiares menores, integrantes provavelmente mais envelhecidos, maiores taxas de chefia e

relações outras entre unidades familiares e balanço habitacional dependendo da oferta de habitações.

Como dito, uma das consequências diretas da Primeira Transição Demográfica foi a diminuição do tamanho das famílias, isto é, do número de integrantes por domicílio, especialmente na América Latina (ARRIAGADA, 2006; BERQUÓ, 1989). Ela esteve diretamente relacionada à queda da fecundidade, mas não é consequência exclusiva dela. Villa (2012) aponta que entre outras razões para o surgimento de novos grupos domésticos no contexto pós-moderno, a queda no número de casamentos e o crescimento de separações e divórcios foram dois processos diretamente relacionados com o aumento do número de unidades domiciliares, principalmente no meio urbano.

A proposta de que estaria em curso uma Segunda Transição Demográfica foi inicialmente delineada por Ron Lesthaeghe e Dirk Van de Kaa em 1986. Segundo esses dois autores, a principal característica da Segunda Transição Demográfica é o declínio das taxas de fecundidade a patamares abaixo do nível de reposição.

Novos comportamentos ganham destaque com a STD. A autorrealização pessoal se sobrepõe à expectativa de filhos (VAN DE KAA, 2002). A queda da fecundidade estava inicialmente correlacionada à mudança de comportamentos, onde o interesse dos pais passou a ser focado em garantir melhores oportunidades de vida a seus filhos, o que implicaria em um controle maior do número de filhos que viriam a ter.

Sobotka (2008) coloca que a teoria se relaciona com mudanças estruturais, culturais e mesmo tecnológicas que se manifestaram então. O advento da modernização, o crescimento da economia de serviços e do *welfare state*, a expansão do ensino superior, tal como a secularização e a propagação de valores individualistas como a importância da autoexpressão e autorrealização. Enquanto isso, os avanços nos métodos contraceptivos e de reprodução assistida continuam expandindo o horizonte de opções e de acesso à informação para as famílias, no que se refere ao comportamento reprodutivo, às decisões em ter ou não filhos como também ao número de filhos que se planeja ter.

Porém, vários autores contestam o conceito da Segunda Transição Demográfica e avaliam se este se constitui mesmo como uma “transição”, no sentido puro do fenômeno.

Cliquet (1991) afirma que não há aparente descontinuidade entre a Primeira e a Segunda Transição. Trata-se na verdade da aceleração dos padrões de reprodução e relacionamentos associados à modernização. De maneira semelhante, Coleman (2003) coloca que não existe um consenso sobre sua validade e universalidade, pois é uma teoria em curso. Portanto, não é uma transição propriamente dita, pois esta deve ser completa e irreversível como foi a PTD. Caldwell (2008) também se opõe ao conceito, sua maior objeção é em relação à cronologia das mudanças. Ele aponta que tais mudanças não precederam a revolução contraceptiva, mas na verdade se seguiram e podem ser explicadas por ela.

Além disso, há críticas que contestam a validade dessas teorias para explicar as transformações em países não-europeus e em desenvolvimento, como o Brasil. As nuances da América Latina frente às teorias da transição, mais generalistas e moldadas ao padrão de uma sociedade industrial, exigem esforços para tornar possível estabelecer um comparativo entre esses países, pois demanda que sejam feitas ressalvas quanto a comportamentos latino-americanos, não explicados pela mesma ótica que aqueles de sociedades europeias (MONTE-MÓR E SILVA, p.11, 2010).

Patarra (1994), ao discutir as transformações demográficas no século XX e as transições como ferramentas de sínteses desses processos, coloca que há um consenso que todos os países da América Latina e do Caribe já estão envolvidos no processo de transição demográfica, mas faz a ressalva de que os cortes temporais são distintos para cada contexto. Reconhece, entretanto, que o sistema de valores nos países latino-americanos já caminhava em direção a valores pós-materialistas, trajetória semelhante pela qual passaram os países europeus (COVRE-SUSSAI, 2013). Embora, em contextos tão desiguais quanto o latino-americano, as necessidades básicas de sobrevivência nunca foram inteiramente superadas.

Certamente, talvez seja mais apropriado falar em coexistência de etapas de transições, e não unicamente de Primeira ou Segunda Transição, não de modo uniforme pelo menos, pois dada as desigualdades regionais e idiosincrasias de cada

país (e mesmo de diferentes regiões em um mesmo país), manifestam-se em diferentes etapas dentro de um mesmo contexto, devido à diversidade de situações socioeconômicas e culturais existentes. Minamiguchi (2011) coloca que num contexto latino-americano é necessário adotar amplitudes específicas, na medida em que, quando se inicia a STD nos países desenvolvidos, muitos países da América Latina ainda permanecem em um estágio inicial da Primeira Transição Demográfica.

Mesmo as taxas de fecundidade entre países latino-americanos variam significativamente, o que reafirma as diferenças entre temporalidades e magnitudes das Transições em cada país. Por exemplo, como dois extremos, enquanto a média da taxa de fecundidade global estimada para o período de 2000-2005 na Guatemala é de 4,6, no mesmo período, Cuba já apresentava fecundidade de 1,55, bem abaixo do nível de reposição populacional (CEPAL, 2004a)⁴. No caso do Brasil, os valores para esse período se colocavam em um meio termo, na média de 2,68 filhos por mulher (IBGE, 2013).

Aliás, o Brasil é enquadrado dentro dos países em plena transição, um estágio anterior àqueles que já se encontram num momento de transição avançada (PATARRA, 1994). Segundo Villa (2012), no contexto brasileiro, políticas públicas de saúde, previdência, crédito e telecomunicações tiveram papel importante na queda da fecundidade (FARIA, 1989). As taxas de fecundidade são mais baixas para os segmentos da população urbana, de maior renda, de maior escolaridade, ou seja, de maior inclusão social no Brasil (ARRIAGADA, 2006 *apud* VILLA, 2012).

Em suma, o tamanho médio da família foi reduzido pelo atraso na primeira união, a diminuição do número de filhos e o maior espaçamento entre eles, de modo que atualmente há menos filhos por domicílio e a diferença de idades entre eles é maior. Ao nível familiar, o menor número de filhos significa uma diminuição do trabalho reprodutivo, doméstico e de socialização realizado pelas mulheres, o que pode ser expresso, em primeiro lugar, no aumento das suas possibilidades de opção de trabalho e autonomia (ARRIAGADA, 2006, p.74).

Logo, podemos supor que variáveis socioeconômicas, educacionais e até mesmo os diferentes contextos geográficos - em conjunto com outros fenômenos sociais como migração e o aumento ou diminuição de famílias multigeracionais-, têm efeitos diferenciados sobre o tamanho e a composição dos formatos familiares

⁴CEPAL, 2004a. "América Latina y Caribe: estimaciones y proyecciones de población" en *Boletín Demográfico*, ano 37, n.73, janeiro. Santiago do Chile.

contemporâneos (BERQUÓ, 1989). Em vista desses fatores, Arriagada (2004) resume as condicionantes que impactam as novas dinâmicas de constituição familiar.

Manifestações dessas tendências já são percebidas nas composições familiares das últimas décadas. No Brasil, estudos comprovam que o número de domicílios cresceu mais do que a população, e o tamanho médio destes diminuiu consideravelmente (WAJNMAN, 2012; VILLA, 2012; ARRIAGADA, 2006), com outros formatos familiares ocupando o espaço antes dominado por arranjos convencionais e nucleares (casais e filhos) (BERQUÓ, 1998; MEDEIROS E OSÓRIO, 2000). Especialmente o crescimento do número de domicílios unipessoais chama atenção, uma vez que se constitui uma tendência identificada em países economicamente mais desenvolvidos, já em processos adiantados da Transição Demográfica. Embora a proporção latino-americana desses domicílios, assim como o de casais sem filhos e de famílias monoparentais, ainda esteja muito distante em comparação aos países onde a STD é mais avançada (WAJNMAN, 2012).

Arriagada (2006) coloca que na América Latina emergiram novas configurações familiares típicas da modernidade, como casais sem filhos e casais sem núcleo conjugal, ao mesmo tempo em que arranjos unipessoais e monoparentais crescem. Entre 1986 e 1999, os domicílios unipessoais cresceram de 11,3% para 15,5% na Argentina, de 11,9% para 16,6% no Uruguai e de 6,9% para 9,2% no Brasil, segundo dados do CEPAL (ARRIAGADA, 2006). Este aumento veio acompanhado de uma diminuição nos tipos de domicílios e famílias nucleares, mas ainda se encontra distante dos indicadores europeus.

Ainda assim:

[...] mostra que os arranjos domiciliares nucleares de casais com filhos representam 41% dos arranjos mais pobres, seguidos pelas famílias estendidas. No entanto, existem outros tipos de domicílios que ganham relevância dependendo da região. Os arranjos do tipo monoparental chefiados por mulheres são mais prevalentes entre os mais empobrecidos na América Latina, no Caribe e na África Subsaariana do que em outras regiões. (BOUDET et al, 2018)

Transformações estruturais na América Latina iniciadas na década de 60 podem estar atreladas ao surgimento dessas novas formas familiares. Rápida urbanização, migração rural/urbana, transições para governos democráticos no domínio político e a expansão da educação em massa são algumas delas (COVRE-SUSSAI, 2013). Também há questões de gênero cruciais a serem discutidas,

principalmente para o caso brasileiro, que nos interessa, e no qual imaginamos haver inúmeras reflexões a serem retiradas a partir deste enfoque.

1.3 Arranjos Domiciliares e Padrões de Moradia

Cabe retomarmos a definição de *arranjo domiciliar* adotada neste estudo. Seguimos a conceituação de Medeiros e Osório (2000) que colocam que “um arranjo domiciliar é formado por uma pessoa vivendo só ou um grupo de pessoas que residem em um domicílio particular”. Essa definição se aproxima do conceito de unidade doméstica que descrevemos. Outros termos também usados na literatura se aproximam deste significado e incluem “família doméstica” e “grupo doméstico”.

Para a identificação e captação desses arranjos domiciliares, os instrumentos de pesquisa brasileiros estabelecem a relação dos membros de uma unidade em relação ao “chefe” ou “pessoa responsável” pelo domicílio, identificado no momento da entrevista. A partir desta identificação, os outros moradores são classificados nas categorias de *Parentes* (Cônjuge, Filhos, Outros Parentes) ou de *Não Parentes* (Agregados, Pensionistas, Empregados Domésticos e Parentes dos Empregados Domésticos).

Os arranjos domiciliares europeus são classificados como menos complexos em comparação àqueles da África, América Latina e Ásia (ESTEVE et al, 2012a)

Decerto, o cenário de Transição Demográfica pelo qual o Brasil passou é outro, as condicionantes se alteram. Enquanto em países como Suécia e França, fatores como as altas taxas de divórcio provocam o crescimento de arranjos do tipo unipessoal e/ou monoparental (OGDEN, P. E.; HALL, R., 2004; BERQUÓ, E., 1989), no caso brasileiro esses dois formatos cresceram pouco. Ainda que as taxas de divórcio no Brasil sejam semelhantes às europeias, Medeiros e Osório (2000) indicam que há um aumento nas taxas de união entre jovens e idosos- com destaque para os índices de recasamento desse último grupo etário- o que mantém o núcleo “casal com filhos” ainda na liderança dos arranjos brasileiros. Ainda assim, os autores apontam que, a partir do período analisado entre 1978 e 1998, os núcleos dos arranjos domiciliares brasileiros tornaram-se mais heterogêneos, com redução na proporção dos arranjos de núcleos compostos por casais e aumento daqueles com núcleos simples, constituídos principalmente por uma mulher.

Também seja oportuno fazermos um alerta quanto ao processo de envelhecimento desses países: nos europeus, ele é bem mais avançado do que no caso brasileiro e, além disso, sempre esteve acompanhado de estratégias que garantiam condições de subsistência e autonomia para esse novo contingente etário, o que se traduz na existência de um bom sistema previdenciário, seguridade social, salários reais, acesso a um sistema de saúde de qualidade e políticas habitacionais efetivas. Claro, há inequidades e precariedades no caso europeu (EBBINGHAUS, 2021; POWELL, 2009). Entretanto, comparativamente o sortimento de assistência parece ser bem maior do que no caso latino-americano. Imaginamos que esse leque de direitos ecoa nas participações relativas dos próprios arranjos familiares.

No Brasil, não houve implementação eficaz, ao menos universal, de nenhuma dessas bases, o que gera, portanto, constrangimentos que podem impelir essa parcela populacional ao reagrupamento familiar como estratégia de sobrevivência, a fim de alcançar parte da estabilidade garantida por aquelas condições, na segurança dos membros de suas famílias. Logo, essa nova tendência brasileira de agrupamento domiciliar pode justificar, em parte, o crescimento do tipo de arranjo “família estendida” e “famílias conviventes” em detrimento dos tipos “monoparental” e “unipessoal”, que podem ser enxergados, ao invés, como momentos no ciclo de vida das famílias.

Como vimos, as razões das Transições Demográficas alteraram as quantidades especialmente das novas gerações a partir da queda da fecundidade, do aumento de uniões consensuais e dos divórcios. O aumento da expectativa de vida, através da diminuição generalizada (entre todos os grupos etários) da mortalidade, por outro lado, contribuiu para o adiamento do primeiro filho. Afinal, a probabilidade de sobrevivência das crianças é maior. O avanço da medicina também ajudou a postergá-lo. Em resumo, não se trata apenas de uma modificação quantitativa de processos sociais que ecoam nas famílias e domicílios, senão uma transformação temporal que dialoga a todo momento com ela.

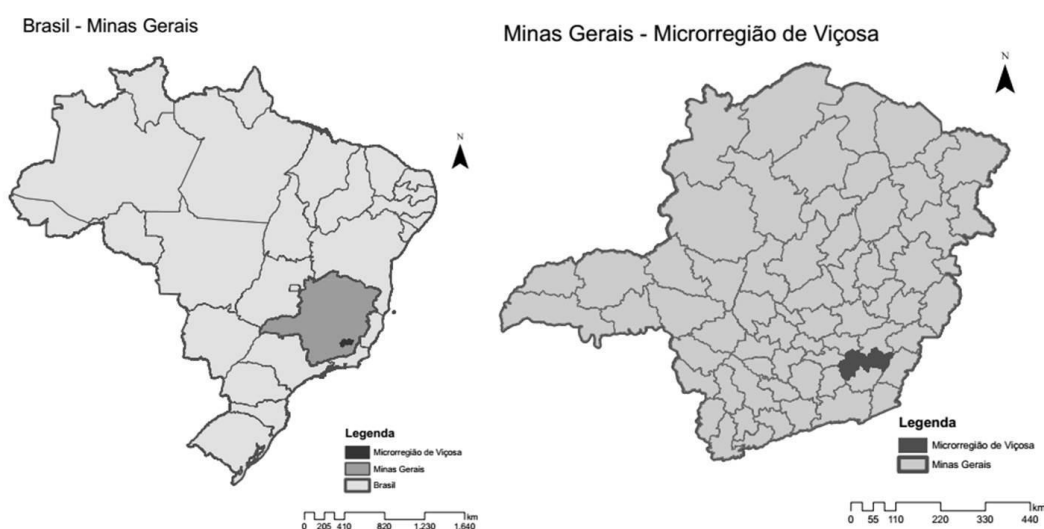
1.4 O município de Viçosa: breve contextualização

Nos concentramos agora em Viçosa. Como, então, se comportam os arranjos domiciliares viçosenses? Mas, primeiramente, quais foram e são as características estruturantes do município? Os arranjos acompanham tendências de transformações nacionais ou há especificidades para a região? Para compreender os dados que

produzimos neste estudo, pensamos ser relevante trazer uma contextualização do município, descrita a seguir.

O município de Viçosa está localizado na Mesorregião da Zona da Mata mineira (**Figura 4**), atualmente sua população está estimada em 79.910 pessoas⁵, sendo de 72.220 pessoas a população constatada no último censo de 2010 (IBGE, 2021). É o principal município da Microrregião de Viçosa, composta por outros 19 municípios (Alto Rio Doce, Amparo da Serra, Araponga, Brás Pires, Cajuri, Canaã, Cipotânea, Coimbra, Ervália, Lamim, Paula Cândido, Pedra do Anta, Piranga, Porto Firme, Presidente Bernardes, Rio Espera, São Miguel do Anta, Senhora de Oliveira e Teixeiras).

Figura 4 – Mapas de situação, Brasil, Minas Gerais e Microrregião de Viçosa (em destaque), 2010



Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 2000 e 2010. Elaborado no projeto de pesquisa “Natureza dos Arranjos Domiciliares no interior de Minas Gerais”. (CUNHA, T. A.; REZENDE, S. A., 2019)

⁵ IBGE, 2021. Indicadores sociais mínimos:

Figura 5 – Mapa de Situação, Microrregião de Viçosa, Viçosa (em destaque) e demais municípios da Microrregião de Viçosa, 2010



Fonte: IBGE. Censos Demográficos 2000 e 2010. Elaborado no projeto de pesquisa “Natureza dos Arranjos Domiciliares no interior de Minas Gerais”. (CUNHA, T. A.; REZENDE, S. A., 2019)

Não vamos entrar na discussão dos processos históricos de formação do município de Viçosa pois não cabe aqui analisá-los. Pretendemos apenas fazer uma breve caracterização que situe o município dentro do período recortado e permita a leitura dos resultados e análises dentro do enquadramento teórico e de sua conjuntura atual.

Em termos da produção do espaço, de forma breve e extremamente simplificada, podemos entender Viçosa como um município que surgiu, inicialmente, a partir de um núcleo urbano às margens do ribeirão São Bartolomeu (RIBEIRO FILHO, 1997). A topografia acidentada é uma condicionante decisiva para entender como se deu a expansão urbana da cidade, pois explica distribuições no espaço urbano do município, caracterizada por uma ocupação extremamente desordenada de áreas de encosta, topos de morro e margens de cursos d’água.

Marcos como a chegada e construção da estrada de ferro (Leopoldina Railway) em 1880 e a construção e instituição da ESAV (Escola Superior de Agricultura e Veterinária, que posteriormente viria a se tornar a Universidade Federal de Viçosa) no início de 1920 também elucidam esses mesmos padrões. Maria (2016), ao citar Ribeiro Filho (1997) aponta que a ESAV foi fator decisivo de direcionamento do crescimento e se constituiu em um impedimento físico para a expansão horizontal da cidade, ao ocupar as áreas mais planas, o que induziu com que a população fosse levada a construir casas e ocupar terrenos mais acidentados.

A legislação urbanística do município conta com Plano Diretor desde o ano de 2000, assim como outros instrumentos urbanísticos como a Lei de Zoneamento, Uso e Ocupação do Solo e Código de Obras. Além disso, o IPLAM (Instituto de Planejamento do Município) é o órgão da Prefeitura Municipal responsável pela fiscalização e aprimoramento do planejamento municipal -principalmente arquitetônico e urbanístico- desde 2001, quando foi instituído a partir do Plano Diretor.

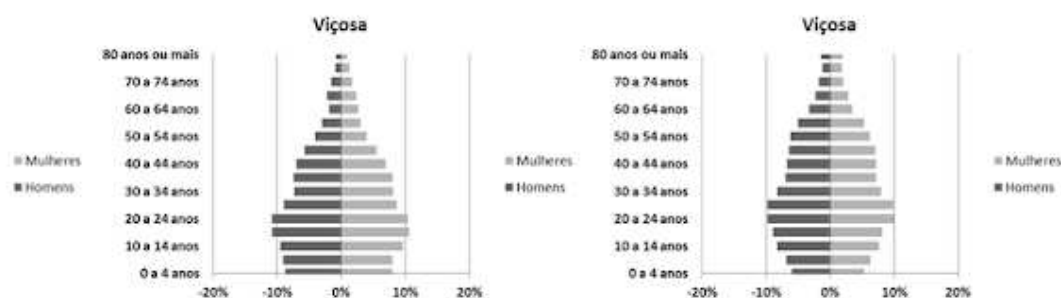
Processos migratórios foram extremamente influentes na construção do perfil do espaço urbano viçosense. A ocupação da cidade se deu por um regime veloz de crescimento urbano, com o setor de construção civil em expansão contínua a partir da década de 70, o que se tornaria decisivo para a consolidação de um forte mercado imobiliário urbano. Coelho (2020) afirma que o Estado teve um papel decisivo nessa consolidação, pois instituiu ações e regulamentos que interferiram na formação do preço da terra:

A prática espacial do Estado geralmente é caracterizada pela observação e interação de alguns aspectos visando à regularização do solo: a localização do terreno, o acesso aos lugares ditos privilegiados (shoppings, centros de saúde e de lazer, áreas verdes etc.), à infraestrutura (água, luz, esgoto, ruas e estradas asfaltadas, telefone, vias de circulação) e à privacidade. Portanto, o que vai determinar o preço da terra são a existência e a intensidade dessas materialidades e a sua distribuição em determinada parcela no espaço urbano global. (CARLOS, 1994; 2001; 2011 *apud* COELHO, 2016)

Cunha e Moreno (2019) observaram a influência de processos migratórios na construção e no perfil do espaço urbano de Viçosa e de sua microrregião à luz da Primeira e Segunda Transições Demográficas. Os autores também discutem as alterações de comportamentos populacionais na região e hipóteses sobre as dinâmicas de urbanização dadas no município.

Sobre os comportamentos migratórios, os autores concluem que as particularidades migratórias viçosenses são características de um município que recebe e perde igual quantia de população migrante. Além disso, Viçosa é caracterizada por uma população mais envelhecida, com baixos regimes de fecundidade e mortalidade crescente

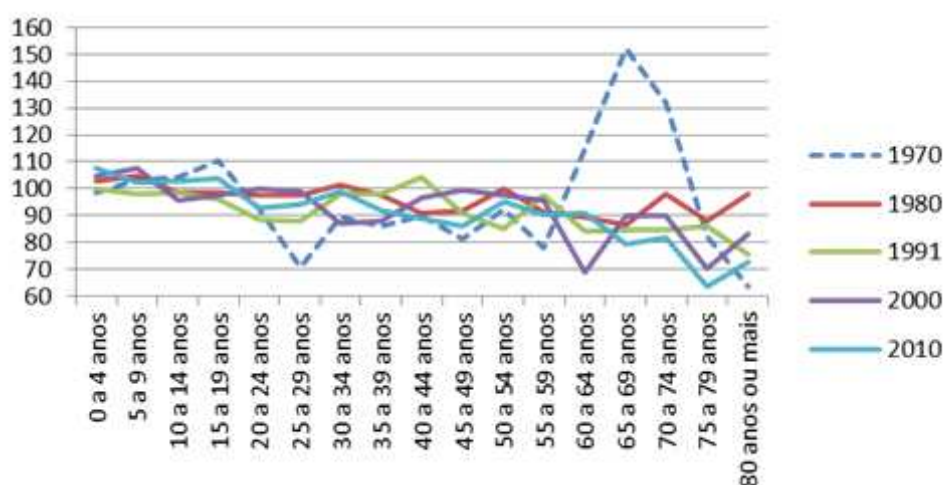
Figura 6 – Pirâmides etárias do município de Viçosa em 2000 e 2010, respectivamente.



Fonte: IBGE. Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA). Censos Demográficos 2000 e 2010. Elaborado no projeto de pesquisa “Comportamento demográfico e transição urbana no interior de Minas Gerais”. (CUNHA, T. A.; MORENO, F., 2019)

A base da pirâmide estreita indica queda da Taxa de Fecundidade total, além de evidenciar esse processo de envelhecimento populacional. Cunha e Moreno (2019) observam que até 1980, ele não era tão evidente, pois fluxos emigratórios provavelmente drenavam parte da população, sobretudo aquela em idade ativa (**Figura 6**). Porém a partir dessa década, e em função da migração de retorno, o envelhecimento populacional tornou-se mais evidente.

Gráfico 2 – Razão de Sexo, Viçosa. 1970 - 2010.



Fonte: IBGE. Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA). Censos Demográficos 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010. Elaborado no projeto de pesquisa “Comportamento demográfico e transição urbana no interior de Minas Gerais”. (CUNHA, T. A.; MORENO, F., 2019)

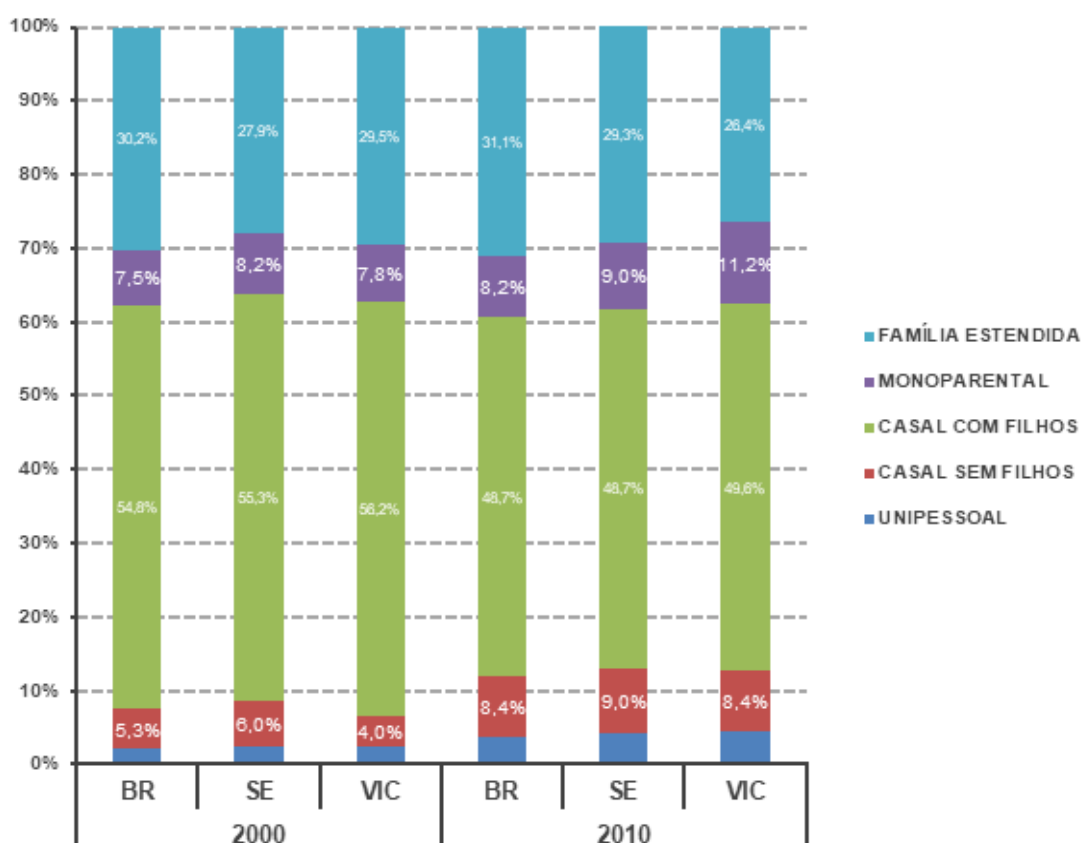
Cabe reiterarmos a relevância dessas informações para o nosso estudo. Evidentemente, essa população envelhecida se refletirá no perfil dos arranjos domiciliares do município. Tais transformações no comportamento demográfico e no próprio perfil populacional da região nos instigam a ponderar sobre as participações dos arranjos ao longo das duas décadas, quais formatos cresceram? Quais arranjos

perderam participação? Quais seriam as possíveis razões para tais alterações? Qual a participação dessa população mais idosa em cada arranjo, isto é, há formatos distintamente formados por membros mais envelhecidos ou esses indivíduos estariam difundidos em todos os tipos de arranjos?

O retrato dos arranjos viçosenses revela uma diminuição do número de integrantes por domicílio, um fenômeno descrito nas seções anteriores a partir da literatura (ARRIAGADA, 2006; BERQUÓ, 1989; VILLA, 2012). Sabemos que essa diminuição não é exclusivamente uma decisão individual, senão resultado, ao menos em alguma medida, deste processo de envelhecimento populacional.

Formatos antes pouco expressivos para a realidade nacional vêm crescendo. Monoparentais, unipessoais e casais sem filhos entre os principais, como pode ser visto pelo **Gráfico 3**, abaixo:

Gráfico 3 - Arranjos domiciliares Brasil-Sudeste-Minas Gerais-Viçosa 2000-2010.



Fonte: IBGE. Censos Demográficos 2000 e 2010. Elaborado no projeto de pesquisa "Natureza dos Arranjos Domiciliares no interior de Minas Gerais". (CUNHA, T. A.; REZENDE, S. A., 2019)

Gráfico 4- Variação percentual dos arranjos domiciliares para o período de 1991-2010. Brasil-Sudeste-Viçosa.

ARRANJOS DOMICILIARES	VARIÇÃO POR PERÍODO (%)					
	BRASIL		SUDESTE		VIÇOSA	
	2000-1991	2010-2000	2000-1991	2010-2000	2000-1991	2010-2000
UNIPESSOAL	47,1	64	38,9	64	108	76
CASAL SEM FILHOS	23,2	58,5	20	50	37,9	111
CASAL COM FILHOS	-4,8	11,1	-3,5	-11,9	-6	-11,7
MONOPARENTAL	22,9	9,3	26,1	9,75	14,7	43,6
FAMÍLIA ESTENDIDA	-1,3	2,98	-4,8	5	0,3	-10,5

Fonte: IBGE. Censos Demográficos 1991, 2000 e 2010. Elaboração própria.

Especialmente mais recentemente, em 2010, a diminuição das frações correspondentes aos casais com filhos combinou-se a uma variação percentual positiva para os domicílios unipessoais, casais sem filhos e monoparentais em relação ao total dos arranjos, como já visto na literatura (WAJNMAN, 2012; MEDEIROS e OSÓRIO, 2000; BARROS, ALVES e CAVENAGHI, 2008). Decerto, esta não é uma situação estática, isto é, as moderadas perdas percentuais dos casais com filhos podem ser fruto de, por exemplo, altas taxas de divórcio seguidas de recasamento, ou ainda, de recomposição, sobretudo por meio de fusão, entre os arranjos domiciliares. Em suma, o que talvez esteja em curso atualmente é o produto de uma maior efemeridade e intermitência entre os arranjos domiciliares, culminando, num dado momento da trajetória individual e familiar, na própria tipologia “casal com filhos”.

Apesar de acompanhar as tendências regionais e nacionais, Viçosa apresenta especificidades, pois até mesmo se antecipa às tendências de transformações dos arranjos a nível de Brasil e Sudeste. Os formatos dos tipos unipessoais, monoparentais e casais sem filhos registraram um aumento percentual superior à variação vista para a região Sudeste e mesmo para o Brasil. Enquanto isso, o número de famílias estendidas diminuiu consideravelmente para o município.

É válido ressaltar que Viçosa possui três conjuntos habitacionais no âmbito do Programa Minha Casa Minha Vida, implantados entre 2011 e 2012. Dois destes em uma área de localidade rural, de difícil acesso e desprovida de infraestrutura urbana adequada. A periferização destes conjuntos certamente sustenta alguns dos problemas habituais de habitações de interesse social e nos instiga a refletir sobre o perfil da população de baixa renda a qual a construção dessas moradias é destinada.

Guimarães (2013) estudou o processo de implementação do Programa Minha Casa Minha Vida em Viçosa e conduziu estudos sobre o perfil dos moradores e características do entorno destes conjuntos habitacionais. A respeito das famílias, a autora percebeu que a média de moradores para cada habitação está entre 1-2 membros, mas com casos que variam de 1-9 indivíduos por grupo familiar. Como sabemos, as habitações do PMCMV são em sua grande maioria padronizadas, e não há uma personalização da casa para o tamanho das famílias. Além disso, constatou que o perfil dessa população é de pessoas que se caracterizam por estarem em estado de vulnerabilidade social: mulheres, em sua maioria pretas e pardas, idosos, moradores em área de risco e moradores de cortiço.

Uma de nossas suposições iniciais era de que os arranjos domiciliares explicariam questões de precariedade habitacional no município. É dizer, imaginávamos que a distribuição destas famílias no espaço urbano, principalmente segundo benesses urbanas, estaria condicionada ao tipo de formato familiar. Por exemplo, presumimos que, talvez, casais sem filhos estariam melhor inseridos na cidade do que monoparentais e teriam melhores condições de moradia. Entretanto, os arranjos não distinguem esses grupos por precariedade habitacional, logo supomos que compreender as características de quem são, na verdade, os indivíduos que vivem em melhores/piores condições pode ajudar a esclarecer as causas e razões que levam a uma segregação socioespacial no caso de Viçosa

CAPÍTULO II - MATERIAIS E MÉTODOS

A abordagem deste estudo é de caráter quantitativo-descritivo. Restringimo-nos às características dos arranjos domiciliares viçosenses durante a década 2000-2010.

Até aqui, nos esforçamos para definir alguns conceitos básicos de família, domicílio, residência, unidade doméstica, família domiciliar, etc. Nos preocupamos, neste momento, em esclarecer os procedimentos metodológicos, as estratégias e os instrumentos de pesquisa adotados. Trazemos uma caracterização da fonte de dados secundários e razão pela qual a adotamos, recortes temporal e espacial que nos nortearam, as variáveis selecionadas para estudo e os métodos estatísticos empregados para produção e análise dos resultados.

2.1 Fonte de Dados Secundários

Talvez valha a pena iniciarmos essa seção já alertando que não há tantas alternativas de fontes secundárias de dados para estudarmos famílias e domicílios segundo o grau de desagregação territorial que ambicionávamos, o município.

Haveria outras alternativas, se o nível de desagregação territorial não fosse determinante para nosso estudo. Uma delas é a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD). Ela é voltada principalmente à compreensão das características do mercado de trabalho brasileiro, embora acabe por captar relações entre família e domicílio de maneira implícita. Por exemplo, nela podemos encontrar informações sobre rendimentos domiciliares, trabalho voluntário, cuidados com pessoas moradoras do domicílio e realização de afazeres domésticos. Trata-se de uma pesquisa amostral, como o próprio nome diz, isto é, onde uma porção significativa de cada grupo que compõe a população é selecionada, representando-a. Porém, a amostra foi desenhada para representar Brasil, Grandes Regiões, Unidades da Federação, Regiões Metropolitanas e afins e capitais estaduais. Em suma, por essa razão não vamos utilizá-la.

Por sua vez, os Censos captam todos os domicílios brasileiros, embora o questionário da amostra seja aplicado somente em alguns deles. Ainda assim, a amostra dos Censos Demográficos permite retratar, com grande confiabilidade estatística, todo o território nacional. Nesse sentido, , os Censos garantem a desagregação territorial que pretendíamos alcançar, o município.

A Pesquisa de Orçamentos Familiares também seria outra possibilidade não fosse o mesmo impedimento da desagregação territorial. Na verdade, seria uma opção interessantíssima, pois talvez seja a única que visa captar as unidades de consumo, um paralelo às unidades domésticas ou ao conceito de “hogares”. No entanto, ela permite o estudo das características das famílias e domicílios segundo Brasil, Grandes Regiões, Unidades da Federação, Regiões Metropolitanas e capitais estaduais e situação de domicílio urbano. Enquanto que para domicílios rurais restringe-se a Brasil e Grandes Regiões.

Não é nosso objetivo abordar à exaustão todas as fontes de dados secundárias sobre o assunto - haveria outras ainda, inclusive internacionais, como aquela do Integrated Public Use Microdata Series (IPUMS) da Universidade de Minnesota. Mencionamo-as apenas para esclarecer a real razão de não utilizá-las e, portanto, esclarecer as limitações e potencialidades da nossa própria pesquisa. Aliás, de acordo com nossos objetivos, as justificativas são sempre as mesmas, o nível de detalhamento espacial que elas permitem, já que desejávamos estudar Viçosa. Todas apresentam quesitos mais específicos e intervalos mais curtos, porém não descrevem os municípios, especialmente os interioranos. Essa introdução, pois, trata-se de uma justificativa às avessas, os motivos para não as usar. Como poderíamos estudar as famílias e domicílios viçosenses? Resta, então, discutirmos a fonte de dados que melhor se encaixa aos nossos propósitos, os Censos Demográficos.

Tomamo-los como as principais fontes secundárias de dados. Pois, essencialmente, eles proporcionam uma cobertura universal do território nacional, o que outras bases não possibilitam. Além disso, embora com limitações intercensitárias, os dados dos Censos permitem retroagir longos períodos no tempo, retratando, dessa maneira, as alterações dos arranjos domiciliares que anseamos captar, embora, dadas as limitações de uma investigação de mestrado, vamos nos limitar à década 2000-2010, assim como as possíveis alterações dos perfis populacionais dos responsáveis por esses domicílios.

De acordo com as particularidades dos Censos, nos esforçamos por assegurar a comparabilidade entre algumas categorias reagrupando-as sempre que necessário. Por exemplo, as classes da variável V0502 - Relação de parentesco ou de convivência com a pessoa responsável pelo domicílio do Censo 2010 são diferentes das

categorias da variável V0402- Relação com responsável pelo domicílio do Censo 2000. Desse modo, foi preciso sincronizá-las.

Destacamos que a variável que nos será especialmente cara é a relação com o responsável pelo domicílio. A partir dela cruzamos outras informações individuais, coletivas, ou ainda, domiciliares. Afinal, não se trata apenas de esclarecer as transformações nas participações dos arranjos domiciliares, senão descrever igualmente as modificações dos seus atributos. Nesse sentido, tanto questionário básico, quanto da amostra serão valiosos.

Por fim, de acordo com a própria maneira como a coleta do Censo se dá, a unidade básica de coleta é o indivíduo. Isso não quer dizer que ele será a unidade básica de pesquisa. Ao contrário, optamos pelo grupo domiciliar, que abrange diferentes núcleos familiares, aparentados ou não. A clivagem foi sempre o arranjo domiciliar e o domicílio. Mas há um desafio em jogo. Como descrever, por exemplo, a cor/raça do arranjo domiciliar a partir dos atributos individuais dos seus integrantes? A questão ilustra a dificuldade de entender feições coletivas a partir de características intrinsecamente individuais. Desse modo, reforçamos, os arranjos domiciliares como unidade de análise fundamental, embora os tenhamos retratado em função dos atributos dos seus integrantes. Logo, embora com vieses certamente, optamos por compreender os domicílios segundo as características dos seus responsáveis.

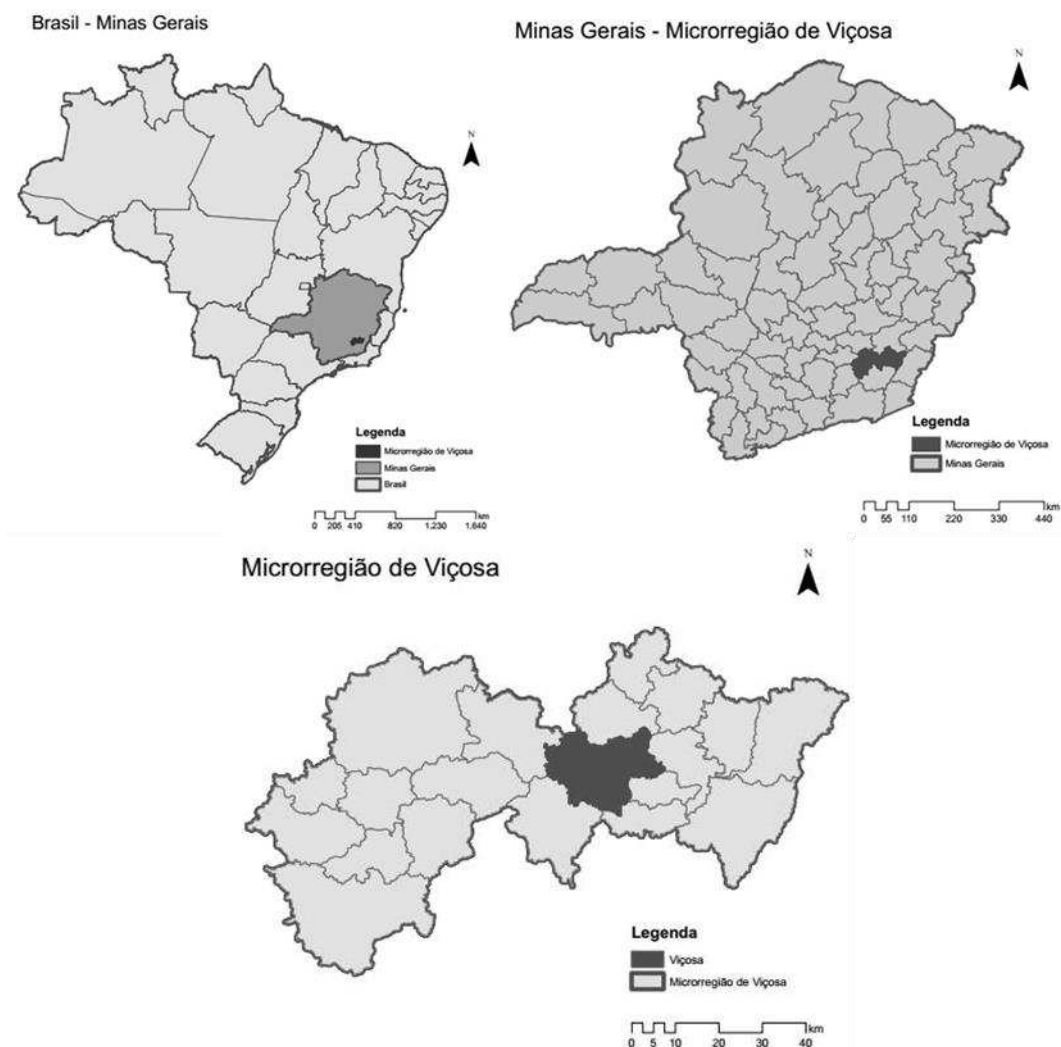
2.2 Variáveis selecionadas e Recorte Temporal e Espacial

Como dissemos em diversas passagens, priorizaremos a análise dos dados de Viçosa, porém, apenas eventualmente, vamos compará-los a outros recortes territoriais. O objetivo é compreendermos se Viçosa se enquadra em tendências mais gerais ou se ali há alguma singularidade. Assim, as unidades de análise que tomamos aqui partem dos resultados obtidos a partir dos seguintes recortes territoriais:

1. Brasil;
2. Sudeste;
3. Minas Gerais.

Figura 4 - Recortes territoriais: Brasil, Grande Sudeste, Microrregião de Viçosa,

2020



Fonte: "Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística" (IBGE), 2005. "Base Cartográfica". "Malha Municipal Digital 2005". "Projeção Geográfica (LatLong. Datum: SAD69)". "Escala 1: 2.500.000".

Disponível em:

ftp://geofpt.ibge.gov.br/malhas_digitais/municipality_2005/escala_2500mil/proj_geografica/arcview_shp/uf/sp/. Acesso em: 15 jan. 2017. Elaboração própria.

a. Censos Demográficos 2000, 2010

Nossa intenção foi de coletar e estudar dados referentes ao recorte espacial compreendido entre os anos de 2000-2010, à luz dos dados dos Censos Demográficos do período. A partir de estudos exploratórios, selecionamos algumas variáveis ao longo da década para reconstruímos algumas classes de arranjos domiciliares (Tabela 7).

Tabela 1 - Exemplo de comparabilidade entre variáveis descritivas associadas ao relacionamento com o chefe ou responsável pelo domicílio para os Censos Demográficos de 2000 e 2010.

Censo Demográfico	2010	2000
Variável: Chefe ou Responsável por Domicílio	V0520 – Relação de parentesco ou convivência com a pessoa responsável	V0402 – Relação com a pessoa responsável pelo domicílio
	0 *	*
	1 Pessoa responsável pelo domicílio	Pessoa responsável
	2 Cônjuge ou companheiro(a) de sexo diferente	
	3 Cônjuge ou companheiro(a) do mesmo sexo	Cônjuge, companheiro
	4 Filho(a) do responsável e do cônjuge	Filho(a), enteado(a)
	5	Pai, mãe, sogro(a)
	Filho(a) somente do responsável	Neto(a), bisneto(a)
	6 Enteado(a)	Irmão, irmã
	7 Genro ou nora: para o genro ou a nora da pessoa responsável ou do cônjuge	Outro parente
	8 Pai, mãe, padrasto ou madrasta	Agregado(a)
	9 Sogro(a)	Pensionista
	10 Neto(a)	Empregado(a) doméstico(a)
	11 Bisneto(a)	Parente do empregado(a) doméstico(a)
	12 Irmão ou irmã	Individual em domicílio coletivo
	13 Avô ou avó	*
	14 Outro parente	*
	15 Agregado(a)	*
	16 Convivente	*
	17 Pensionista	*
	18 Empregado(a) doméstico(a)	*
	19 Parente do(a) empregado(a) doméstico(a)	*
	20 Individual em domicílio coletivo	*

Tipos-categorias de relação com o chefe ou responsável pelo domicílio

Fonte: IBGE. Censos Demográficos 2000 e 2010. Elaborado por CUNHA, T. A. Natureza dos arranjos domiciliares e possibilidades de flexibilidade do programa de necessidades arquitetônico à luz dos conceitos de ciclo de vida e inadequação habitacional. 2019. 24 p.

b. Caracterização dos arranjos domiciliares

Após essa compatibilização inicial das variáveis ao longo dos dois Censos, geramos dados quantitativos e qualitativos dos arranjos domiciliares a partir de sintaxes formuladas com o software IBM SPSS.

A desagregação do imenso espectro familiar em apenas cinco categorias de arranjos é deliberada, dada a dificuldade de conciliação e equivalência entre os dados censitários. Parece-nos importante descrever cada uma dessas categorias dos arranjos.

a) Unipessoais: organizações compostas unicamente pelo responsável pelo domicílio. Ou seja, onde todos os outros componentes inexistem (ou equivalem a 0).

b) Casal sem filhos: arranjos formados exclusivamente pelo responsável pelo domicílio e seu(sua) cônjuge.

c) Casal com filhos: formatos caracterizados pela presença do responsável pelo domicílio, pelo cônjuge e por filho(a)s, independentemente da quantidade dele(a)s.

d) Monoparental com filhos: ilustrados pela presença do responsável pelo domicílio e valores superiores a 0 de filho(a)s. Aqui, não há cônjuges.

e) Família estendida: na realidade, os demais formatos, incluindo domicílios compostos, onde há presença de outros núcleos familiares que coabitam o mesmo domicílio, fossem eles aparentados ou não, verticais ou horizontais. Optamos por agrupar nessa categoria grupos aparentados e não aparentados. Priorizamos, assim, o aspecto de compartilhamento do espaço físico em detrimento à familiaridade, ao parentesco e à aliança. Entendemos que a maneira como os indivíduos se organizam dentro dos domicílios extrapolam esses aspectos. Nesse sentido, o banco de dados é composto por repúblicas estudantis, uma maneira de organização domiciliar muito relevante numa pequena cidade onde a importância da universidade é muito presente, como Viçosa. Em suma, para os dados dos Censos Demográficos, estamos fundindo as classes de **famílias estendidas** e **domicílios compostos**. Os domicílios

compostos incluem indivíduos não aparentados à família principal, diferente das famílias estendidas que, na PNAD, não incluem não parentes.

Como dito, presumimos que há uma associação entre determinados arranjos e não menos específicos perfis populacionais. Supomos, igualmente, que tanto arranjos quanto perfis se modificaram ao longo do tempo. Dessa maneira, a fim de retratar esses perfis e assegurar a comparabilidade dessas características, elegemos algumas variáveis muito básicas acerca dos responsáveis dos domicílios, sendo elas: a) sexo, b) cor/raça, c) estado civil e d) idade. Como é possível notar, apenas uma delas é o que podemos considerar como uma variável discreta, a idade. Todas as demais são variáveis categóricas/nominais, fato que nos conduz a adotar alguns – e não outros – procedimentos estatísticos de análise - assunto que abordaremos mais à frente. Futuramente, esperamos descrever os responsáveis também a partir de quesitos como renda e alfabetização (sabe ler ou escrever).

2.3 Critério para Análises Quantitativas (técnicas de agrupamento estatísticos)

a. Análise Two-Step de Cluster

Por análise de cluster, queremos dizer a separação de dados em subgrupos significativos, quando o número de subgrupos e outras informações sobre sua composição podem ser desconhecidas (FRALEY, C.; RAFTERY, A. E., 1998). É uma técnica de análise multivariada que nos permite analisar agrupamentos e distingui-los a partir de características comuns ou mesmo por suas diferenças.

O procedimento TwoStep Cluster Analysis feito no software SPSS é uma ferramenta exploratória projetada para revelar agrupamentos naturais (ou clusters) dentro de um conjunto de dados que, de outra forma, não seriam aparentes (COSTA, G. G. O., 2017).

Selecionamos este método como técnica para realizarmos análises descritivas em cada arranjo e como análise discriminante para verificar quais as variáveis são mais importantes para discriminar, isto é, separar os agrupamentos

CAPÍTULO III – DISCUSSÃO DOS PERFIS E CARACTERÍSTICAS INDIVIDUAIS DOS ARRANJOS

3.1 Análise Discriminante

Realizamos a análise de cluster a fim de buscar respostas aos seguintes questionamentos: quais as características dos subgrupos que porventura existem dentro de cada uma das categorias dos arranjos domiciliares? Quais características os tornam semelhantes ou, ao contrário, os distinguem? O pressuposto é que os arranjos domiciliares não são homogêneos, embora o senso comum os imagine assim.

Na seção de **Apêndices** deste estudo estão as tabelas com a síntese dos dados de cada agrupamento por arranjo domiciliar para o censo de 2000 e de 2010.

3.2 População e domicílios viçosenses segundo o Censo Demográfico 2000 e 2010

3.2.1 Agrupamentos segundo características gerais da população

Nossa primeira análise de cluster englobou toda a população da amostra, independentemente inclusive da classe do arranjo domiciliar, a fim de entender quais são as variáveis descritivas mais fortes, isto é, importantes quando se está analisando a totalidade do conjunto. Para esse primeiro agrupamento selecionamos as seguintes variáveis categóricas: arranjos domiciliares, sexo, cor ou raça, estado civil e anos de estudo. Além das já mencionadas variáveis categóricas, investigaremos outras duas variáveis discretas: idade (em anos completos) e total de rendimentos.

Para este primeiro agrupamento de clusters, a variável de estado civil é a que melhor explica os agrupamentos, seguido pela variável de arranjos domiciliares e pelo sexo das pessoas responsáveis. De uma maneira simples, as principais diferenças entre os grupos são dadas por seu status de casado(a) ou solteiro(a), casal com filhos ou casal sem filhos, homem ou mulher, por exemplo.

a. 1º CLUSTER - Elas chefes

Este primeiro agrupamento de arranjos domiciliares viçosenses é composto, em 2000, sobretudo por arranjos do tipo família estendida, monoparentais, e por fim vários domicílios unipessoais. Este primeiro grupo é formado por mulheres responsáveis pelos domicílios, com perfis de idade concentrados entre 20-40 anos e entre 60-80 anos, ou seja, em diferentes momentos do ciclo vital familiar e do curso

de vida. É composto por casadas, mas principalmente todos os demais tipos de estado civil (solteiro(a), viúvo (a), divorciado(a), desquitado(a) ou separado(a) judicialmente). Além disso, neste grupo o total de rendimentos concentrado é menor, com uma média de R\$640,56 enquanto o segundo cluster, descrito a seguir e chefiados, de maneira geral, por homens, apresenta uma renda média de R\$923,44.

Para o Censo de 2010. Nesta primeira etapa, selecionamos as seguintes variáveis categóricas: arranjos domiciliares, sexo, cor ou raça e estado civil. Além das já mencionadas variáveis categóricas, investigaremos outras duas variáveis discretas: idade (em anos completos) e total de rendimentos, aqui tida como o rendimento total domiciliar. Além disso, os clusters foram construídos tendo como filtro as variáveis de pessoa de referência do domicílio e a dos domicílios particulares permanentes ocupados, a fim de não mascarar a amostra e criar um efeito de composição englobando todos os indivíduos de cada arranjo. Considerando estas variáveis, dois clusters foram formados: o primeiro, com 54,6% dos indivíduos da amostra e o segundo com os demais 45,4%.

Neste primeiro agrupamento, o principal tipo de arranjo são os unipessoais (24,7%) e as famílias estendidas, seguidos pelos monoparentais, casais com filhos e em uma proporção menor os casais sem filhos. É válido ressaltar que nele se concentram todos os arranjos unipessoais, monoparentais e as famílias estendidas do universo da amostra.

A variável que melhor distingue os grupos foi a de estado civil, seguida por sexo, a própria variável arranjos domiciliares, os rendimentos domiciliares, a idade e, por fim, cor ou raça.

Este primeiro cluster se destaca por representar a totalidade de solteiros numa proporção de 39,3%. É aqui onde residem também todas as frequências para as outras categorias, ou seja, todos os viúvos(as), divorciados(as) e desquitados(as) ou separados(as) judicialmente. Também há a presença de indivíduos casados(as), mas em menor proporção.

São também indivíduos em sua maioria do sexo feminino (68,4%), ou seja, aqui há maior presença de chefes de domicílio mulheres, como também vimos de maneira semelhante para o Censo de 2000. São mulheres na faixa etária entre 40-60 anos, com uma média de idade de 47,11 anos. Mais uma vez, neste grupo chefiado por

mulheres o total de rendimentos é menor, com uma média de R\$2.056,21, enquanto o segundo cluster, chefiados de maneira geral por homens, apresenta uma renda média de R\$3.571,27. Por último, a maioria é autodeclarada branca, seguida por pardos e negros.





b. 2º CLUSTER - Eles chefes. Modelos tradicionais de famílias (?)

O segundo cluster de arranjos domiciliares viçosenses em 2000 é composto principalmente por pessoas casadas(as) (93,5%) e, em menor porcentagem, solteiros(as). É um agrupamento caracterizado por chefia masculina onde predominam os tipos de arranjo casal sem filhos, casal com filhos e os outros 50% das famílias estendidas. Ambas as variáveis de “anos de estudo” e “idade” estão razoavelmente distribuídas entre os dois clusters. O mesmo pode ser dito quanto à variável cor/raça. Neste segundo grupo, os indivíduos estão, em sua maioria, concentrados nas faixas etárias entre 30-50 anos de idade, com um pico nos 40 anos, e possuem entre 4-8 anos de estudos, com uma frequência significativa também daqueles com educação básica completa. Em termos de rendimentos salariais, estes ganham bem mais do que o primeiro cluster, pois, mesmo que numa frequência baixa (poucos casos), alguns domicílios chegam a atingir R\$10.000,00, algo que não ocorre no primeiro grupo.

Em 2010, este cluster é composto quase unicamente por indivíduos casados (99,6%) e do sexo masculino (99,5%). O arranjo mais frequente para este cluster é o de casal com filhos (66,2%) e casal sem filhos (aproximadamente 20%), com uma frequência menor de famílias estendidas. Neste segundo grupo, os indivíduos estão também concentrados nas faixas etárias entre 40-60 anos de idade, com uma média aproximada de 48,61 anos. Quanto ao rendimento domiciliar, a média gira em torno de R\$3.571,27, mas com uma distribuição de valores em que alguns indivíduos chegam a receber entre R\$15.000,00 e R\$20.000,00. Percebemos então que de maneira semelhante aos dados e agrupamentos gerados para o Censo de 2000, estes dois clusters para 2010 também se distinguem principalmente pelo sexo da pessoa responsável, isto é, o chefe do domicílio; o estado civil e o tipo de arranjo domiciliar predominante. É interessante notar, portanto, que as semelhanças entre monoparentais, unipessoais e famílias estendidas giram em torno da chefia feminina e de todos os demais atributos (renda, sobretudo) derivados dessa primeira característica. Não nos parece ousado afirmar que a questão de gênero é decisiva

para entendermos os próprios arranjos domiciliares e suas condições de vida e moradia.

Quadro 2 - Análise de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Responsáveis por Domicílio, Viçosa, 2000 e 2010.

Censo		2000		2010					
Cluster		1- Elas Chefes		2 - Eles chefes		1- Elas Chefes		2 - Eles chefes	
% arranjos domiciliares	% (contagem total)	Famílias estendidas (34,7%)	68,1% (1199)	Casal com filhos (74,1%)	31,9% (562)	Unipessoal (24,7%)	54,6% (1188)	Casal com filhos (66,2%)	45,4% (988)
Estado Civil		Solteiras (41,3%)		Casado (93,5%)		Solteiras (39,6%)		Casado (99,6%)	
Idade		 48,67		 44,32		 47,11		 48,61	
Anos de Estudo		4 anos (16,9%)		4 anos (23,6%)		-		-	
Sexo		Feminino (72,4%)		Masculino (98,2%)		Feminino (68,4%)		Masculino (99,5%)	
Cor/Raça		Branca (55,9%)		Branca (56,4%)		Branca (47,3%)		Branca (50,7%)	
Rendimentos			640,56		R\$923,44		R\$2.056,21		R\$3.571,27

Fonte: IBGE. Censos Demográficos 2000 e 2010. Elaboração e tabulação próprias.

3.2.2 Agrupamentos segundo características gerais dos domicílios

A segunda análise que realizamos foi voltada para variáveis que descrevem os domicílios em relação ao contexto urbano em que estão inseridos. Os dados representam toda a população e, logo, todos os arranjos domiciliares viçosenses em 2000. Aqui, nos debruçamos sobre a qualidade do domicílio e da infraestrutura do seu entorno. Supúnhamos que alguns arranjos domiciliares pudessem se concentrar em áreas e em domicílios mais precários dada também suas vulnerabilidades individuais, isto é, de acordo com o rendimento, os anos de estudo e o sexo do seu responsável. As variáveis descritivas dos domicílios incluem:

- V0202- Tipo do domicílio;
- V0205- Condição do domicílio;
- V0207- Forma de abastecimento de água;
- V0211- Tipo de esquadro;
- V0212- Coleta de lixo;
- V0213- Iluminação elétrica;
- V1112- Existência de iluminação pública;
- V1113- Existência de calçamento/pavimentação.

Contudo, diferentemente do que esperávamos, os dados não sugerem diferenças locais entre os arranjos domiciliares. Em realidade, nossas primeiras impressões revelam que os arranjos domiciliares são a variável menos significativa para justificar os agrupamentos/clusters em função das características domiciliares.

Em resumo, entendemos que ao observarmos o contexto urbano, os arranjos domiciliares se encontram razoavelmente distribuídos segundo as benesses ou carências de seus domicílios e suas vizinhanças. Nesse sentido, podemos inferir que os arranjos explicam pouco a separação entre os dois agrupamentos formados de acordo com atributos domiciliares. Dessa maneira, quais as variáveis que melhor elucidam a separação entre domicílios bem servidos daqueles precarizados e, quiçá, segregados e periferizados, geográfica e socialmente?

A variável de coleta de lixo é a que melhor explica a separação dos grupos, seguida pela V1112 – Existência de Iluminação Pública e V1113 – Existência de calçamento/pavimentação.

A diferenciação entre os clusters é dada por um primeiro grupo bem servido por esses serviços e infraestruturas, ou seja, integralmente atendidos por iluminação elétrica, rede de esgoto e saneamento, abastecimento de água (por rede geral) e, por fim, existência total ou parcial de calçamento/pavimentação. Os domicílios que se enquadram nesse primeiro grupo são, em sua maioria, de caráter próprio (já pago ou ainda pagando) ou alugado, com uma frequência menor daqueles cedidos. Em relação ao tipo de domicílio, o primeiro grupo é formado principalmente por casas (maioria). Há uma pequena fração de apartamentos, porém esta pequena fração representa a totalidade deles. Em outras palavras, todos os apartamentos estão concentrados no primeiro grupo dos domicílios bem infraestruturados.

Já o segundo grupo podemos entendê-lo como diametralmente oposto ao primeiro. São domicílios mal servidos em termos de infraestrutura e entorno, desprovidos de uma rede de saneamento, coleta de lixo e iluminação pública. São, ao que tudo indica, grupos mais pobres.

No que se refere ao censo de 2010, assim como para o censo de 2000, os arranjos explicam pouco a separação entre os agrupamentos. Algumas variáveis estavam abaixando a qualidade dos clusters para o Censo de 2010, como a que verifica a existência de energia elétrica. A frequência foi de 100% para todos os casos, portanto ela foi descartada da análise a fim de alcançar maior qualidade na classificação. Acreditamos importante ressaltar também que de nem todas as variáveis presentes no Censo de 2000 se encontram/possuem equivalência no Censo 2010, tais como a de existência de calçamento/pavimentação e a que verifica o tipo de

domicílio, isto é, se este é casa, apartamento ou outros. As variáveis finais utilizadas e em ordem de importância para distinguir os grupos são:

- V0207 - Esgotamento sanitário, tipo;
- V0208 - Abastecimento de água, forma;
- V1006 - Situação do domicílio ;
- V0210 - Lixo, destino;
- V0201 - Domicílio, condição de ocupação
- V0212 - Existência de medidor ou relógio, energia elétrica, companhia distribuidora;
- V0209 - Abastecimento de água, canalização.

De maneira geral, encontramos para 2010 um retrato parecido com o de 2000: um grupo bem servido e outro onde a infraestrutura é mais precária. É importante notar, entretanto, que o primeiro agrupamento, constituído desses arranjos bem servidos, é o maior e compõe cerca de 82,9% da amostra. Este também era o caso em 2000, com mais de 80% da amostra representada por um agrupamento com boas condições de entorno. Como já esperávamos, essa distribuição de frequência está de acordo e segue a mesma proporção para o resultado da variável V1006 - Situação do domicílio, onde vemos um grupo exclusivamente urbano e, conseqüentemente, bem atendido por infraestrutura, e outro grupo, menor, que reside em domicílios na zona rural.

O primeiro cluster apresenta esgotamento sanitário feito integralmente por rede geral de esgoto ou pluvial, abastecimento de água por rede geral de distribuição. Além disso, mais de 95% dos domicílios têm seu lixo coletado serviço de limpeza. Em torno de 65% desses domicílios são próprios e já pagos ou alugados, com uma proporção pequena de domicílios ainda sendo pagos ou cedidos de outra forma. Possuem energia elétrica e medidor de relógio de uso exclusivo e também serviço de abastecimento de água.

O segundo cluster já mostra o cenário contrário, com domicílios que em sua maioria não possuem sistema de esgotamento sanitário apropriado, sendo este realizado por meio de rio, lago ou mar (48,5%), fossa rudimentar ou fossa séptica. O abastecimento de água é realizado por poço ou nascente na propriedade (46,1%) ou rede geral de distribuição e o destino do lixo é realizado por serviço de limpeza, mas

em torno de 40% dos domicílios esse é queimado na propriedade ou tratado de outra maneira. São domicílios já próprios e pagos de algum morador ou então alugados. Aproximadamente 90% deles possuem energia elétrica e abastecimento de água.

Tabela 2 - Tabulação cruzada entre variáveis de pessoas e variáveis de domicílios para os clusters de unipessoais, 2000 e 2010, Viçosa, MG.

Censo	2000		2010	
	1- Elas Chefes	2 - Eles chefes	1- Elas Chefes	2 - Eles chefes
% (contagem total)	16,6% (291)	83,4% (1459)	17,10%%	82,90%
Coleta de lixo	Queimado na propriedade (40,9%)	Serviço de limpeza (99%)	Serviço de limpeza (95%)	Serviço de limpeza (95%)
Iluminação pública	Não existe (48,5%)	Sim (99,7%)	-	-
Calçamento/pavimentação	Não existe (61,2%)	Total (86%)	-	-
Tipo de escoadouro	Rio, lago ou mar (41,2%)	Rede geral (91,5%)	Rede geral (100%)	Rede geral (100%)
Forma de abastecimento de água	Poço ou nascente na propriedade (60,1%)	Rede geral (95,8%)	Rede geral (100%)	Rede geral (100%)
Condição do domicílio	Próprio, já pago (77%)	Próprio já pago (69,%)	Próprio já pago ou alugado (65%)	Próprio já pago ou alugado (65%)
Tipo do domicílio	Casa (100%)	Casa (69,2%)	Casa (69,2%)	Casa (69,2%)
Iluminação elétrica	Sim (92,8%)	Sim (99,9%)	Sim (99,9%)	Sim (99,9%)

Fonte: IBGE. Censos Demográficos 2000 e 2010. Elaboração e tabulação próprias.

3.3 Nuances internas aos arranjos domiciliares viçosenses

Em seguida, realizamos o mesmo tipo de análise two-step cluster para cada tipo de arranjo domiciliar. Isto é, para caracterizarmos os subgrupos dos arranjos novamente segundo atributos dos responsáveis e seus domicílios. Por que realizamos tal exercício? Como comentamos acima, imaginávamos que haveria algum tipo de associação entre arranjos domiciliares e condições de precariedade habitacional e infraestrutural. Isto, pois, é sabido que alguns arranjos, por exemplo, os unipessoais e monoparentais tendem a ser mais vulneráveis, ao menos economicamente, que os demais (PERUCCHI E BEIRÃO, 2007; MONTALI, 2004; MONTALI E LIMA, 2014; BARROS, ALVES E CAVENAGHI, 2008). Porém, os resultados não são tão isonômicos assim. Em outras palavras, há tanto domicílios unipessoais bem infraestruturados, quanto mal servidos, por exemplo. Assim, os primeiros resultados nos instigaram a investigar quais eram as características dos moradores dos domicílios unipessoais precarizados. Ou seja, qual era o perfil dos precarizados segundo arranjos domiciliares. Enfim, as classes dos arranjos domiciliares não são uma massa homogênea ao menos segundo a natureza dos seus domicílios. Quem são eles, afinal?

3.3.4 Unipessoais

a. Diversidades entre os domicílios unipessoais viçosenses em 2000 e 2010

Imaginávamos que a variável de idade seria a que melhor distinguiria os domicílios unipessoais, pois, em geral, eles são formados ou por jovens ou idosos. É o que de fato ocorre. Ela vem acompanhada da variável de estado civil, e anos de estudo. As variáveis de cor ou raça, total de rendimentos e sexo são menos importantes para entendermos as diferenças internas aos unipessoais.

Ao observá-los, percebemos que há um subgrupo de unipessoais envelhecidos, composto por viúvos e divorciados, e outro jovem, formado por solteiros.

Os mais envelhecidos concentram-se nas faixas de 60-80, com alguns indivíduos atingindo os 100 anos ou mais, com uma média de idade em torno dos 64 anos (63,72). Eles também compõem, integralmente, a parcela de viúvos (categoria mais frequente com 61,4%) e casados e a maioria expressa de divorciados.

A segunda subdivisão dos unipessoais viçosenses é consideravelmente mais jovem em 2000, encontrando-se na faixa entre os 20 e 40 anos e apresentando uma

média de 37,85 anos. É quase integralmente composto de solteiros (92,7%), com uma frequência menor de indivíduos desquitados(as) ou separados(as) judicialmente.

Os unipessoais envelhecidos possuem baixa escolaridade, afinal os dados apontam que se concentram em torno dos indivíduos sem instrução ou com menos de 1 ano de estudo (29,8%). Os unipessoais mais jovens apresentam médias significativamente mais elevadas, com 17 anos de estudo ou mais (19,1%), isto é, com ensino médio e superior completo.


Ao observarmos as outras variáveis, como alertamos, não tão significativas para explicar a separação entre grupos, mas ainda sim relevantes, a variável cor/raça revela que ambos os grupos possuem maioria de indivíduos autodeclarados brancos (56,4% para os unipessoais jovens e 59,6% para os envelhecidos), entretanto, ainda que não sejam a maioria todos os autodeclarados pretos e indígenas encontram-se nos unipessoais envelhecidos. Autodeclarados pardos encontram-se igualmente distribuídos entre ambos os subgrupos.

Quanto ao total de rendimentos, a média para os unipessoais jovens gira em torno de R\$1.006,36, enquanto é de R\$576,89 para os envelhecidos.

Por último, a variável de sexo nos revela que entre os unipessoais jovens a maioria é do sexo masculino (54,5%) e entre aquele grupo dos mais envelhecidos os indivíduos são do sexo feminino (63,2%). A maior participação feminina nos unipessoais envelhecidos pode decorrer da maior expectativa de vida superior à dos homens.

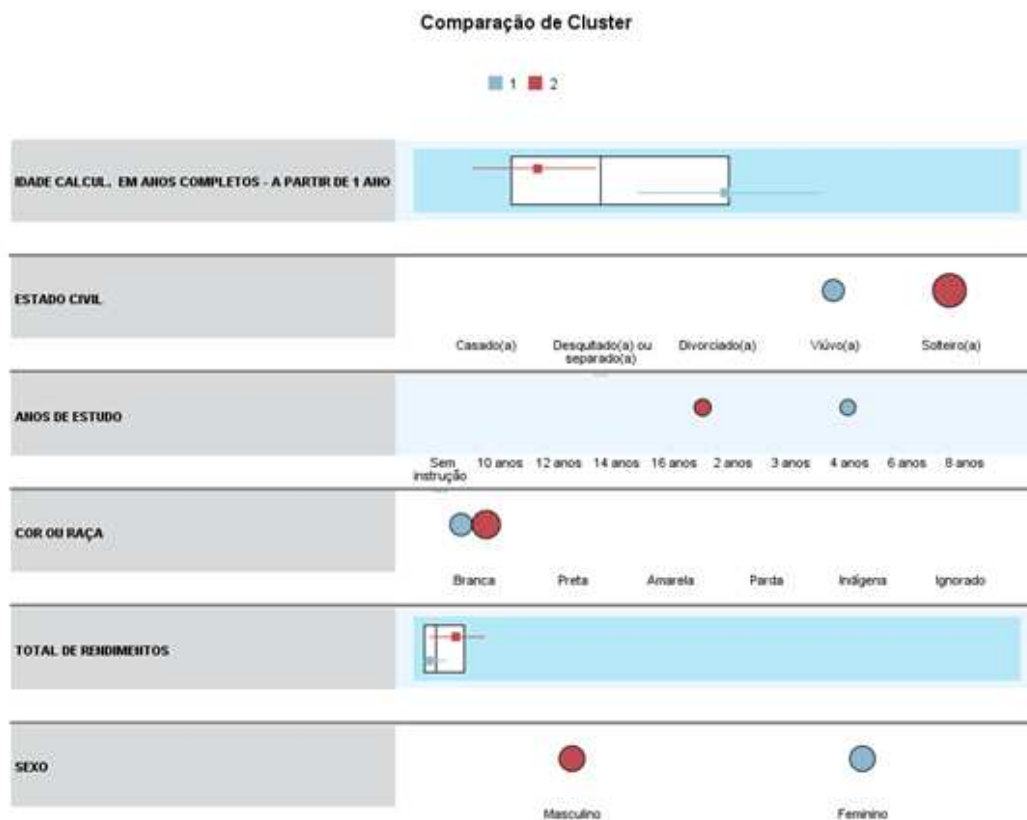
Abaixo, o **Quadro 3** com o resumo das características elencadas para os unipessoais de 2000. A sequência das entradas segue a ordem de relevância de cada variável para a discriminação dos grupos.

Quadro 3 - Análise de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Unipessoais, Responsáveis por Domicílio, Viçosa, 2000.

Cluster		1 - Envelhecidos	2 - Jovens
Unipessoais 	Tamanho % (contagem)	34,1% (57)	65,9% (110)
	Estado Civil	Viúvo (61,4%)	Solteiro (92,7%)
	Idade	63,72	37,85
	Anos de Estudo	Sem instrução ou menos de 1 ano (29,8%)	17 ou mais (19,1%)
	Sexo	Feminino (63,2%)	Masculino (54,5%)
	Cor/Raça	Branca (59,6%)	Branca (56,4%)
	Entradas		

Fonte: IBGE. Censos Demográficos 2000 e 2010. Elaboração e tabulação próprias.


Quadro 4 - Comparação de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Unipessoais, Responsáveis por Domicílio, Viçosa, 2000.



Fonte: IBGE. Censos Demográficos 2000 e 2010. Elaboração e tabulação próprias.

A principal diferença percebida entre os unipessoais em 2010 e aqueles do Censo 2000 é a idade. Enquanto os agrupamentos para o primeiro Censo encontravam-se entre a faixa de 35-58 anos, mais recentemente esse arranjo está mais envelhecido, passando para a faixa etária de 41-62. O estado civil passa a ser a variável que melhor explica a distribuição dos agrupamentos, seguida pela idade, cor/raça, sexo e, por último, rendimento domiciliar. Em termos de tamanho, os clusters estão bem distribuídos, com um primeiro grupo que compreende 44,9% da amostra e o segundo 55,1%.

Quadro 5 - Análise de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Unipessoais, Responsáveis por Domicílio, Viçosa, 2010.

		CLUSTER	1 - Envelhecidos	2 - Jovens
Unipessoais		Tamanho	44,9% (132)	55,1% (162)
		% (contagem)		
		Estado Civil	Viúvo (51,5%)	Solteiro (90,1%)
		Idade	62,94	41,01
		Anos de Estudo	—	—
		Sexo	Feminino (62,9%)	Masculino (57,4%)
		Cor/Raça	Branca (63,6%)	Branca (49,4%)

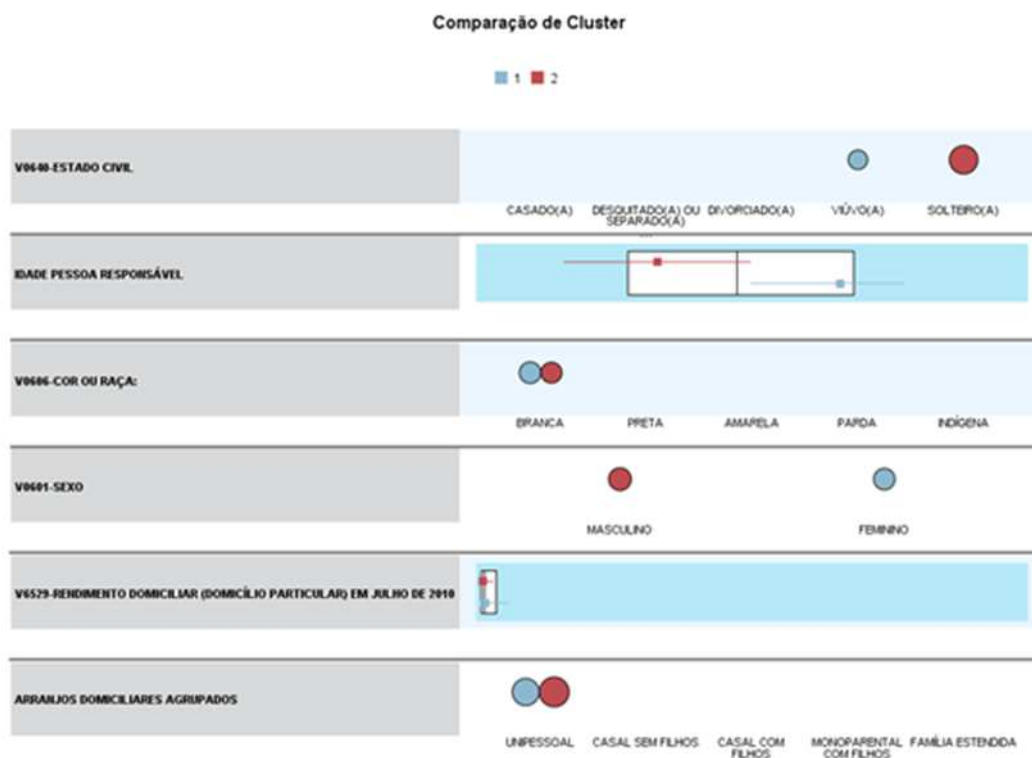
Fonte: IBGE. Censos Demográficos 2000 e 2010. Elaboração e tabulação próprias.

Já havíamos constatado que os unipessoais possuem um subgrupo tipicamente mais envelhecido e outro mais jovem, enquanto o envelhecido é constituído por mulheres (62,9%) viúvas e/ou divorciadas (70%), este segundo agrupamento é típico de indivíduos solteiros (90,1%) e em sua maioria homens (57,4%).

Quanto à autodeclaração de cor ou raça, para os unipessoais envelhecidos a maioria se autodeclara branca (63,9%) ou parda, com uma baixa frequência se autodeclarando amarela. A categoria branca continua sendo a mais frequente para os unipessoais jovens e masculinos (49,4%), mas com ligeiro aumento daqueles que se autodeclararam pardos, amarelos e/ou indígenas e todos aqueles que se autodeclararam pretos.

O rendimento domiciliar nos revela um quadro diferente daquele em 2000, onde os arranjos com a maior média de rendimentos eram os unipessoais jovens masculinos. Aqui, eles ganham menos do que os unipessoais envelhecidos, algo em torno de R\$1.476,70. O segundo agrupamento apresenta uma média de R\$2.982,38, com casos cujo rendimento ultrapassa valores de R\$10.000,00. É válido apontarmos que em ambos os cenários, pardos, pretos, indígenas e amarelos sempre apresentaram menores rendimentos.

Quadro 6 - Comparação de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Unipessoais, Responsáveis por Domicílio, Viçosa, 2010.



Fonte: IBGE. Censos Demográficos 2000 e 2010. Elaboração e tabulação próprias.

b. Onde e como moravam os unipessoais viçosenses em 2000 e 2010?

De acordo com as variáveis que retratam os domicílios, os unipessoais foram divididos entre 3 clusters. Um primeiro agrupamento que concentra 28,7% da amostra, seguido por outro que representa 63,4% e um terceiro com 7,9% do total de casos. De uma maneira simplista, os agrupamentos concentram grupos com condições de entorno boas, médias e ruins.

Se há diferenças de perfil internas aos unipessoais, acreditávamos que haveria também distinções na natureza dos seus domicílios. É dizer, os unipessoais jovens moram em domicílios e em bairros mais infraestruturados do que os unipessoais envelhecidos? Ou seja, estamos correlacionando as duas análises de cluster na tentativa de entender quem são os indivíduos que moram muito mal em cada um dos dois grupos de domicílios segundo suas características para tentarmos vislumbrar as reais causas que podem explicar, talvez, a periferização e a segregação de alguns grupos.

Quando nos atemos exclusivamente às características dos domicílios, sem cruzá-las com os atributos individuais dos unipessoais, temos que, o primeiro

agrupamento é caracterizado pela existência total de iluminação pública e iluminação elétrica no domicílio, abastecimento de água por rede geral, existência de calçamento/pavimentação, coleta de lixo realizada por serviço de limpeza (93,6%) e tipo de escoadouro de rede geral de esgoto ou pluvial (97,9%). Em relação à condição do domicílio, apresenta maior frequência de domicílios alugados (89,4%) que, em sua totalidade são do tipo apartamento. Em suma, estamos falando de boas condições de moradia.

Por outro lado, ao cruzarmos as características dos subgrupos de unipessoais e os atributos de seus domicílios fica evidente a diferença entre as populações de unipessoais viçosenses em 2000 que moram mal e em melhores condições (**Tabela 3**).

Tabela 3 - Tabulação cruzada- características dos domicílios de acordo com os grupos entre os arranjos unipessoais, Viçosa, 2000.

UNIPESSOAIS 2000			TIPOS DE DOMICÍLIOS		
			Infraestruturados próprios	Precários	Total
CARACTERÍSTICAS DOS GRUPOS	Idosos	Contagem	479	90	569
		%	30,50%	52,30%	32,60%
	Jovens e adultos	Contagem	1093	82	1175
		%	69,50%	47,70%	67,40%
Total		Contagem	1572	172	1744
		%	90,14%	9,86%	100,00%

Fonte: IBGE. Censos Demográficos 2000 e 2010. Elaboração e tabulação próprias.

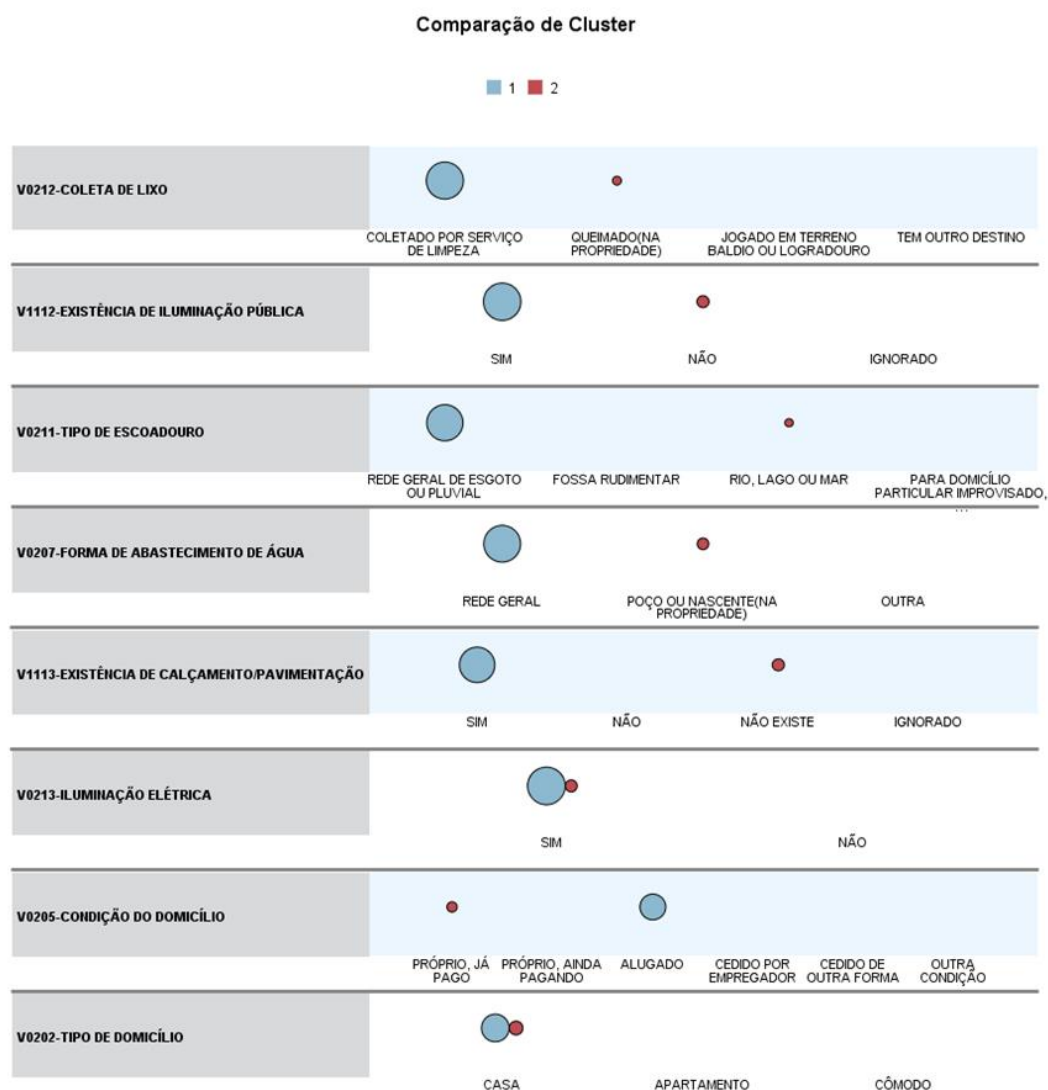
Como visto nas primeiras análises, os unipessoais chefiados por mulheres estão enquadrados no cluster com a menor média de total de rendimentos (R\$640,56). Há ainda um agravante ao refletirmos sobre questões de renda nos unipessoais, uma vez que esse tipo de arranjo conta com um rendimento total naturalmente inferior aos demais, visto que é constituído por uma pessoa só, trata-se apenas da renda individual, sem acréscimo de renda ou aposentadoria de um cônjuge ou outro membro da família. Nesse sentido, ainda que aqui estejamos analisando o total de rendimentos apenas por responsável por domicílio, devemos estar atentos ao fato de que em famílias compostas por mais indivíduos o quadro de renda que visualizamos neste

momento pode não se traduzir explicitamente como a realidade econômica desses arranjos. Por tal razão, a análise das características do entorno se faz ainda mais relevante, pois nos permite construir uma representação mais aprimorada do contexto urbano e econômico dos indivíduos e suas famílias.

Feita essa ressalva, retomemos aos unipessoais femininos (mais envelhecidos e empobrecidos). Eles, portanto, residem onde iluminação pública é inexistente, com estrutura precária de abastecimento de água (84,6% é na forma de poço ou nascente) e saneamento básico (neste grupo, o tipo mais comum de escoadouro são rios, lagos ou o mar, com 46,3% e não há um sistema de coleta de lixo, sendo feito o descarte por meio de queimadas na propriedade em uma frequência também de 46,2%. Os tipos de domicílios são casas, em sua maioria cedidas por empregadores ou próprias e já pagas. Além disso, mais de 80% desses domicílios estão localizados em regiões onde não há sequer existência de calçamento/pavimentação.

Não é que não haja domicílios unipessoais envelhecidos em áreas mais privilegiadas da cidade, senão que a fração dos unipessoais jovens, servidos por iluminação elétrica e há existência integral de iluminação pública e mais de 80% do entorno possui calçamento/pavimentação, se destacam ali. A coleta de lixo é feita por serviço de limpeza (98,1%) e a forma de abastecimento de água e esgoto é por rede geral (93,3% e 88,5%, respectivamente). As casas representam o tipo mais frequente de domicílios com aproximadamente 80%, seguido por 20% de apartamentos e cômodos em uma porcentagem reduzida. Mais de 60% desses domicílios estão na condição de próprios, já pagos, 25% são alugados e os demais estão concentrados nas porcentagens daqueles cedidos ou próprios ainda sendo pagos.

Quadro 7 - Comparação de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Unipessoais, Características do entorno, Viçosa, 2000.



Fonte: IBGE. Censos Demográficos 2000 e 2010. Elaboração e tabulação próprias.

É válido aqui fazermos uma ressalva: não estamos tomando estas características como evidências indiscutíveis para explicar as relações entre os arranjos domiciliares, seu entorno e suas dinâmicas, mas somente como ferramentas para vislumbrar como estes se distribuem no espaço ou - numa redação mais acurada - em função da qualidade dos seus domicílios. Trata-se de uma forma de, embora indiretamente, tangenciamos questões como a de segregação socioespacial segundo arranjos domiciliares.

Para o censo de 2010, ao construirmos os clusters para as variáveis de domicílios, percebemos que apenas 3 grupos apresentavam maior qualidade de

análise. Portanto, para estas variáveis nos unipessoais chegamos numa distribuição com três clusters. O primeiro com 40,8% da população da amostra, um segundo com 39,4% e o último com 19,7%.

Como havíamos dito na análise geral das variáveis domiciliares, a variável de arranjos domiciliares explica pouco, ou praticamente nada, a distinção entre os grupos, portanto, desconsideramo-la. Melhor dizendo, estamos preocupados em entender quem são os unipessoais que moram em piores condições e quais, em melhores condições. A condição de ocupação do domicílio, o tipo de esgotamento sanitário e a forma de abastecimento de água são as principais variáveis para entendermos as semelhanças e, logo, diferenças entre os grupos, seguidas pela variável de destino do lixo, a situação do domicílio, existência de medidor ou relógio, energia elétrica e, por fim, canalização do abastecimento de água. A relevância das variáveis sugere que os obstáculos de saneamento são ainda enormes no Brasil, em geral, e em Viçosa particularmente.

Em relação à condição de domicílio, tanto para o primeiro grupo quanto para o segundo, a categoria mais frequente é a condição de domicílio próprio de algum morador e já pago, com frequência de 100% para o primeiro agrupamento e 63,2% para o segundo. Nesse, outras categorias também comuns, mas em menores frequências, incluem domicílios alugados, cedidos de outra forma ou cedido por empregador. Para o terceiro agrupamento, a condição mais comum é de domicílio alugado (84,2%), com uma baixa frequência de domicílios cedidos de outra forma.

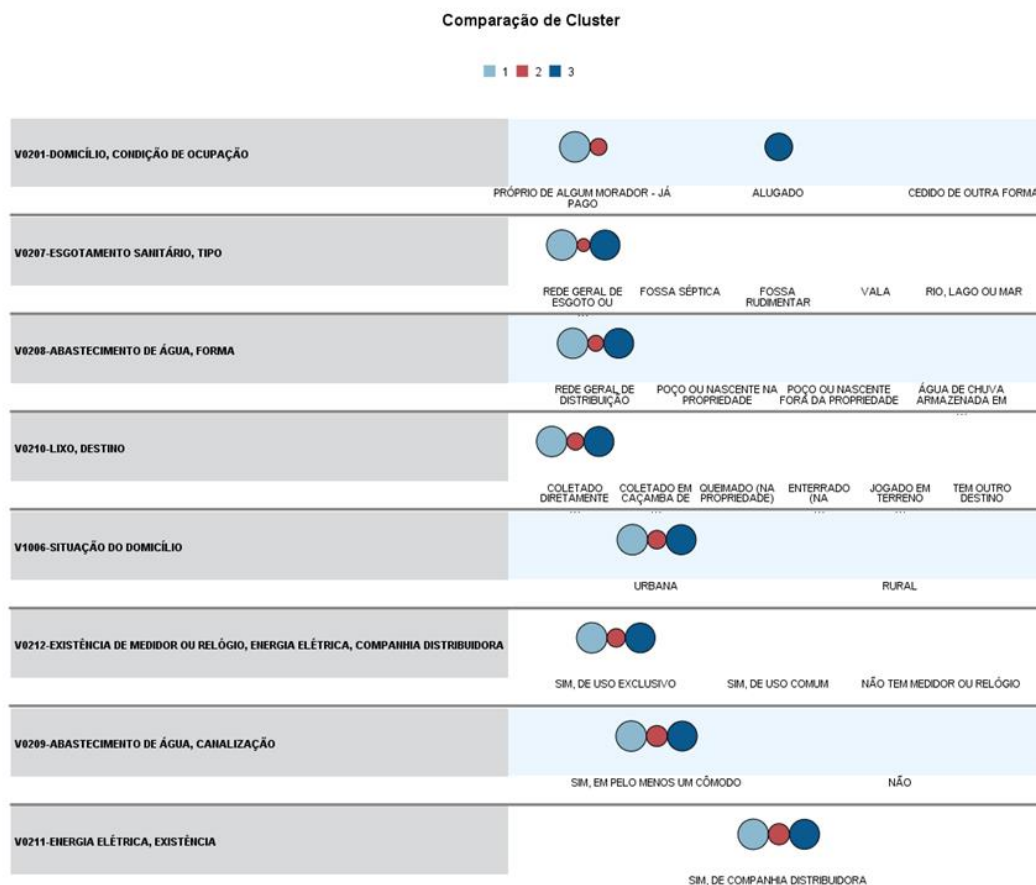
O tipo de esgotamento sanitário mais frequente para todos os agrupamentos é a rede geral de esgoto ou pluvial, sendo menor que 100% dos arranjos apenas para aqueles pertencentes ao segundo cluster, com uma média de apenas 36,8%. A segunda categoria mais comum neste agrupamento é o tipo de esgotamento sanitário feito por rio, lago, ou mar e também fossa séptica. Valas e fossas rudimentares também aparecem como categorias menos frequentes nesses arranjos. De maneira semelhante, a forma de abastecimento de água mais frequente é por meio de rede geral de distribuição, também com 100% de frequência para o primeiro e terceiro cluster e menor para o segundo cluster, com 56,1%. As outras categorias que encontramos para esse arranjo são poços ou nascentes na propriedade ou fora da propriedade. Imagínávamos que esse segundo agrupamento seria o daqueles

indivíduos que possuem seus domicílios situados em áreas rurais, o que constatamos como verídico ainda que a categoria urbana tenha sido frequente para eles também.

O destino do lixo é coletado diretamente por serviço de limpeza em todos os agrupamentos, mas mais uma vez o segundo cluster destoa da frequência absoluta e apresenta outras categorias comuns, como queimado na propriedade, jogado em terreno baldio ou logradouro ou coletado em caçamba de serviço de limpeza.

Por fim, todos os agrupamentos apresentam existência de medidor ou relógio e canalização do abastecimento de água em pelo menos um cômodo. As frequências continuam a flutuar um pouco para o segundo agrupamento, mas seguem o mesmo padrão de resposta dos outros dois clusters.

Quadro 8 - Comparação de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Unipessoais, Características do entorno, Viçosa, 2010.



Fonte: IBGE. Censos Demográficos 2000 e 2010. Elaboração e tabulação próprias.

Curiosamente, os dados do Censo 2010 divergem daqueles de 2000. Neste momento, são os unipessoais idosos e majoritariamente chefiados por mulheres aqueles domicílios que apresentam as melhores condições de moradia (**Tabela 4**).

Tabela 4 - Tabulação cruzada- características dos domicílios de acordo com os grupos entre os arranjos unipessoais, Viçosa, 2010.

UNIPESOAIS 2010			TIPOS DE DOMICÍLIOS			
			Infraestruturados próprios	Precário	Infraestruturados alugados	Total
Grupos	Idosos	Contagem	663	305	408	1376
		%	48,20%	22,20%	29,70%	100,00%
	Jovens e adultos	Contagem	588	271	812	1671
		%	35,20%	16,20%	48,60%	100,00%
Total		Contagem	1251	576	1220	3047
		%	41,10%	18,90%	40,00%	100,00%

Fonte: IBGE. Censos Demográficos 2000 e 2010. Elaboração e tabulação próprias.

O que explicaria essa modificação? Sinceramente, nossas respostas são suposições neste momento. Ao longo da década poder ter havido uma espécie de seletividade dos unipessoais. É dizer, parte dos unipessoais femininos mais envelhecidos e empobrecidos fundiu-se a outros arranjos domiciliares, supomos que se tornaram famílias estendidas, visto que a fração de mulheres chefes de domicílios deste tipo cresceu em 2010, ainda que a porcentagem do arranjo em si tenha diminuído para Viçosa nessa década. Especulamos também que este grupo possa ter se recomposto em casais sem filhos ou mesmo monoparentais, visto que os números de mulheres idosas e chefes de domicílio para estes arranjos também aumentaram. Mas, como dito, estas ponderações não passam de hipóteses. A pobreza concentrada nesse grupo foi dispersada em outros domicílios. Em 2010, aqueles que possuíam outros auxílios financeiros, aposentadoria, por exemplo, encontravam-se em melhores condições.

3.3.4 Casais sem Filhos

a. Diversidades entre os domicílios Casais sem Filhos viçosenses em 2000 e 2010

A variável cor ou raça é a que melhor separa os grupos entre os casais sem filhos viçosenses em 2000. Ela é seguida pela variável de estado civil, sexo e total de rendimentos. Ambas as variáveis de anos de estudo e idade em anos completos são

as que menos os explicam. Em relação à idade, a diferença foi pouca, com ambos os grupos em torno da média dos 48 anos de idade. Diferentemente do que ocorre com os unipessoais viçosenses em 2000, o que impera aqui não é a idade, tampouco o estado civil, senão a raça. Vejamos.

O primeiro grupo de casais sem filhos é exclusivamente composto por indivíduos autodeclarados brancos, enquanto o segundo cluster compreende 95% dos indivíduos que se autodeclaram pretos/pardos. Em ambos os agrupamentos, a maioria dos indivíduos se declara casados, com 89,4% para o primeiro grupo e 77,5% no segundo. No primeiro agrupamento concentram-se praticamente a totalidade dos separados, solteiros ou viúvos.


A bibliografia já nos mostra (MEDEIROS E OSÓRIO, 2011; GOLDANI, 2012) como esse tipo de arranjo é majoritariamente caracterizado por uma chefia masculina. Podemos dizer que este formato é onde se cristaliza a noção da família tradicional, inerentemente patriarcal e sobretudo composta por indivíduos de maioria branca ou parda. Ao observarmos a separação por sexo, fica claro como algumas dessas questões se manifestam. Ambos os agrupamentos de casais sem filhos são constituídos por, majoritariamente, responsáveis do sexo masculino. No segundo grupo, porém, 10% deles são mulheres, algo que já nos leva a ponderar quais serão as prováveis singularidades entre os clusters segundo a variável de renda.

Para o primeiro grupo, exclusivamente masculino e de maioria branca, a média do total de rendimentos gira em torno de R\$1.293,93, enquanto para o segundo cluster ela cai para menos da metade, isto é R\$542,76. Em suma, raça e renda se combinam para explicar a pobreza econômica do segundo agrupamento.

Em relação a anos de estudo, há uma diferença interessante. O grupo de maioria masculina se concentra nos 4 anos de estudo, seguido por uma frequência próxima de 17 anos de estudo. Estamos nos referindo a um grupo que comporta homens brancos, indivíduos tanto de baixa quanto alta escolaridade. Ao passo que entre os pretos e pardos a categoria mais frequente neste caso é a de 4 anos de estudo ou mais (12,5%), mas principalmente indivíduos com baixa escolaridade. Não é que o grupo tampouco seja formado unicamente por indivíduos de baixa escolaridade, porém há uma parcela significativa dele com muitos anos de estudo. O que percebemos com este dado é que a maior escolaridade do segundo cluster não significou maiores rendimentos. A relação inversamente proporcional entre renda e

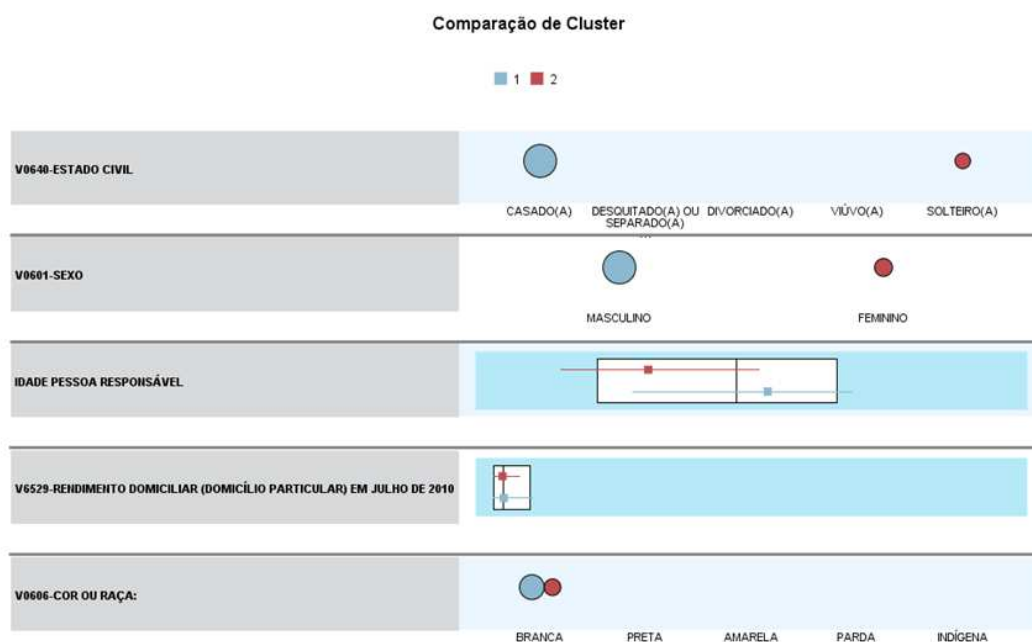
anos de estudo segundo raça não nos parece casual. Apenas evidencia os imensos preconceitos raciais estruturais à nossa sociedade (ALMEIDA, 2019; .

Quadro 9 - Análise de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Casais sem Filhos, Responsáveis por Domicílio, Viçosa, 2000.

CLUSTER		1 - Brancos	2 - Pardos
Casais sem filhos 	Tamanho	70,1% (94)	29,9% (40)
	% (absoluto)		
	Cor/Raça	Branca (100%)	Preta/Parda (95%)
	Estado Civil	Casado (89,4%)	Casado (77,5%)
	Sexo	Masculino (94,7%)	Masculino (90%)
	Idade	48,98	48,2
	Anos de Estudo	4 anos (20,2%)	4 anos (12,5%)

Fonte: IBGE. Censos Demográficos 2000 e 2010. Elaboração e tabulação próprias.

Quadro 10 - - Comparação de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Casais sem filhos, Características do entorno, Viçosa, 2000.



Fonte: IBGE. Censos Demográficos 2000 e 2010. Elaboração e tabulação próprias.


O retrato dos grupos para os casais sem filhos em 2010 foi semelhante àquele dos casais com filhos, com certas nuances que discorreremos agora. Novamente, as variáveis mais importantes foram cor/raça, sexo e estado civil. Os rendimentos e a idade não foram entradas tão importantes quanto esses, mas ainda assim nos revelam dados significativos sobre as características destes grupos.

O primeiro grupo é composto apenas por indivíduos casados do sexo masculino e de maioria branca (95,7%). Entre os três agrupamentos, este possui a maior média de idade, em torno de 54,26 anos. É também o cluster com a maior média

de rendimentos, no valor de R\$4.400,66, mais que o dobro para os outros dois grupos. Aqui, percebemos mais uma vez que arranjos tipicamente brancos e masculinos estão atrelados a uma cobertura de renda superior a média de outros grupos que fogem dessas características como por exemplo, arranjos chefiados por mulheres pretas, pardas, amarelas e indígenas.

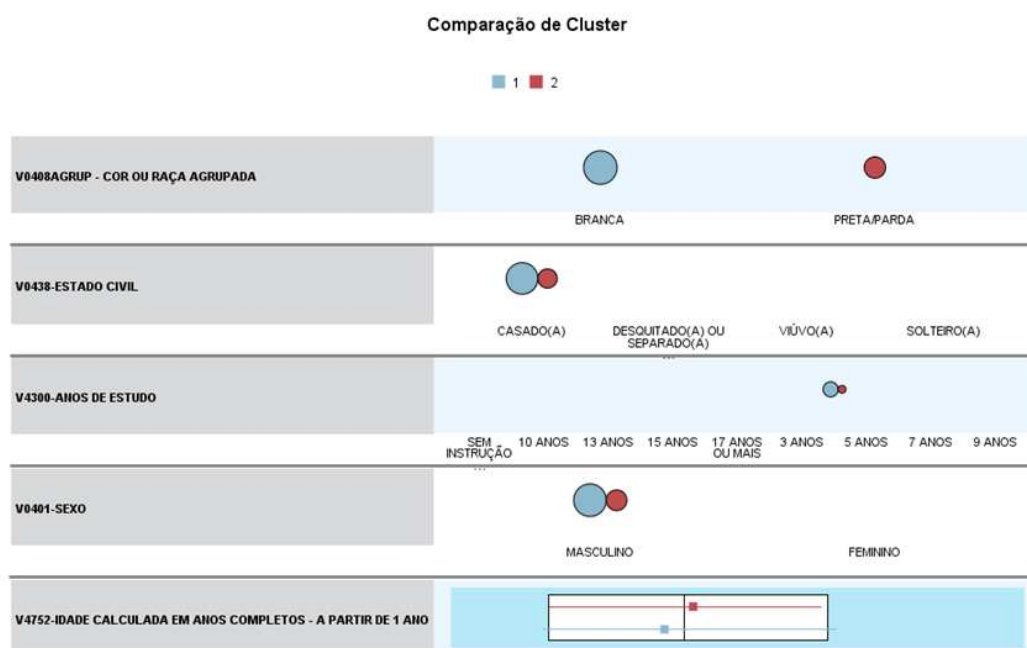
É o caso do segundo agrupamento, composto por maioria feminina (59,4%), branca (52,1%) mas com uma significativa parcela da população preta, parda e amarela da amostra. São mulheres que se consideram solteiras (44,8%) ou casadas, na faixa dos 41 anos de idade. Seus rendimentos domiciliares estão na média de R\$2.177,91.

Quadro 11- Análise de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Casais sem Filhos, Responsáveis por Domicílio, Viçosa, 2010.

		CLUSTER		1 - Homens	2 - Mulheres
Casais sem filhos 	Entradas	Tamanho	% (absoluto)	67% (195)	33% (96)
		Cor/Raça		Branca (56,9%)	Branca (52,1%)
		Estado Civil		Casado (100%)	Solteiro (44,8%)
		Sexo		Masculino (100%)	Feminino (59,4%)
		Idade		52,42	41,70
		Anos de Estudo		—	—

Fonte: IBGE. Censos Demográficos 2000 e 2010. Elaboração e tabulação próprias.

Quadro 12 - Comparação de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Casais sem filhos, Características do entorno, Viçosa, 2010.

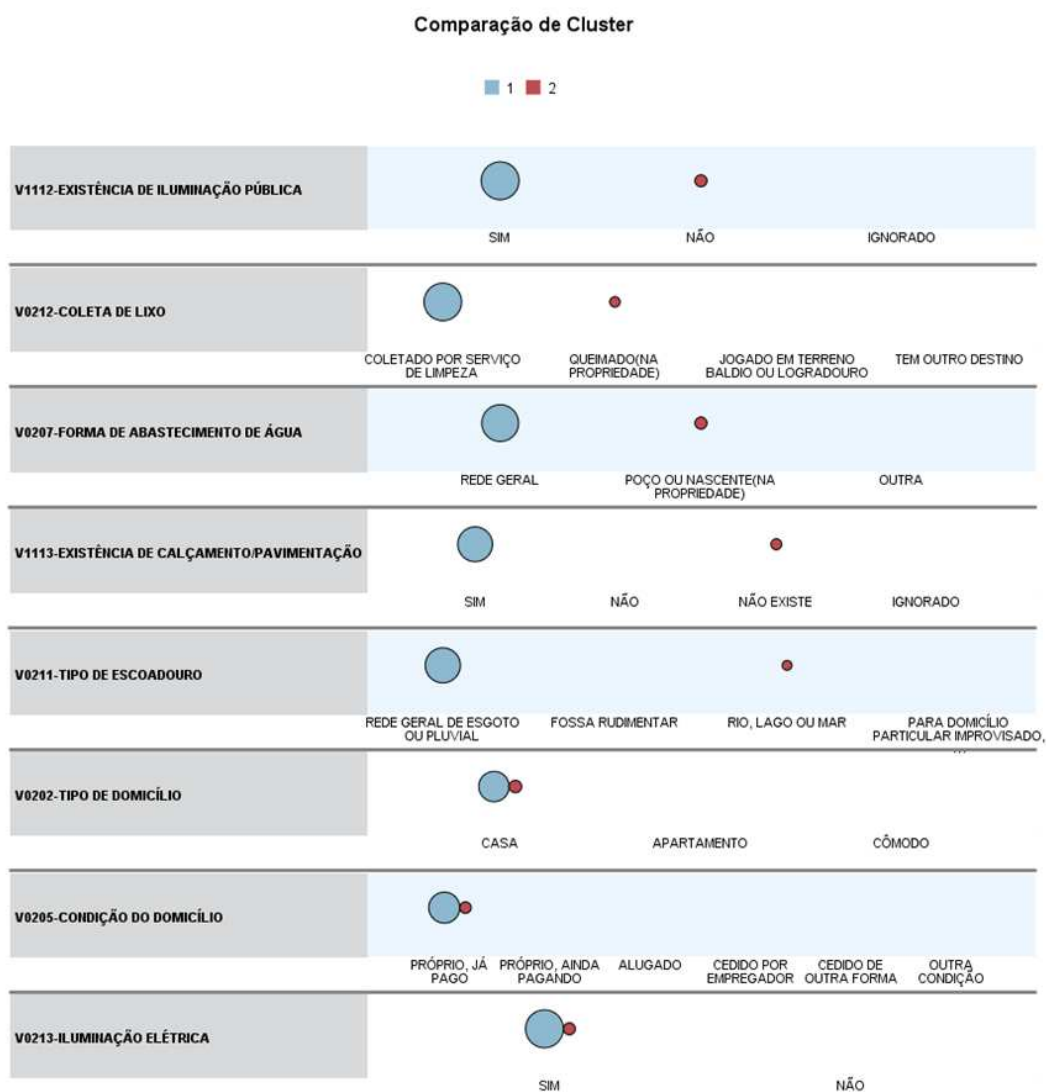


Fonte: IBGE. Censos Demográficos 2000 e 2010. Elaboração e tabulação próprias.

b. Onde e como moravam os Casais sem Filhos viçosenses em 2000 e 2010?

Foram encontrados dois agrupamentos segundo as entradas de variáveis de domicílios. O primeiro concentra um tamanho de 73,9% da amostra enquanto o segundo, menor, engloba os restantes 26,1%. As variáveis que melhor distinguem os grupos foram: (a) existência de calçamento/pavimentação; (b) forma de abastecimento de água; (c) coleta de lixo e (d) existência de iluminação pública.

Quadro 13 - Comparação de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Unipessoais, Características do entorno, Viçosa, 2000.



Fonte: IBGE. Censos Demográficos 2000 e 2010. Elaboração e tabulação próprias.

Para ambos os grupos há integralmente iluminação elétrica, e a categoria mais frequente para a condição do domicílio é a de próprio, já pago, numa frequência de 66,7% para o primeiro cluster e 71,4% para o segundo. Estes domicílios são em sua maioria casas, numa porcentagem integral para o segundo grupo e de 55,6% para o primeiro, que concentra todos os indivíduos que residem em apartamentos. O tipo de escoadouro mais comum é a rede geral de esgoto ou pluvial com, respectivamente, frequências de 86,9% e 54,3% para o primeiro e segundo grupos. Para este segundo, entretanto, a categoria de “rio, lago ou mar” segue atrás com um percentual de aproximadamente 27%.

Para as variáveis mais significativas, o grupo 1 apresentou basicamente frequência total no quesito de existência de calçamento/pavimentação, forma de abastecimento de água por rede geral e coleta de lixo realizada por serviço de limpeza. Conjecturávamos que os domicílios mais qualificados são chefiados por homens brancos de maior rendimento, enquanto que casais sem filhos negros residiriam em áreas onde a existência de calçamento/pavimentação cai para apenas 45% dos casos, seguido pela categoria “não existe” e um número bem inferior daqueles que contam com pavimentação total. Não é o que os dados demonstram (**Tabela 5**).

Tabela 5 - Tabulação cruzada- características dos domicílios de acordo com os grupos entre os arranjos casais sem filhos, Viçosa, 2000.

CASAI SEM FILHOS			CARACTERÍSTICAS INDIVIDUAIS		
			Branco	Pretos/Pardos	Total
Tipo de domicílio	Infraestruturado	Contagem	925	413	1338
		%	69,10%	30,90%	100,00%
	Precário	Contagem	106	14	120
		%	88,30%	11,70%	100,00%
Total		Contagem	1031	427	1458
		%	70,70%	29,30%	100,00%

Fonte: IBGE. Censos Demográficos 2000 e 2010. Elaboração e tabulação próprias.

Porém quando analisamos a precariedade habitacional dos casais sem filhos segundo raça e, sobretudo, sexo, os dados são inequívocos ao elucidar quem são os excluídos; são elas, no caso, as mulheres. Dos casais sem filhos negros em domicílios precários, 53,5% eram homens e 46,5% mulheres. Do outro lado, 91,6% dos casais sem filhos negros que viviam em melhores condições eram chefiados por homens, enquanto que as chefes correspondiam a apenas 8,4% dos casos.

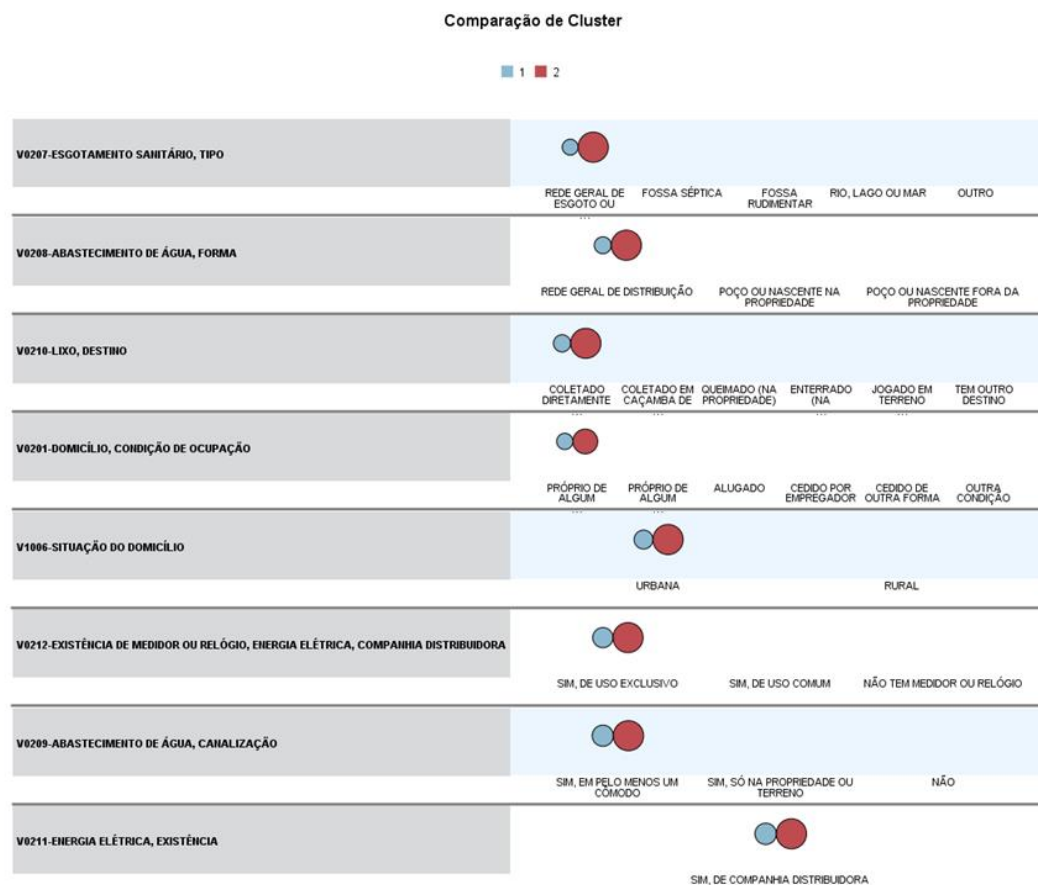
É evidente que há predisposições na localização dos grupos em função da qualidade dos domicílios e da vizinhança, especialmente segundo raça e gênero, que se encontram na raiz das diferenças de renda. A combinação entre ambos os aspectos, raça e gênero, ajuda a entender os abismos habitacionais e urbanos a serem solucionados tendo-se em vista a realidade das mulheres negras, sem nos esquecermos do fator idade.

Para 2010, encontramos apenas dois agrupamentos, enquanto para todos os outros o comum era atingirmos três clusters. Ainda, aqui algumas das variáveis se mostraram mais importantes para separar os dois grupos. Tipo de esgotamento sanitário, abastecimento de água e destino do lixo foram as três principais, seguidas pela condição do domicílio e ocupação e situação do domicílio. A existência de medidor de relógio e energia elétrica e a canalização do abastecimento de água foram as menos relevantes. O primeiro agrupamento compreendeu 33,4% da amostra e o segundo os demais 66,6%.

O primeiro cluster revela indivíduos servidos por rede geral de esgoto ou pluvial (54,6%) mas que também possuem esgotamento sanitário do tipo de fossas -sépticas e ou rudimentares- ou destinam o esgoto para rios, lagos ou mares. Possuem abastecimento de água por rede geral de distribuição (62,9%), ainda com uma parcela considerável de quase 40% que se abastece por meio de poços ou nascentes. O destino do lixo é em maioria coletado por serviço de limpeza, mas outras alternativas também possuem certa frequência, tais como: queimado na propriedade, enterrado, jogado em terreno baldio ou logradouro. A maioria dos domicílios são próprios de algum morador, próprios ou ainda sendo pagos, a segunda categoria mais frequente é a de domicílios cedidos de outra forma, seguida por domicílios alugados. A situação deles é de maioria urbana (78,4%), mas são nestes arranjos que estão concentrados todos os domicílios da amostra que estão em situação rural. Por fim, quase 90% dos domicílios possuem relógio e energia elétrica de uso exclusivo e quase 100% possui canalização de água em pelo menos um cômodo.

Já o segundo agrupamento apresenta condições semelhantes às vistas para os outros tipos de arranjos. Para as três primeiras categorias, isto é, esgotamento sanitário, abastecimento de água e destino do lixo, a frequência de uma rede de abastecimento e sistema de coleta de lixo foi de 100% para todas. Todos os domicílios são próprios e já pagos ou então alugados e localizados em área urbana.

Quadro 14 - Comparação de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Unipessoais, Características do entorno, Viçosa, 2010.



Fonte: IBGE. Censos Demográficos 2000 e 2010. Elaboração e tabulação próprias.

Aqui, novamente os desafios encarados pelas mulheres evidenciam-se (**Tabela 6**).

Tabela 6 - Tabulação cruzada entre variáveis de pessoas e variáveis de domicílios para os clusters de unipessoais, 2010, Viçosa, MG.

CASAIS SEM FILHOS 2010			TIPOS DE DOMICÍLIOS		
			Precários	Infraestruturados	Total
Chefia	Homens	Contagem	596	1393	1989
		%	30,00%	70,00%	100,00%
	Mulheres	Contagem	355	640	995
		%	35,70%	64,30%	100,00%
Total		Contagem	951	2033	2984
		%	31,90%	68,10%	100,00%

Fonte: IBGE. Censos Demográficos 2000 e 2010. Elaboração e tabulação próprias.

Embora as diferenças relativas não sejam tão expressivas, ainda assim elas existem e evidenciam que as mulheres responsáveis por domicílios vivem em piores condições de moradia e infraestruturais. Em sua maioria são “solteiras”. Em realidade, em uniões consensuais. Ou seja, se assemelham, com cuidado na comparação, às famílias monoparentais.

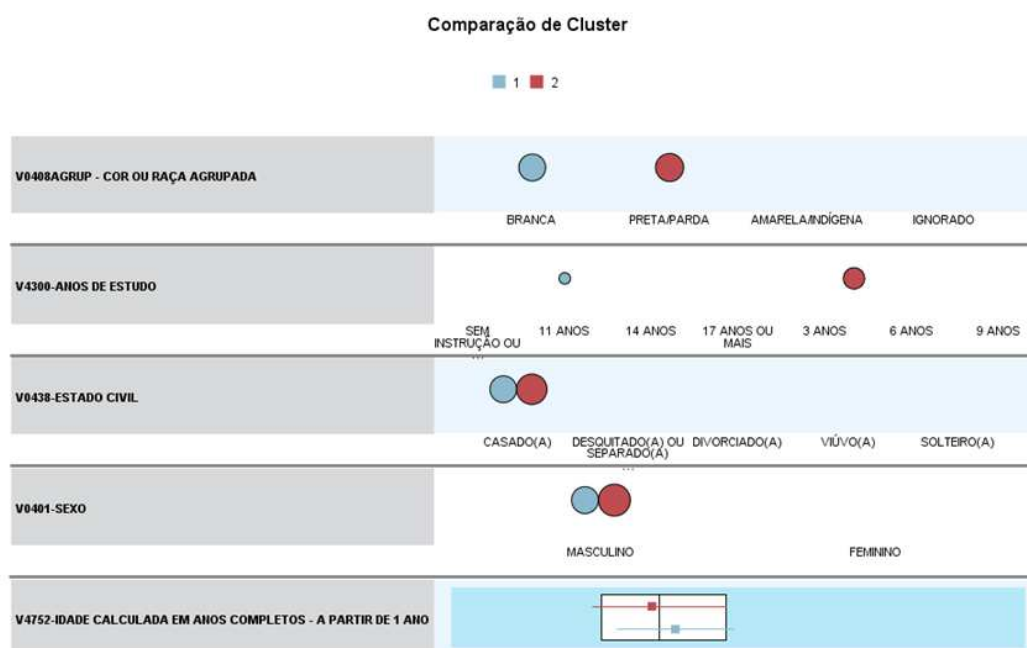
3.3.5 Casais com filhos

a. Diversidades entre os domicílios Casais com Filhos viçosenses em 2000 e 2010

O arranjo domiciliar do tipo casal com filhos ainda permanece hegemônico, inclusive em Viçosa.

A variável principal que os diferencia é a de cor/raça, com um grupo praticamente composto por toda a população branca da amostra (99,4%) e outro distribuído entre pretos, amarelos, indígenas e principalmente pardos (72,8%). A segunda variável que melhor os explica é os anos de estudo. O grupo composto por indivíduos de maioria branca se concentra entre 11 anos de estudos ou mais, enquanto o outro agrupamento, em 4 anos (42%).

Quadro 15 - Comparação de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Casais com filhos, Responsáveis por Domicílio, Viçosa, 2000.




Fonte: IBGE. Censos Demográficos 2000 e 2010. Elaboração e tabulação próprias.

É notável que entre os arranjos compostos por indivíduos autodeclarados brancos estão concentradas as maiores oportunidades de estudo que se convertem em um grupo mais escolarizado do que os arranjos de pardos, pretos, amarelos e indígenas. Essas oportunidades produzem rendas superiores aos demais subgrupos de casais com filhos e, inclusive, em comparação aos demais arranjos domiciliares menos escolarizados. Por exemplo, entre os casais com filhos majoritariamente brancos, a média do total de rendimentos é de R\$1.416,48 enquanto essa média para os casais com filhos pretos, pardos e indígenas cai para apenas R\$440,14 em 2000. Este fato nos leva a refletir como o racismo estrutural de nossa sociedade é uma das causas, senão a principal, para explicar a pobreza individual e a segregação socioespacial das nossas cidades. Podemos entender essa segregação como uma forma de discriminação sistemática, como coloca Sílvia de Almeida (2020). As minorias, historicamente prejudicadas e posicionadas nos estratos sociais mais baixos, sofrem pequenas e grandes discriminações como essas, que se convertem em desvantagens políticas, econômicas e, como tratamos aqui, habitacionais e urbanas. Ainda segundo Almeida (2020), estes indivíduos vivenciam-nas como formas de pobreza, salários mais baixos, menor acesso aos sistemas de saúde e educação, maiores chances de encarceramento e morte.

As variáveis de idade e sexo são as que menos explicam a distribuição destes dois clusters. Em ambos os grupos a média de idade girou em torno da faixa dos 41-43 anos, no qual o grupo de indivíduos autodeclarados brancos concentra ligeiramente uma população mais velha do que o primeiro agrupamento. Relacionado a variável sexo da pessoa responsável, os dois clusters apresentam maioria masculina com uma frequência acima de 95%, corroborando o argumento anterior a respeito da imagem que se tem deste tipo de arranjo, com a figura masculina ocupando o papel de principal provedor. É dizer, onde a visão do responsável pelo domicílio é fortemente determinada por questões de gênero.

Quadro 16 - Análise de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Casais com Filhos, Responsáveis por Domicílio, Viçosa, 2000.


CLUSTER		1 - Brancos	2 - Pretos/Pardos
Casais com filhos 	Tamanho	34,1% (57)	65,9% (110)
	Cor/Raça	Branca (99,4%)	Preta/Parda (72,8%)
	Anos de Estudo	11 anos (18,2%)	4 anos (42%)
	Entradas		
	Estado Civil	Casado (99,2%)	Casado (86,1%)
	Sexo	Masculino (100%)	Masculino (94,8%)
	Idade	43,55	41,9

Fonte: IBGE. Censos Demográficos 2000 e 2010. Elaboração e tabulação próprias.

Em 2010, a variável cor/raça permaneceu como a mais explicativa para a separação dos grupos, com a diferença que agora obtivemos três agrupamentos ao rodar a análise de cluster. Cada grupo com um tamanho que engloba 30% da população da amostra, portanto, com indivíduos bem distribuídos entre eles. As variáveis de sexo e estado civil também foram consideradas muito relevantes para fazer a distinção, seguidas pelo rendimento domiciliar e por último idade, essas duas não tão significativas para separar esses grupos.

O primeiro agrupamento é formado por indivíduos de maioria branca (46,1%), mas também por pardos e pretos. São majoritariamente mulheres (59,1%) casadas (46,6%) ou solteiras (aproximadamente 38%) na faixa dos 40 anos de idade. Quanto aos valores para rendimento domiciliar, a média fica em torno de R\$2.144,63.

Quadro 17 - Análise de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Casais com Filhos, Responsáveis por Domicílio, Viçosa, 2010.

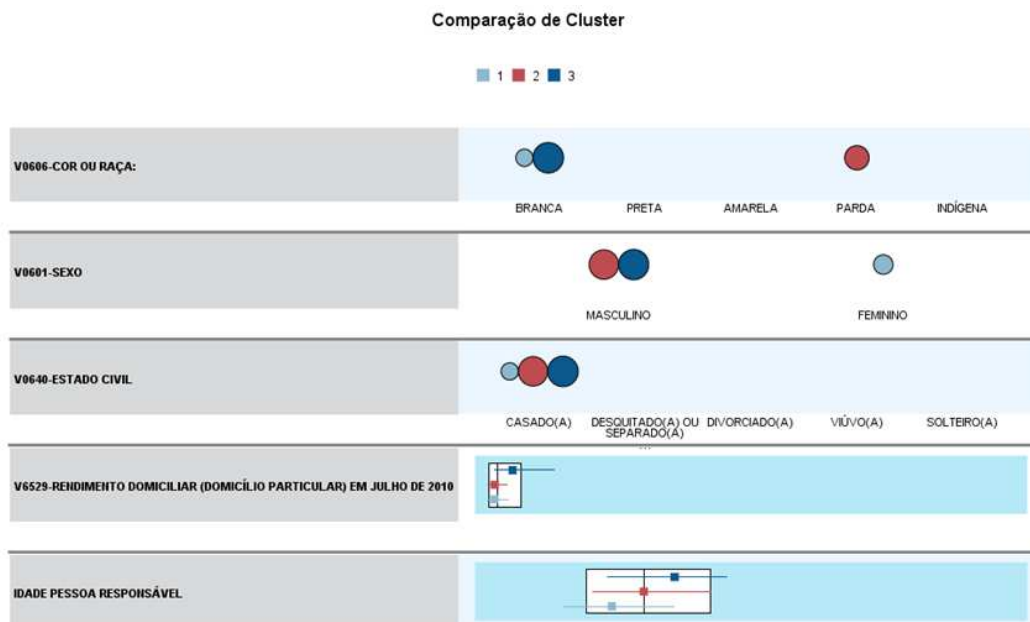
CLUSTER		1 - Brancos	2 - Homens Pardos	3 - Homens Brancos
Casais com filhos 	Tamanho	26,3% (232)	35,4% (312)	38,3% (337)
	Cor/Raça	Branca (46,1%)	Preta/Parda (68,6%)	Branca (100%)
	Anos de Estudo	—	—	—
	Estado Civil	Casado (46,2%)	Casado (100%)	Casado (100%)
	Sexo	Feminino (59,1%)	Masculino (100%)	Masculino (98,5%)
	Idade	40,77	44,50	47,16

Fonte: IBGE. Censos Demográficos 2000 e 2010. Elaboração e tabulação próprias.

O segundo grupo se distingue principalmente nos dois primeiros quesitos. É um grupo unicamente composto por indivíduos autodeclarados pretos e pardos, sem nenhuma frequência de população branca, amarela ou indígena, formado unicamente por indivíduos do sexo masculino e casados, com uma média de idade de 44,5 anos. Esse agrupamento também possui a menor média de rendimento domiciliar de todos os três no valor de R\$2.077,16.

Por fim, o terceiro agrupamento é composto exclusivamente por indivíduos brancos, em sua maioria homens (98,5%) e casados (100%), com média de idade de 47,16 anos e com um total de rendimentos em torno de R\$4.867,95, mais que o dobro dos dois outros clusters.

Quadro 18 - Comparação de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Casais com filhos, Responsáveis por Domicílio, Viçosa, 2010.



Fonte:

IBGE. Censos Demográficos 2000 e 2010. Elaboração e tabulação próprias.

b. Onde e como moravam os Casais com Filhos viçosenses em 2000 e 2010?

As principais variáveis de domicílios para distinguir os agrupamentos entre os arranjos casais com filho foram, respectivamente: coleta de lixo, existência de calçamento/pavimentação, existência de iluminação pública, tipo de escoadouro, forma de abastecimento de água e, em menor relevância, condição do domicílio. iluminação elétrica e tipo do domicílio. Percebemos que mais uma vez os grupos podem ser distinguidos entre aqueles que moram em um contexto urbano bem servido e um segundo grupo que mora de maneira muito precária.

No primeiro cluster, há coleta de lixo realizada por serviço de limpeza (99,7%), com mais de 80% do entorno caracterizado pela existência de calçamento/pavimentação total e 98,7% de existência de iluminação pública, 91,3% atendidos por rede geral de esgoto ou pluvial e 94,4% do abastecimento de água feito por rede geral.

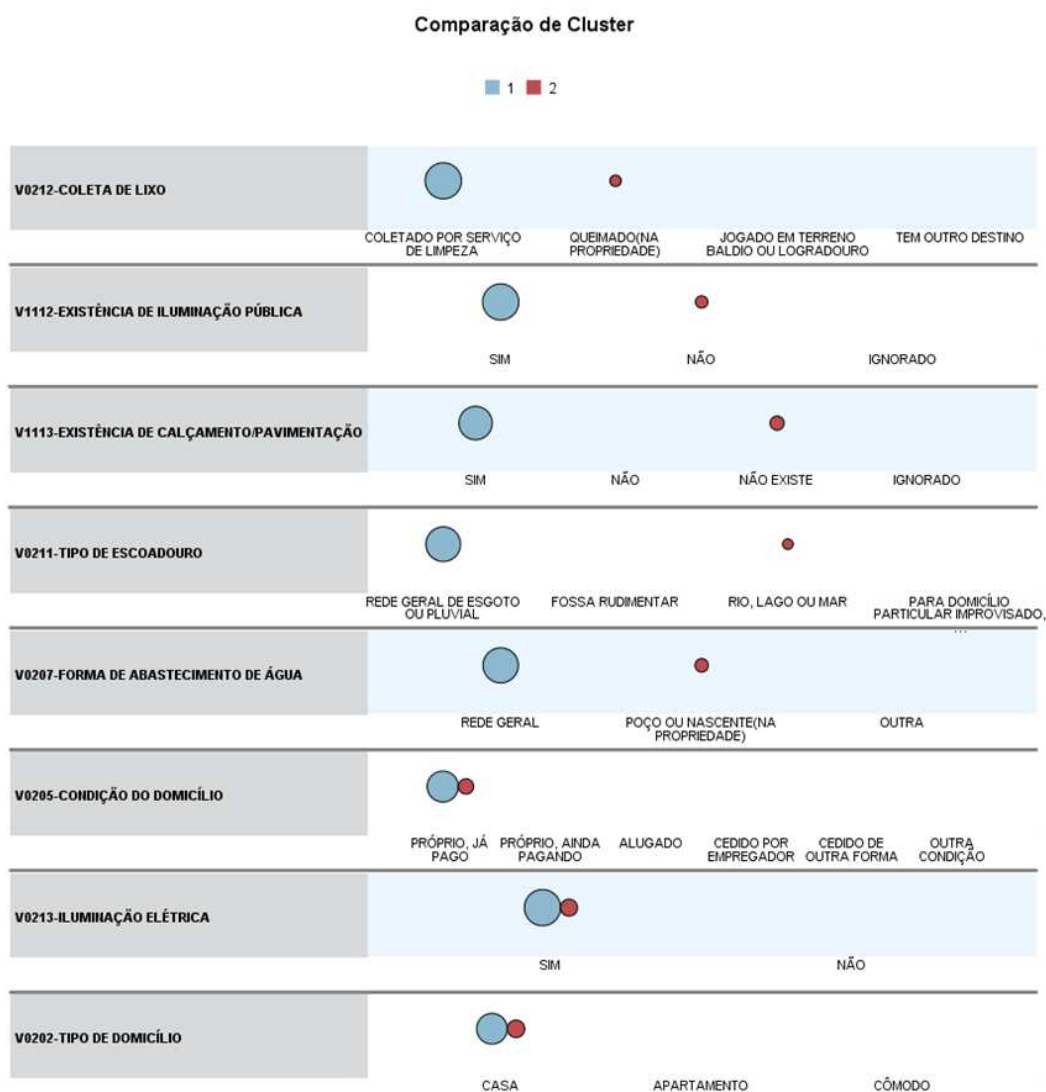
Já no segundo grupo de domicílios de casais com filhos, a situação é oposta. Mais de 50% dos arranjos concentrados neste agrupamento não possui atendimento por serviço de coleta de lixo, sendo a alternativa queimar na propriedade (43,7%), despejar em terreno baldio, rio, lago ou mar ou algum outro destino, apenas uma pequena parcela deste grupo realiza a coleta por meio de um serviço de limpeza.

Quase 70% dos arranjos vivem em um entorno onde não existe calçamento/pavimentação, ou este é parcial, assim como a categoria mais frequente é a não existência de iluminação pública (51,9%). Quanto ao tratamento de esgoto, o tipo de escoadouro mais comum é a categoria de rio, lago ou mar (39,9%), seguido por fossa rudimentar e, em menores proporções, rede geral de esgoto ou fossa séptica. O abastecimento de água é feito por meio de poço ou nascente na propriedade (60,8%).

Quanto às variáveis de condição do domicílio, iluminação elétrica e tipo de domicílio, não houve grande discrepância entre os clusters. Para ambos, mais de 70% dos domicílios estão dentro da categoria “próprio, já pago” e nesta mesma proporção, a maioria é de casas para o primeiro agrupamento, com os outros 30% sendo de apartamentos. Enquanto isso, o segundo cluster é composto integralmente por domicílios do tipo casa. Há iluminação elétrica em uma porcentagem de 100% para o primeiro cluster e de 92,4% para o segundo. A propriedade da casa parece ser um padrão não de qualidade infraestrutural, senão de precariedade dos atributos domiciliares. Pode soar contraditório, mas não é. Na verdade, é sabido que parte significativa do estoque habitacional brasileiro é fruto de autoconstrução. O domicílio, assim, é ilustrado pela casa térrea construída com as próprias mãos e a ajuda de parentes, amigos e vizinhos. Porém, a propriedade não corresponde à adequação. Estamos falando de casas precárias, inacabadas muitas vezes, e, sobretudo, de um entorno carente de serviços, equipamentos e infraestruturas. Não conseguimos aprofundar tanto o assunto quanto gostaríamos nessa dissertação, mas que a precariedade do domicílio e da vizinhança segundo gênero e raça, mas também idade, escolaridade e renda se combinam à periferização social e espacial desses indivíduos e famílias. Afinal, dos casais com filhos viçosenses que vivem em condições precárias em 2000, 67% deles são provenientes do segundo cluster, aquele especialmente composto por negros e pardos. Para ser mais preciso, 53,5% deles (dos 67%) são negros e pardos.

Os resultados são ainda mais trágicos - na falta de um adjetivo mais adequado - segundo sexo. Afinal, mais de $\frac{3}{4}$ das chefes negras (77,5%) vivem em localidades pouco infraestruturadas.

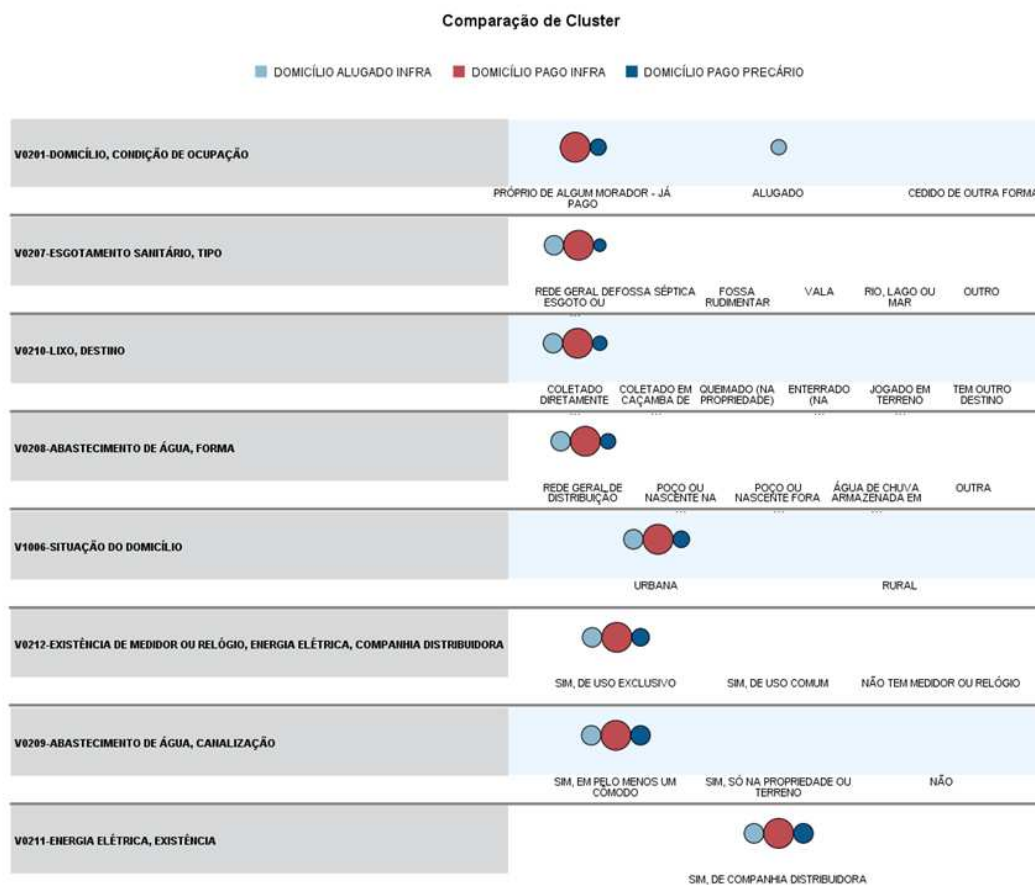
Quadro 19 - Comparação de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Casais com filhos, Características do entorno, Viçosa, 2000.



Fonte: IBGE. Censos Demográficos 2000 e 2010. Elaboração e tabulação próprias.

Em relação aos atributos dos domicílios para os casais com filhos em 2010, não houve grande diferença do quadro constatado para os outros tipos de arranjos. Dois dos agrupamentos são exclusivamente urbanos e um terceiro possui cerca de 23% dos domicílios situados em área rural. Abaixo acrescentamos o quadro comparativo das características entre os clusters para este arranjo.

Quadro 20 - Comparação de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Casais com filhos, Características do entorno, Viçosa, 2010.



Fonte: IBGE. Censo Demográfico 2010. Elaboração própria a partir do software IBM SPSS.

Novamente os dados são inequívocos ao demonstrar que mulheres, negros e pardos vivem em piores condições de moradia (**Tabela 7**).

Tabela 7 - Tabulação cruzada entre variáveis de pessoas e variáveis de domicílios para os clusters de casais com filhos, 2010, Viçosa, MG.

Casais com filhos 2010		TIPOS DE DOMICÍLIOS			
		Domicílio pago infraestruturado	Domicílio pago precário	Domicílio alugado infraestrutur ado	Total
Mulheres	Contagem	1065	619	722	2406
	%	44,30%	25,70%	30,00%	100,00%
Homens pretos e pardos	Contagem	1968	875	547	3390
	%	58,10%	25,80	16,10%	100%
Homens brancos	Contagem	2087	747	813	3647
	%	57,2%	20,5%	22,3%	100%
Total	Contagem	5120	2241	2082	9443
	%	54,2%	23,70%	22%	100,00%

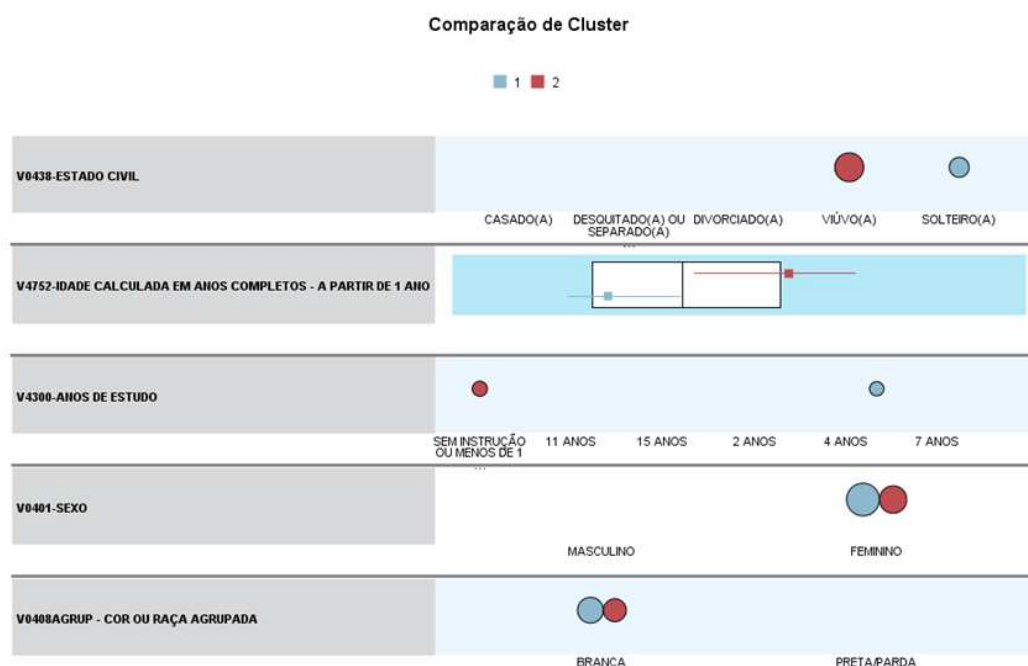
Fonte: IBGE. Censos Demográficos 2000 e 2010. Elaboração e tabulação próprias.

3.3.6 Monoparentais

a. Diversidades entre os domicílios Monoparentais viçosenses em 2000 e 2010

O arranjo domiciliar monoparental é reconhecidamente composto por chefes mulheres. Esse fato mostra-se evidente ao observarmos as variáveis que mais distinguem os agrupamentos para a caracterização desses indivíduos. A variável de sexo é a que menos explica a distribuição por apresentar frequências semelhantes para os dois clusters construídos, afinal, ambos os grupos são formados quase que exclusivamente por chefes mulheres (97,3% para o primeiro grupo e 82% para o segundo). O estado civil, a idade e os anos de estudo dos indivíduos foram as variáveis mais relevantes para separar os clusters.

Quadro 21 - Análise de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Monoparentais, Responsáveis por Domicílio, Viçosa, 2000.



Fonte: IBGE. Censos Demográficos 2000 e 2010. Elaboração e tabulação próprias.


Em suma, podemos entender cada um dos dois grupos da seguinte maneira: um primeiro grupo caracterizado por uma maioria de solteiros(as) (35,1%) e desquitados(as)/separados(as) judicialmente e casados, seguido por divorciados(as), casados(as) e, por fim, viúvos(as). É um grupo relativamente mais jovem do que o outro, com uma média de idade de 40,35 anos completos e uma frequência de distribuição baixa entre a faixa etária de 60-79 anos. Possuem majoritariamente 5 anos de estudo (18,1%) ou nenhuma instrução, ou mesmo menos de 1 ano de instrução (11%), com uma distribuição irregular entre 3-12 anos de estudo. É um coletivo de mulheres autodeclaradas brancas (59,6%), pardas e pretas (20%), com uma média de rendimento de R\$292,68, sem nenhum caso que ultrapasse os R\$2.000,00.

O segundo cluster é composto por maioria de viúvas (88,6%), em seguida por divorciadas, desquitados(as)/separados(as) judicialmente e casados. Estes possuem uma média de idade de 59,66 anos, com maior frequência de indivíduos acima de 60 anos e concentrando todos aqueles com 80 ou mais. Além disso, a categoria mais frequente para anos de estudo é de sem instrução ou com menos de um ano de estudo (24,1%), seguida por aqueles sem instrução ou menos de um ano, porém há também uma frequência entre 10-15% de indivíduos com 3 anos ou mais.

Quanto à cor/raça esse grupo se define majoritariamente por indivíduos que se autodeclararam brancos (55,7%) e pretos/pardos (aproximadamente 43%). É neste agrupamento que estão presentes os monoparentais com maiores valores de total de rendimentos, em que, embora em menor porcentagem, há indivíduos que arrecadam mais de R\$4000 até R\$8000, com uma média geral para o grupo em torno de R\$866,57.

Logo, os monoparentais podem ser lidos como um arranjo majoritariamente feminino (este critério não os subclassifica), com rendimentos inferiores a um salário mínimo, sendo um grupo formado por mulheres mais envelhecidas e viúvas, com média de estudo de 1 ano ou sem instrução, e outro grupo composto por mães solteiras mais jovens, ligeiramente mais escolarizadas.


Quadro 22 - Análise de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Monoparental, Responsáveis por Domicílio, Viçosa, 2000.

		CLUSTER		1 - Jovens	2 - Envelhecidas
Monoparentais 	Entradas	Tamanho	% (absoluto)	34,1% (57)	65,9% (110)
		Estado Civil		Solteiras (35,1%)	Viúvas (88,6%)
		Idade		40,36	59,66
		Anos de Estudo		5 anos (18,1%)	Sem instrução ou <1 ano (24,1%)
		Sexo		Feminino (95,7%)	Feminino (79,7%)
		Cor/Raça		Branca (59,6%)	Branca (55,7%)

Fonte: IBGE. Censos Demográficos 2000 e 2010. Elaboração e tabulação próprias.

O quadro de caracterização para os monoparentais em 2010 destoa levemente do que vimos em 2000. Estado civil continua sendo a variável que melhor explica as distinções entre os grupos, mas o sexo dos indivíduos deixa de ser a variável que menos explica os clusters, sendo substituída pela variável rendimento domiciliar. Cor ou raça passa a ser a segunda variável que melhor distingue os agrupamentos.

Quadro 23 - Análise de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Monoparental, Responsáveis por Domicílio, Viçosa, 2010.

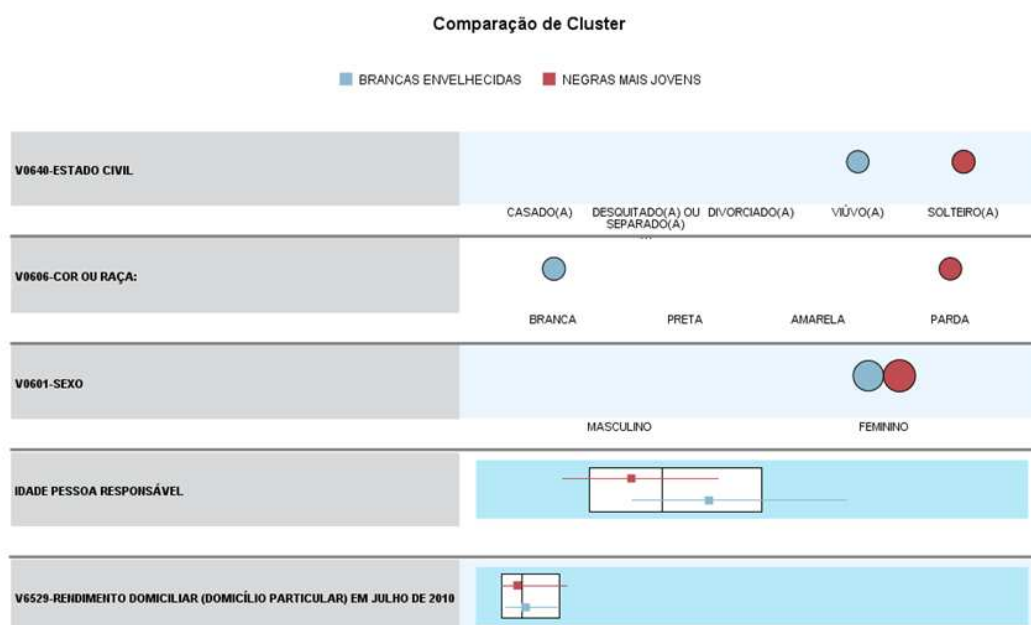
		CLUSTER		1 - Pretas Jovens	2 - Brancas Envelhecidas
Monoparentais 	Entradas	Tamanho	% (absoluto)	58,5% (165)	41,5% (117)
		Estado Civil		Solteiras (40%)	Viúvas (53%)
		Idade		46,79	56,09
		Anos de Estudo		—	—
		Sexo		Feminino (78,2%)	Feminino (100%)
		Cor/Raça		Pretas/Pardas(78,2%)	Branca (56,4%)

Fonte: IBGE. Censos Demográficos 2000 e 2010. Elaboração e tabulação próprias.

O primeiro grupo é novamente formado por maioria de mulheres (78,2%) solteiras (40%) e mais jovens do que o segundo, aqui com uma média de 46,79 anos, valor um pouco mais alto do que o encontrado para o Censo de 2000. São mulheres de maioria parda e preta, o que corresponde em torno de 61% da amostra. É curioso observarmos como cresceu o número de monoparentais masculinos em comparação com o Censo de 2000, em que esta parcela estava abaixo dos 18%. Talvez por compreender parte da população masculina, o total de rendimentos mais alto, com uma média de R\$1.997,72, possa se justificar aí.

O segundo grupo é composto exclusivamente mulheres e maioria viúvas (53%), com alto número de autodeclaradas brancas (56,4%) mas com uma frequência alta também daquelas que se autodeclaram pardas. Possuem uma média de idade ligeiramente superior à encontrada no Censo de 2000, em torno de 56,09 anos. Os rendimentos domiciliares apresentam uma média de R\$1.607,03.

Quadro 24 - Análise de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Monoparentais, Responsáveis por Domicílio, Viçosa, 2010.



Fonte:

IBGE. Censos Demográficos 2000 e 2010. Elaboração e tabulação próprias.

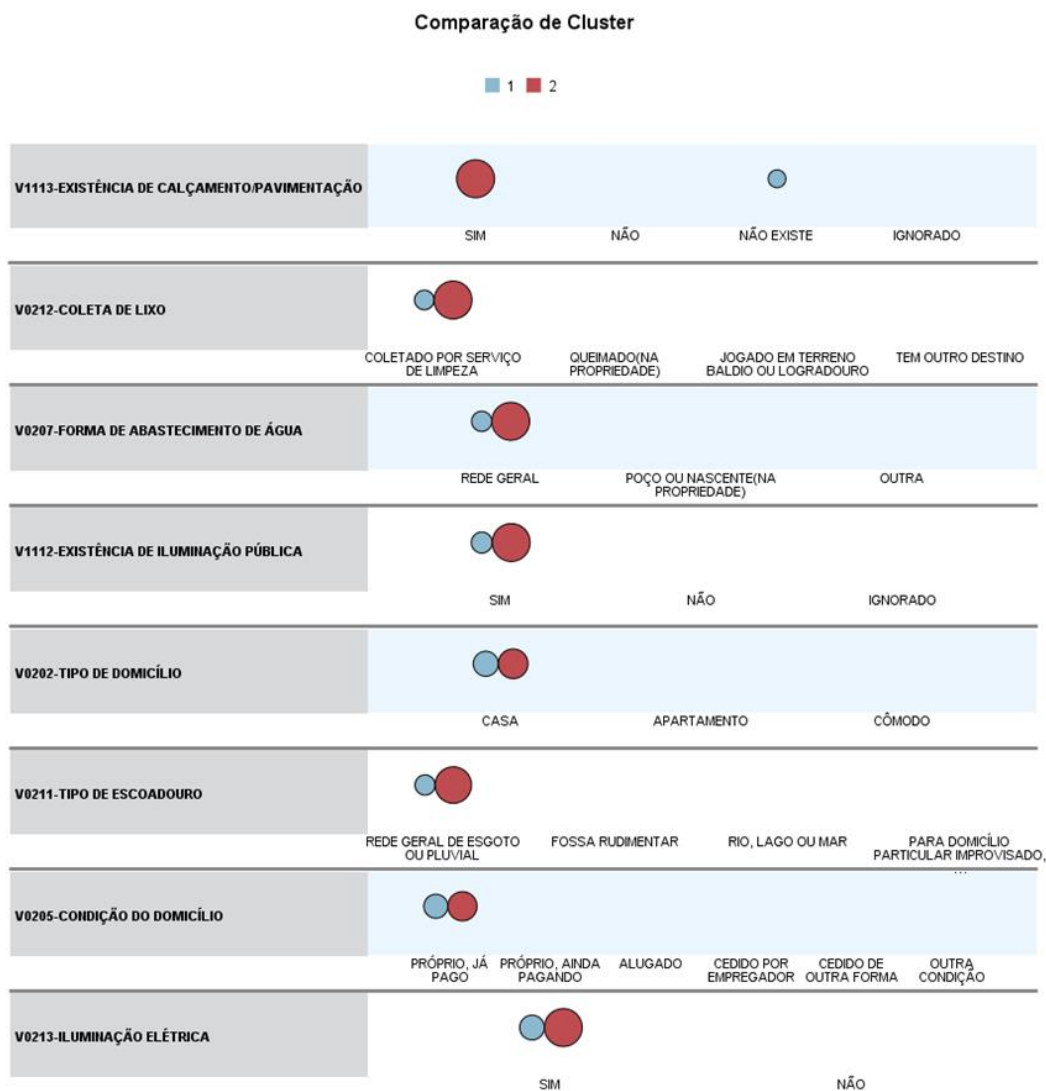
b. Onde e como moravam os Monoparentais viçosenses em 2000 e em 2010?

A variável de “existência de calçamento/pavimentação” foi a mais importante para separar os grupos, seguida das variáveis de tipo de escoadouro, coleta de lixo, forma de abastecimento de água, existência de iluminação pública e tipo do domicílio. A condição do domicílio e a existência de iluminação elétrica não foram variáveis tão relevantes para os grupos deste arranjo domiciliar.

O primeiro grupo concentra 65,3% dos arranjos monoparentais e possui 100% de frequência nas categorias de: existência de calçamento/pavimentação, coleta de lixo feita por serviço de limpeza, forma de abastecimento de água por rede geral e existência de iluminação pública e iluminação elétrica. Ainda, 98,2% possuem rede geral de esgoto ou pluvial como tipo de escoadouro. Quanto ao tipo e condição do domicílio, “casa” é a categoria mais frequente sendo a maioria dos imóveis já próprios e pagos, ambos na mesma porcentagem (59,3%). Apartamentos são a segunda categoria mais comum, com aproximadamente 41%. Em um quadro semelhante, os domicílios alugados seguem em segundo lugar ao observarmos a condição do imóvel.

Já o segundo agrupamento concentra 34,7% da amostra dos arranjos monoparentais, apresenta como categoria mais frequente “não existe” no quesito “existência de calçamento/pavimentação”, com 40%, ainda que a existência total ou parcial some, juntas, aproximadamente 47%. De uma maneira geral, os outros parâmetros seguem os padrões do primeiro grupo, com o diferencial de que neste segundo agrupamento esses parâmetros não se apresentam com frequência tão alta. Por exemplo, ainda que a maior parte dos indivíduos deste cluster sejam servidos por rede geral de água e esgoto, serviço de coleta de limpeza e existência de iluminação pública e elétrica nas residências, as porcentagens para as outras categorias são relativamente maiores que no primeiro. Ou seja, é um grupo de indivíduos com condições de entorno mais variadas, entre boas e ruins.

Quadro 25 - Comparação de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Monoparental, Características do entorno, Viçosa, 2000.



Fonte: IBGE. Censos Demográficos 2000 e 2010. Elaboração e tabulação próprias.

Em geral, são as chefes de domicílios monoparentais ligeiramente mais jovens que residem em localidades menos infraestruturadas (**Tabela 8**).

Tabela 8 - Tabulação cruzada entre variáveis de pessoas e variáveis de domicílios para os clusters de monoparentais, 2000, Viçosa, MG.

MONOPARENTAIS 2000			Características individuais		Total
			Jovens	Envelhecidas	
TIPOS DE DOMICÍLIO	Infraestruturado	Contagem	251	249	500
		%	50,20%	49,80%	100,00%
	Precário	Contagem	687	548	1235
		%	55,60%	44,40%	100,00%
Total		Contagem	938	797	1735
		%	54,10%	45,90%	100,00%

Fonte: IBGE. Censos Demográficos 2000 e 2010. Elaboração e tabulação próprias.

Por fim, é curioso como as populações de chefes monoparentais se comportam de modo totalmente diferente segundo raça e idade (**Tabela 9**).

Tabela 9 - Tabulação cruzada segundo raça, idade e qualidade do entorno, Responsáveis por Domicílio, Viçosa, 2000.

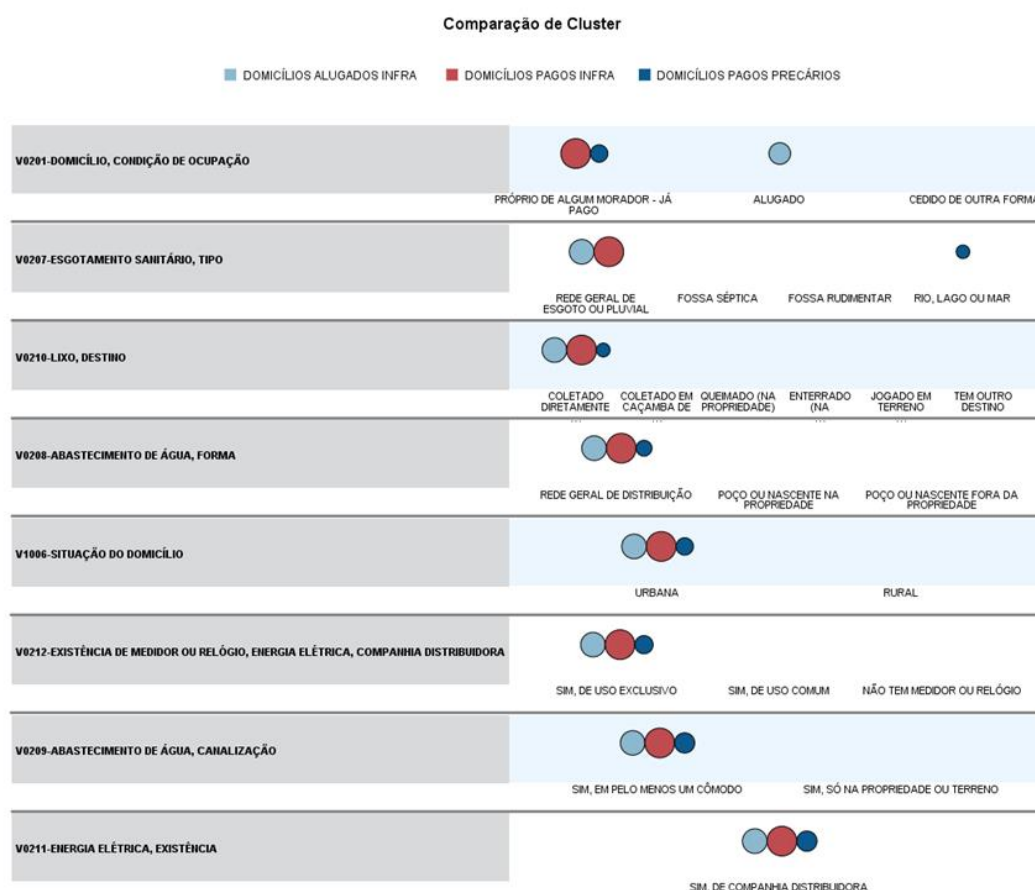
COR/RAÇA AGRUPADA			Cluster Monoparentais		Total
			Mais jovens	Mais envelhecidas	
Branca	Domicílios infraestruturados	Contagem	91	130	221
		%	41,20%	58,80%	100,00%
	Domicílios precários	Contagem	477	312	789
		%	60,50%	39,50%	100,00%
	Total	Contagem	568	442	1010
		%	56,20%	43,80%	100,00%
Preta/parda	Domicílios infraestruturados	Contagem	160	120	280
		%	57,10%	42,90%	100,00%
	Domicílios precários	Contagem	209	235	444
		%	47,10%	52,90%	100,00%
	Total	Contagem	369	355	724
		%	51,00%	49,00%	100,00%

Fonte: IBGE. Censos Demográficos 2000 e 2010. Elaboração e tabulação próprias.

Enquanto chefes monoparentais brancas e mais jovens compõem a maioria dos domicílios menos servidos, são justamente as chefes mais idosas que vivem em piores condições entre a população negra. Imaginamos que as condições sociais que provocavam a exclusão e a marginalização de mulheres negras melhorou um pouco, mais recentemente, já que as mais jovens se encontram em lares mais bem servidos. Embora, as desigualdades e preconceitos não conseguiram ser superados a ponto de melhorar as condições de vida das mulheres monoparentais mais envelhecidas.

No Censo de 2010, novamente encontramos três agrupamentos, dois desses mais urbanos, bem infraestruturados e servidos, e um terceiro grupo que podemos entender como mais vulnerável, ainda que as condições vistas para o ano de 2010 tenham apresentado uma melhora considerável. Ainda sim, devemos ser sensíveis ao fato de que estes grupos se constituem, possivelmente, do cluster de indivíduos com menor cobertura de renda e em sua maioria mulheres pretas ou pardas, já mais envelhecidas.

Quadro 26 - Comparação de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Monoparental, Características do entorno, Viçosa, 2010.



Fonte:

IBGE. Censos Demográficos 2000 e 2010. Elaboração e tabulação próprias.

Neste caso, a questão racial é mascarada não pela precariedade infraestrutural, já que as chefes negras moram em domicílios com boas condições, senão pela própria propriedade. Elas não são proprietárias de seus domicílios (**Tabela 10**).

Tabela 10 - Tabulação cruzada segundo raça, idade e qualidade do entorno, Responsáveis por Domicílio, Viçosa, 2010.

MONOPARENTAIS			TIPOS DE DOMICÍLIOS			
			Domicílios pagos infraestruturado	Domicílios pagos precário	Domicílios alugados infraestruturado	Total
Características dos grupos	Pretas Jovens	Contagem	726	331	555	1612
		%	45,00%	20,50%	34,40%	100,00%
	Brancas Envelhecidas	Contagem	578	286	313	1177
		%	49,10%	24,30%	26,60%	100%
	Total	Contagem	1304	617	868	2789
		%	46,8%	22,1%	31,1%	100%

Fonte: IBGE. Censos Demográficos 2000 e 2010. Elaboração e tabulação próprias.

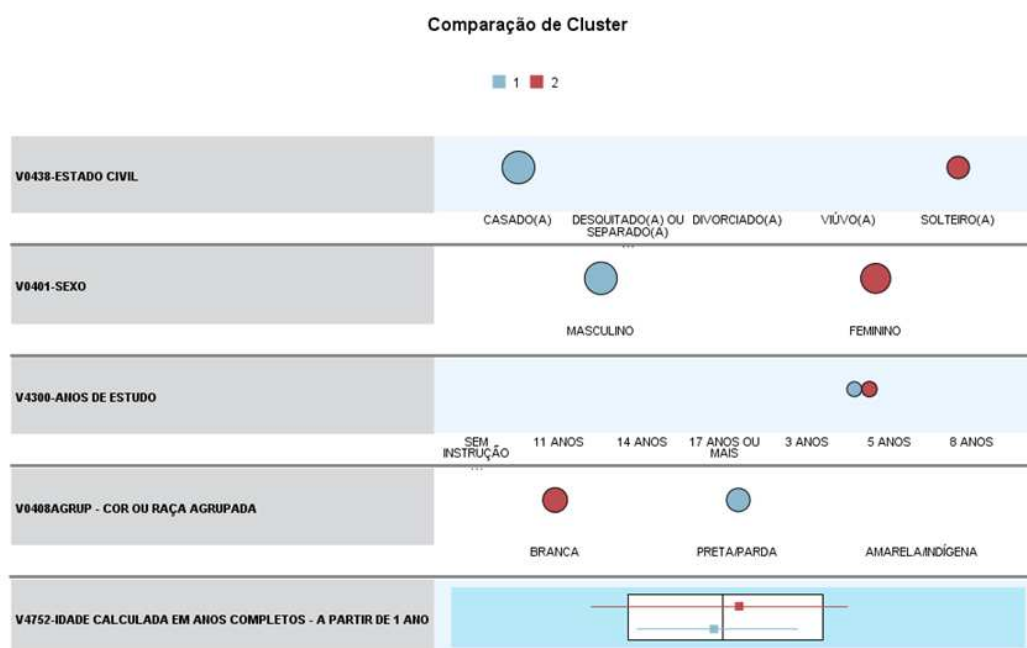
A questão é delicada, pois como vimos a propriedade do imóvel não significa morar em condições dignas. Ao mesmo tempo, o aluguel compromete parte do orçamento deste grupo, o que pode vulnerabilizá-lo frente a outras condições mínimas do viver. Como se sabe, um dos componentes do déficit habitacional é o ônus excessivo com aluguel. Ou seja, mora-se “bem”, mas qual é o custo final deste investimento?

3.3.7 Famílias estendidas

a. Diversidades entre as Famílias Estendidas viçosenses em 2000 e 2010

Para o último tipo de arranjo que trabalhamos, a variável de estado civil foi a que melhor distinguiu os grupos segundo variáveis de pessoas, seguida por idade. As variáveis total de rendimentos, anos de estudo, cor/raça e sexo não foram tão cruciais para diferenciá-los.

Quadro 27 - Comparação de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Famílias Estendidas, Responsáveis por Domicílio, Viçosa, 2000.




Fonte: IBGE. Censos Demográficos 2000 e 2010. Elaboração e tabulação próprias.

O primeiro grupo, composto por 51,1% da amostra é caracterizado por maioria de mulheres (76,4%) brancas (52,3%) e pardas, solteiras (43,1%) e viúvas (aproximadamente 40%), seguido por uma porcentagem menor de casadas, desquitadas e divorciadas. Em geral, são mulheres que acumulam um total de rendimentos em torno de R\$529,52 e que possuem em média 4 anos de estudo (20,5%), seguidas por aquelas sem instrução ou com menos de um ano de instrução. Como dito anteriormente, a variável de idade não se mostrou tão relevante para determinar a separação dos clusters, já que a média entre ambos os agrupamentos de famílias estendidas foi de aproximadamente 50 anos.

O segundo grupo é integralmente masculino e composto por indivíduos casados. A média de rendimento para as famílias estendidas deste perfil está em torno de R\$712,20 com alguns indivíduos que recebem na casa de R\$4.000,00. Esses também são caracterizados por uma maioria preta/parda (52%), com 4 anos de estudo ou majoritariamente sem instrução.


Quadro 28 - Análise de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Família Estendida, Responsáveis por Domicílio, Viçosa, 2000.

		CLUSTER		1 - Homens casados	2 - Mulheres sós
 Família estendida	Entradas	Tamanho	% (absoluto)	34,1% (57)	65,9% (110)
		Estado Civil		Casado (100%)	Solteiro (43,1%)
		Idade		50,62	50,1
		Anos de Estudo		4 anos (20,9%)	4 anos (20,5%)
		Sexo		Masculino (100%)	Feminino (76,4%)
		Cor/Raça		Preta/Parda (52%)	Branca (52,3%)

Fonte: IBGE. Censos Demográficos 2000 e 2010. Elaboração e tabulação próprias.

Para as famílias estendidas em 2010, encontramos dois agrupamentos, um primeiro grupo que consistiu de 48,8% da amostra e um segundo com 51,2%. A variável mais importante para diferenciá-los foi sexo, seguida por estado civil, rendimento domiciliar, cor/raça e, por fim, idade da pessoa responsável.

Quadro 29 - Análise de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Família Estendida, Responsáveis por Domicílio, Viçosa, 2010.

		CLUSTER		1 - Homens casados	2 - Mulheres sós
 Família estendida	Entradas	Tamanho	% (absoluto)	48,8% (209)	51,2% (219)
		Estado Civil		Casado (65,1%)	Solteiro (32,4%)
		Idade		49,37	50,45
		Anos de Estudo		—	—
		Sexo		Masculino (99%)	Feminino (100%)
		Cor/Raça		Branca (41,1%)	Preta/Parda (41,6%)

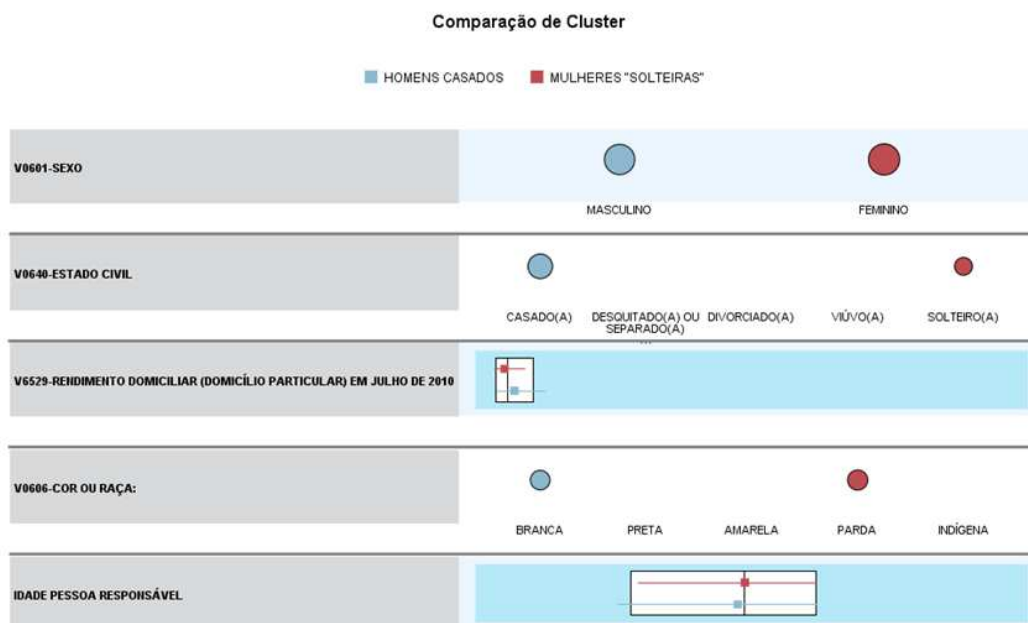
Fonte: IBGE. Censos Demográficos 2000 e 2010. Elaboração e tabulação próprias.

Encontramos algo curioso neste arranjo, onde um grupo consiste totalmente de chefes masculinos e outro exclusivo de chefes mulheres. Para o primeiro, a maior parte dos indivíduos homens é casada (65,1%) e os demais indivíduos são solteiros, com uma pequena parcela de viúvos e divorciados. Possuem uma média de rendimento domiciliar de R\$3.527,80 e são uma maioria de 60% de indivíduos autodeclarados pretos ou pardos, com 41,1% se autodeclarando brancos. A média de idade da pessoa responsável é de 49,37 anos.

Para o grupo feminino, observamos que são maioria solteiras (32,4%) e viúvas (30%), com grande número também de casadas e divorciadas. A média de

rendimentos está abaixo da do primeiro grupo, com R\$2.123,28. Mais de 60% dessas mulheres se autodeclararam pretas, pardas ou amarelas, com o restante se autodeclarando branca. Semelhante à média idade do primeiro grupo, essas chefes de família possuem em torno de 50,45 anos.

Quadro 30 - Comparação de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Famílias Estendidas, Responsáveis por Domicílio, Viçosa, 2010.



Fonte:

IBGE. Censo Demográfico 2010. Elaboração própria a partir do software IBM SPSS.

b. Onde e como moravam as Famílias Estendidas viçosenses em 2000 e 2010?

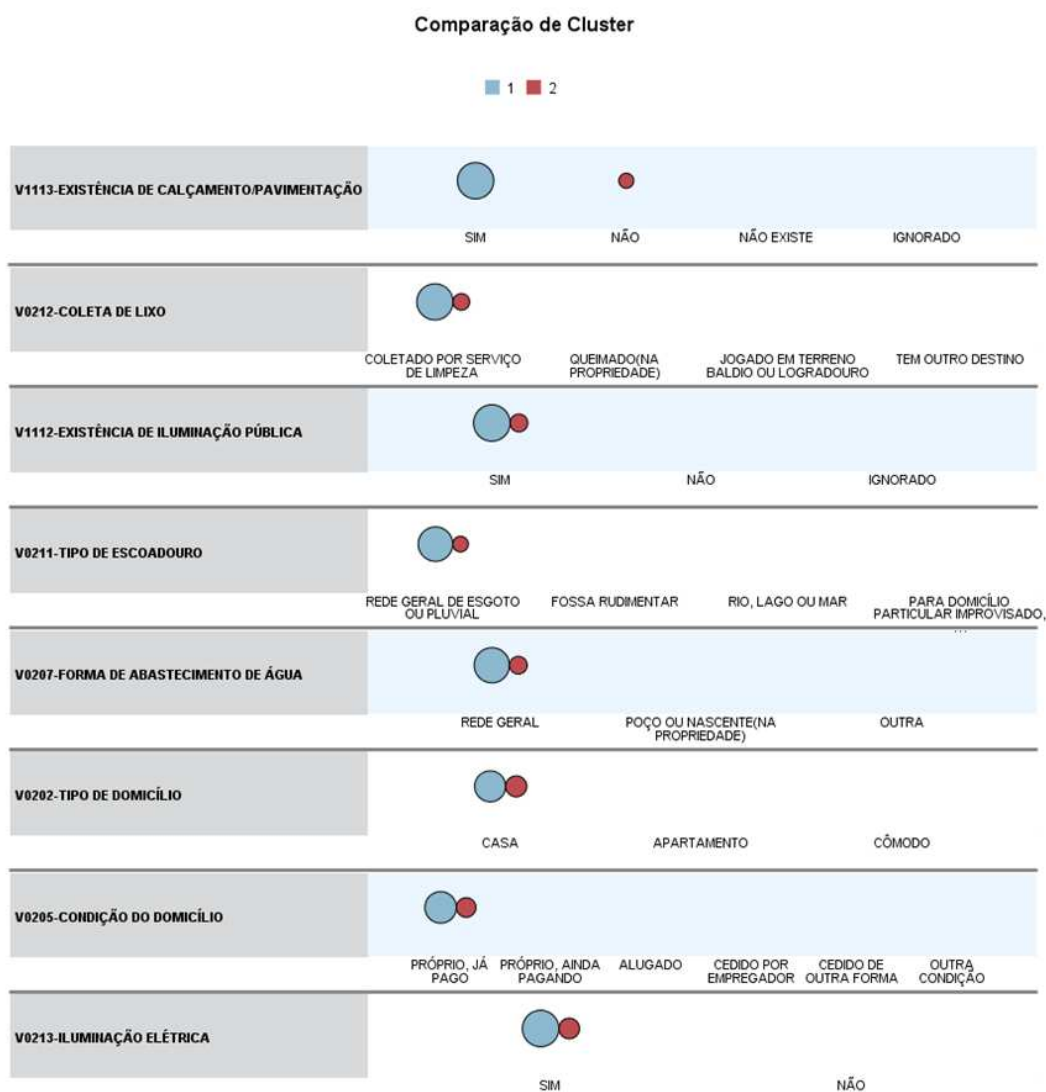
Para as famílias estendidas, a variável de entorno mais relevante foi a existência de calçamento e pavimentação, seguida pela coleta de lixo, existência de iluminação pública, tipo de escoadouro e forma de abastecimento de água. Entre as variáveis não tão importantes para separar os grupos se encontram: condição do domicílio, tipo do domicílio e iluminação elétrica. Encontramos três agrupamentos para as famílias estendidas, um primeiro com 14,7% da população da amostra, o segundo com 39,7% e um terceiro agrupamento maior, com 45,6% de toda a população.

O primeiro grupo, menor que todos os outros, se encontra num entorno onde majoritariamente não existe calçamento pavimentação (58,2%), ou esta é parcial, com valores muito baixos para casos em que a pavimentação é total. Na maior parte, há existência de iluminação pública (50,9%), mas não podemos ignorar que 49,1% ainda é uma parcela considerável de famílias que moram em um entorno sem essa

iluminação. O tipo de escoadouro mais comum encontrado foi o de rio, lago ou mar (40%), com aproximadamente 28% sendo feito por rede geral de esgoto ou pluvial e o restante por fossa rudimentar. A forma de abastecimento de água é por poço ou nascente na propriedade (54,5%) ou rede geral. Ainda, a maioria desses domicílios são casas, próprias e já pagas (83,6%), com os demais 20% tendo sido cedidas por empregador. Enfim, 92,7% destas residências possuem iluminação elétrica. Este grupo é composto por uma maioria de homens pretos e pardos, casados, com menos de um ano de estudo ou mesmo sem instrução e com uma média de total de rendimentos de R\$278,58.

O segundo e o terceiro agrupamento são semelhantes entre si para as características de entorno, ambos possuem mais de 85% de existência total de calçamento e pavimentação, mais de 90% do serviço de coleta de lixo é realizado por serviço de limpeza e a forma de abastecimento de água e tratamento de esgoto é feita por rede geral, há existência integral de iluminação pública e iluminação elétrica, entre 67-81% dos domicílios são casas próprias e já pagas. A maior diferença está no perfil dos chefes de cada grupo. Enquanto os do segundo grupo são mais de 90% constituídos por chefes mulheres, viúvas, com média de rendimentos entre R\$585,94, o terceiro agrupamento é unicamente masculino, composto por homens casados (84,7%) e com uma média de rendimentos de R\$760,59, a maior entre os três grupos das famílias estendidas.

Quadro 31 - Análise de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Família Estendida, Características do Entorno, Viçosa, 2000.



Fonte: IBGE. Censos Demográficos 2000 e 2010. Elaboração e tabulação próprias.

Foi apenas aqui, entre as famílias estendidas, que as responsáveis por domicílio mulheres apresentaram melhores condições de moradia em comparação aos chefes homens (**Tabela 11**).

Tabela 11 - Tabulação cruzada segundo estado civil, sexo e qualidade do entorno, Responsáveis por Domicílio, Famílias Estendidas, Viçosa, 2000.

FAMÍLIAS ESTENDIDAS		CARACTERÍSTICAS INDIVIDUAIS		Total	
		Homens casados	Mulheres sós		
Tipos de domicílios	Infraestruturado	Contagem	1094	1464	2558
		%	42,80%	57,20%	100,00%
	Precário	Contagem	495	362	857
		%	57,80%	42,20%	100,00%
Total		Contagem	1589	1826	3415
		%	46,50%	53,50%	100,00%

Fonte: IBGE. Censos Demográficos 2000 e 2010. Elaboração e tabulação próprias.

O sexo, aqui, é mais determinante do que a raça, inclusive, uma vez que, independentemente da raça (brancos ou negros), são sempre os homens que vivem em áreas e em domicílios mais carentes.

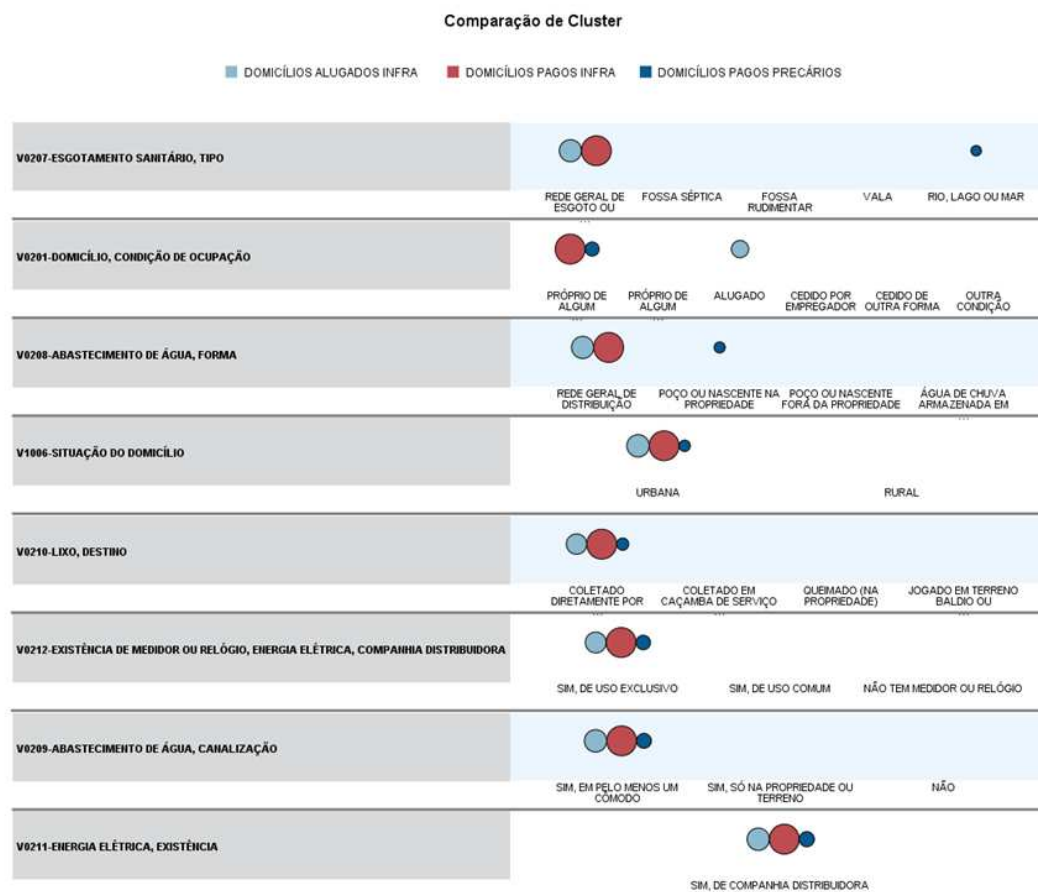
As condições do entorno também nos revelaram particularidades para este arranjo em 2010. Ainda que as variáveis sigam a mesma ordem de importância dos outros grupos, a distribuição dos indivíduos aqui é diferente. Observamos três agrupamentos: o primeiro, com 55,1% da população; o segundo com 30,8% e um terceiro com 14%.

Entre o primeiro grupo e o segundo, a única diferença substancial está na condição de ocupação do domicílio. Enquanto para o primeiro grupo esses são integralmente próprios aos moradores e já pagos, no segundo a maioria dos domicílios é alugada (59,1%). Quanto às demais variáveis, as frequências para as categorias foram basicamente as mesmas. São ambos grupos bem servidos, com rede geral de abastecimento de água e esgoto e localizada em regiões urbanas, com serviços de coleta de lixo e energia elétrica.

Já para o terceiro grupo, o esgotamento sanitário é feito por meio de rio, lago ou mar, abastecimento de água por meio de poço ou nascente na propriedade e grande parte do lixo sendo destinado à queima na propriedade (45%). Podemos dizer que as condições de entorno para essas famílias estendidas são precárias. Há

também um dado relevante: são elas o arranjo com maior frequência na categoria “rural” ao analisarmos a variável de situação por domicílio.

Quadro 32 - Análise de Cluster segundo Arranjos Domiciliares, Família Estendida, Características do Entorno, Viçosa, 2010.



Fonte: IBGE. Censos Demográficos 2000 e 2010. Elaboração e tabulação próprias.

Mais uma vez o que diferencia os grupos é a propriedade da moradia (**Tabela 12**).

Tabela 12 - Tabulação cruzada segundo estado civil, sexo e qualidade do entorno, Responsáveis por Domicílio, Famílias Estendidas, Viçosa, 2010.

FAMÍLIAS ESTENDIDAS 2010			TIPOS DE DOMICÍLIOS			
			Domicílio pago infraestrutura	Domicílio pago precário	Domicílio alugado infraestrutura	Total
Características dos grupos	Homens casados	Contagem	1344	554	336	2234
		%	60,2%	24,8%	15,0%	100%
	Mulheres solteiras	Contagem	1072	935	249	2156
		%	49,7%	38,70%	11,5%	100,00%
Total		Contagem	2416	1389	585	4390
		%	55,0%	31,6%	13,3%	100%

Fonte: IBGE. Censos Demográficos 2000 e 2010. Elaboração e tabulação próprias.

Os dados não sugerem friamente que as famílias estendidas chefiadas por mulheres vivem em piores condições. Ao contrário, a fração delas é inclusive menor do que a masculina, 11,5% contra 15%. Porém, uma porção importante delas vive em domicílios alugados, o que pode fragilizá-las, como já dissemos anteriormente. É curioso também como domicílios monoparentais e famílias estendidas se comportam, grosso modo, de maneira semelhante. Provavelmente ambos os tipos de arranjo “dialogam” sobremaneira. Em outras palavras, imaginamos que monoparentais ocasionalmente transformam-se em famílias estendidas e vice-versa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa intenção até o momento foi encorajar uma discussão a respeito das transformações nos arranjos domiciliares, mas também mergulhar mais a fundo e refletir sobre o real perfil destas famílias. Afinal, é natural quando pensamos em cada formato imaginá-los como uma massa homogênea, com diferenças apenas entre os rótulos pelos quais classificamos cada grupo familiar. Um unipessoal é, sem dúvida, diferente de uma família estendida. Entretanto, cada classe resguarda suas próprias diferenças. Em outras palavras, há particularidades específicas intrínsecas a cada arranjo.

Os resultados nos revelam, de uma maneira sucinta, que os arranjos domiciliares não explicam a precariedade habitacional como inicialmente preconizamos. É dizer, tanto há unipessoais que moram bem, quanto unipessoais que moram mal. Essa condição pode ser aplicada para todos os arranjos. Entretanto, quando observamos os agrupamentos entre os arranjos domiciliares, isto é, os grupos que se formam entre os unipessoais de acordo com características principalmente de cor/raça e sexo, percebemos distinções entre as condições de moradia. As baixas condições de entorno nos parecem vinculadas a um perfil específico: mulheres, em especial, pretas/pardas, de baixa escolaridade e baixa renda. Acreditamos que há uma questão chave para discutir a precariedade habitacional entre os arranjos domiciliares, esta deve partir não somente das diferenças das condições de moradia segundo arranjo, mas sim segundo o perfil, os atributos que distinguem os indivíduos dentro dos próprios arranjos.

Sabemos dos problemas de moradia. Entretanto as diferenças de precariedade habitacional por segmentos de arranjos domiciliares, é dizer, entre os grupos dos arranjos, foi o que mais nos chamou atenção e motivou nossos esforços de pesquisa. Identificamos que existem subgrupos que moram em piores condições e são, portanto, mais vulneráveis.

Quanto ao comportamento dos arranjos, as participações em função dos recortes territoriais são muito semelhantes. Dessa maneira, inferimos que os comportamentos sociais e seus reflexos nos arranjos domiciliares, são relativamente bem difundidos no espaço. É dizer, até então, Viçosa mostra dinâmicas e padrões semelhantes aos vistos para a região Sudeste e para o Brasil, no que diz respeito às

variações dos arranjos domiciliares. Infelizmente, não conseguimos realizar as análises discriminantes para esses dois outros recortes territoriais, mas esperamos que este seja um objetivo de uma de agenda futura de pesquisa.

Vimos que os arranjos do tipo unipessoais são tipicamente mais envelhecidos e chefiados por mulheres. Pelo censo de 2000, viviam em condições ruins. Em 2010, este arranjo cresceu em 76% em relação ao censo anterior e seu perfil mostrou-se muito diferente, são justamente as mulheres idosas pretas e pardas que moram em melhores condições, pois mudaram de domicílio. Honestamente, não conseguimos justificar alguns comportamentos. Uma das hipóteses é que eles mudaram de residência. Outra hipótese é que na verdade tratavam-se de dois grupos, um que vivia em melhores condições, e este grupo se manteve em boas condições, e um segundo grupo de piores condições que obtiveram uma melhoria, muito provavelmente por meio de uma mudança de residência. Não sabemos exatamente para onde foram essas frações, mas é possível que tenham se fundido com outras famílias. Talvez, estes indivíduos apenas “estavam” unipessoais, isto é, naquele momento do seu ciclo de vida eles se constituíam como tal, agora recompuseram-se em outros arranjos familiares. Imaginamos que parte dos casais sem filhos, monoparentais ou mesmo famílias estendidas tenham absorvido essas frações.

A respeito das tipologias tidas como “tradicionais”, percebemos uma diminuição considerável da hegemonia do arranjo casal com filhos e o aumento de participação de outras formas de organização familiar. As próprias características e dinâmicas internas às famílias já apresentaram mudanças significativas ao longo da década. Para os casais com filhos, por exemplo, o aumento na chefia feminina se constitui como um desses fatores.

A variação dos arranjos domiciliares do tipo casal sem filhos também nos chamou atenção. Entre 2000 e 2010, este formato cresceu 111% em Viçosa, e enquanto em 2000 eles eram chefiados em sua maioria por homens brancos e pretos/pardos, em 2010 já havia um contingente maior de domicílios chefiados por mulheres. Para ambos os recortes temporais, os grupos chefiados por mulheres foram os que viviam em piores condições. Fica claro que há predisposições na localização dos grupos especialmente segundo raça e gênero, que estão também diretamente relacionados à renda.

A vulnerabilidade econômica e social impeliria famílias chefiadas por mulheres a se associarem com outros núcleos familiares a fim de garantir recursos perdidos com a separação. Não por acaso, imaginamos, que este pode ser um dos motivos principais por trás da alta chefia feminina em famílias estendidas que cresceu em 2010. Em muitas dessas famílias estendidas, o imóvel é próprio, portanto, parte do orçamento não é comprometido com o aluguel, o que pode se tornar uma alternativa para essas mulheres, recém separadas, mães solteiras ou simplesmente incapazes de arcar com o ônus de um aluguel em um estágio inicial de seu ciclo de vida. Logo, a coabitação torna-se mais do que uma opção, senão uma necessidade.

A coabitação se correlacionou com a mudança dos papéis de gênero por meio de uma maior simetria de gênero, refletindo a transição social, do casamento tradicional para a parceria moderna (COVRE-SUSSAI, 2013). Na verdade, talvez essa seja uma situação mais típica das sociedades europeias. Enquanto a coabitação lá é tida como uma opção estimulada pela modernização (relacionada a desenvolvimento socioeconômico e independência feminina), nos países da América Latina ela pode ser tida como a única alternativa à pobreza ou a uma qualidade de infraestrutura urbana inferior. Há outras questões a se comentar a respeito das coabitações, principalmente no que tange o métier arquitetônico e urbano. Como comentamos no primeiro capítulo deste estudo, no Brasil ainda não tivemos a implementação real e universal de estratégias que garantam às famílias autonomia para conduzir decisões socioeconômicas, causando constrangimentos que podem impelir essa parcela populacional ao reagrupamento familiar, a fim de alcançar parte da estabilidade garantida por aquelas condições, na segurança da coabitação com membros de suas famílias.

Decerto, a precária infraestrutura dessas moradias é capaz de produzir constrangimentos sociais que poderiam tanto inviabilizar quanto induzir determinadas flutuações pelas quais passam as famílias. Imaginamos que a rigidez de um programa arquitetônico inadequado a forma/necessidade da família, combinado a uma baixa qualidade do entorno e de infraestrutura no contexto que estas moradias estão inseridas, poderiam conduzir a certos comportamentos, tais como a coabitação.

Em relação aos atributos espaciais, percebemos que os resultados obtidos por Becceneri, Brusse e Aparício (2021) também possam estar, de certa forma, refletidos aqui. Os monoparentais para a cidade de São Paulo são arranjos relativamente bem

distribuídos no espaço urbano, algo que corrobora nossa hipótese de que há tanto monoparentais que moram mal, quanto aqueles que se encontram melhores servidos por benesses urbanas.

No caso de Viçosa, como descrito no capítulo anterior, a maior parte dos monoparentais são chefiados por mulheres, divididas entre um grupo jovem e outro mais envelhecido. São justamente as monoparentais idosas que moram em piores condições, um perfil que se encaixa nos dados trazidos por Guimarães (2013) sobre os moradores - na verdade, as moradoras, em sua maioria - chefes de domicílios dos conjuntos habitacionais existentes no município. Conjuntos estes que se encontram consideravelmente deslocados da malha urbana para uma cidade do porte de Viçosa, marginalizados no que diz respeito a serviços e infraestruturas urbanas. Portanto, mesmo nos casos em que há posse do imóvel pela família, estes estão isolados sob uma perspectiva geográfica e urbana. Para as famílias estendidas, a situação não se mostrou tão distante.

Por fim, esperamos, como agenda de pesquisa, estudar os agrupamentos também a partir do ciclo de vida. Os estágios do ciclo vital familiar guardam estreita relação com a composição do arranjo e, logo, com o tamanho da família e os limites físicos do domicílio (ESTEVE, A; LESTHAEGHE E LÓPEZ-GAY, 2012). Talvez, analisar as características que trouxemos aqui em paralelo com o índice de ciclo de vida esclareceria dúvidas que surgiram a respeito de mudanças no comportamento dos arranjos entre 2000 e 2010.

A abordagem do ciclo de vida nos auxiliaria a associar as variáveis estudadas aos momentos e contextos históricos experienciados pelos arranjos. Montali e Lima (2014) afirmam que arranjos domiciliares em etapas iniciais do ciclo vital familiar (etapas de consolidação e constituição) são mais vulneráveis ao empobrecimento, como exemplo o arranjo monoparental feminino, ao qual comentamos extensivamente aqui. Estes diferenciam-se dos outros arranjos por apresentarem “menor rendimento domiciliar per capita, menores taxas de geração de renda e maiores concentrações nos decis inferiores de renda per capita.” (MONTALI, L.; DE LIMA, M. T., 2014). Ainda, Arriagada (2007 apud MONTALI, L.; DE LIMA, M. T., 2014) coloca que há maior incidência de pobreza nos lares monoparentais com chefia feminina, como também

em famílias nucleares em etapas iniciais, de expansão e consolidação do ciclo de vida familiar.

Montali (2014) aponta que embora não sejam elevados os valores médios das transferências de renda por domicílio:

[...] fica evidente a disparidade do valor médio dos benefícios entre os domicílios caracterizados por arranjos associados às etapas inicial e de consolidação do ciclo de vida familiar e aqueles associados à etapa do envelhecimento da família (MONTALI, 2014).

Como já mencionamos, os dados indicam que os arranjos domiciliares não são determinantes para entendermos a precariedade habitacional. Porém, questões de gênero e raça e, concomitantemente, escolaridade e renda, sim. Estas últimas combinadas às características dos próprios arranjos evidenciam que, sobretudo, famílias monoparentais e unipessoais chefiadas por mulheres negras de baixa renda e baixa escolaridade são as mais vulneráveis. Acreditamos que os resultados podem fornecer importantes insumos para a formulação de políticas públicas sociais e habitacionais em diferentes escalas, principalmente a nível municipal, do qual tratamos neste estudo.

Apesar da questão da moradia social periférica ser amplamente discutida e criticada, percebemos que algo do qual nos distraímos bastante é sobre como essa periferia geográfica mal infraestruturada é, na verdade, uma periferia social, negra e chefiada por mulheres. Há de se pensar políticas públicas de habitação no sentido de equalizar essa questão. Como Goldani (2012) coloca, a demanda deve ser por políticas de equalização de direitos, capazes de redefinir prioridades e corrigir distorções históricas.

Rolnik e Nakano (2009) colocam que uma opção para o problema de oferta de moradias que busquem escapar a precariedade arquitetônica e urbana é a criação de modalidades de financiamento habitacional que “incorporem as possibilidades de reciclagem e reabilitação de edifícios existentes localizados em espaços urbanos consolidados, em especial no centro das cidades, e que podem ser aproveitados para moradias populares”. Então sim, o movimento morar no centro, mas além disso trata-se de um morar no centro voltado para essa periferia social, com ofertas de subsídios e créditos de acordo com renda, sim, mas que também pense em modalidades que acolham, especialmente, mulheres negras e idosas chefes de família.

Futuramente, poderíamos aprofundar a presente investigação trazendo um conjunto de estatísticas descritivas sobre o ciclo vital familiar, uma lacuna de pesquisa que não conseguimos preencher no momento. Além disso, realizar outras análises descritivas de tabulações cruzadas com variáveis e combinações que não exploramos aqui, como também expandir os recortes por período e em função da escala territorial, como era nossa intenção inicial. Teria sido ainda mais interessante fazer os mesmos tipos de análises para uma escala regional e nacional, mas é um fôlego que escapou aos nossos esforços dentro do cronograma dado.

Por último, esperamos que os dados aqui levantados sirvam de insumos para futuros estudos a serem desenvolvidos dentro e fora de nosso grupo de pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. D. Capitalismo e crise: o que o racismo tem a ver com isso? **Blog da Boitempo**, São Paulo, 23 jun. 2020. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2020/06/23/capitalismo-e-crise-o-que-o-racismo-tem-a-ver-com-isso/>>. Acesso em: 03 fev. 2022.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Ed. Jandaíra - Coleção Feminismo Plurais (Selo Sueli Carneiro), 2019.
- ALVES, J. E. D. A definição de família convivente do IBGE: cuidados metodológicos necessários. **Rev Enferm UFRJ**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 4, 2005.
- ALVES, J. E. D.; CAVENAGHI, S. M. **Déficit Habitacional, famílias conviventes e condições de moradia**. Encontro Nacional de Produtores e Usuários de Informações Sociais, Econômicas e Territoriais. Rio de Janeiro: Anais. 2005.
- ARRIAGADA, I. Transformações sociais e demográficas das famílias latino-americanas. In: DOMINGUES, J. M.; MANEIRO, M. (Org.). **América Latina hoje: conceitos e interpretações**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- ARRIAGADA, I. Estruturas familiares, trabalho e bem-estar na América Latina. IN: RAUJO, C.; PIKANÇO, F.; SCALON, C. (Org) – **Novas conciliações e antigas tensões? Gênero, família e trabalho em perspectiva comparada**. Bauru: EDUSC, 2007.
- BARROS, L. F. W.; ALVES, J. E. D.; CAVENAGHI, S. M. **Novos Arranjos Domiciliares: Condições Socioeconômicas dos Casais de Dupla Renda e Sem filhos (DINC)**. XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Caxambu, Minas Gerais: [s.n.]. 2008. p. 1-29.
- BECENERI, L. B.; BRUSSE, G. P. D. L.; APARICIO, C. A. P. Uma análise espacial dos arranjos domiciliares da Região Metropolitana de São Paulo (1991-2010_). **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, v. 38, p. 1-23, 2021.
- BENDER, D. R. A refinement of the concept of household: families, co-residence and domestic functions. *American Anthropologist*, Washington, DC, v. 69, n. 5, p. 493-504, 1967.

BERQUÓ, E. A família no século XXI: um enfoque demográfico. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 6, julho/dezembro 1989.

BERQUÓ, E. A família no século XXI: um enfoque demográfico. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 6, n. 2, julho/dezembro de 1989.

BILAC, E. D. Estruturas familiares e padrões de residência. *In: Migração, condições de vida e dinâmica urbana*. São Paulo: [s.n.], 1980, p. 177-260.

BILAC, E. D. Estruturas familiares e padrões de residência. **Migração, condições de vida e dinâmica urbana**, Campinas, SP, p. 177-260, 2003.

Brasileira de Estudos de População, v. 11, n. 1, p. 27-40, 1994.

BRUSCHINI, C. Uma abordagem sociológica de família. **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, v. 6, p. 1-23, jan./jun. 1989. ISSN 1.

BUZAR, S.; OGDEN, P. E.; HALL, R. Households matter: the quiet demography of urban transformation. **Progress in Human Geography**, v. 29, n. 4, p. 413-436, 2005.

CALDWELL, J. C. Three Fertility Compromises and Two Transitions. *Popul Res Policy Review*, v. 27, p. 427-446, 2008.

CAVENAGHI, S.; ALVES, J. E. D. Domicilios y familias en la experiencia censal del Brasil: cambios y propuesta para identificar arreglos familiares. *In: CEPAL Notas de población*. Santiago de Chile: [s.n.], v. 92, 2011. Cap. 1, p. 307.

CEPAL, Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe. América Latina y Caribe: estimaciones y proyecciones de población. *In: Boletín Demográfico*, v.37, 73, Santiago de Chile, jan, 2004.

CLIQUET, R., The Second Demographic Transition: Fact or Fiction?, **Population Studies**, v.23, Strasbourg, Council of Europe, 1991.

COLEMAN, D. Why we don't have to believe without doubting in the second demographic transition: Some agnostic comments, **Conference of the European Association for Population Studies (EAPS)**, Warsaw, 2003.

COELHO, D. D. A transformação do espaço urbano na cidade de Viçosa, Minas Gerais entre 1964-1980. *Estudos Geográficos*, Rio Claro, v. 18, 2020. Disponível em: <<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/estgeo>>.

COSTA, G. G. O. Uso da técnica two-step cluster para segmentação de funcionários de uma empresa no Rio de Janeiro segundo clima organizacional: um estudo de caso. *Revista da Estatística da UFOP*, v.6, 1-24, Ouro Preto, 2017.

COVRE-SUSSAI, Maira et al. Traditional and modern cohabitation in Latin America: A comparative typology. *Demographic Research*, v. 32, p. 873-914, 2015.

COVRE-SUSSAI, Maira. Cohabitation in Latin America and developed countries: A cross-national

CUNHA, T. A.; MORENO, F. A. Comportamento Demográfico e Transição Urbana no interior De Minas Gerais: o caso da microrregião de Viçosa. 2019. 25 p.

CUNHA, T. A.; REZENDE, S. A. Natureza dos arranjos domiciliares e possibilidades de flexibilidade do programa de necessidades arquitetônico à luz dos conceitos de ciclo de vida e inadequação habitacional. 2019. 24 p.

ESTEVE, A.; LESTHAEGHE, R.; LÓPEZ-GAY, A. The Latin American Cohabitation Boom. *Population and Development Review*, New Jersey, v. 38, n. 1, p. 55-81, 2012.

FARIA, Vilmar E. Políticas de governo e regulação da fecundidade: consequências não antecipadas e efeitos perversos. In: ANPOCS. **Ciências sociais hoje**. São Paulo, SP: Vértice/ANPOCS, 1989. p. 62-103.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. FJP. *Déficit habitacional no Brasil*. Belo Horizonte: Projeto PNUD-Sepurb/92/013, 1995.

FRALEY C. and A.E. RAFTERY. How many clusters? Which clustering method? Answers via model-based cluster analysis. *Computer Journal*, 4. p. 578–588.1988.

GOLDANI, A. M. Família, gênero e políticas: famílias brasileiras nos anos 90 e seus desafios como fator de proteção. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 19, n. 1, jan/jun 2002.

GUIMARÃES, Eliane Aparecida. O processo de implementação do Programa Minha Casa Minha para população de baixa renda: o caso de Viçosa- MG. 247 f. Dissertação (Mestrado

em Economia familiar; Estudo da família; Teoria econômica e Educação do consumidor) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2013.

GRANOVETTER, M. The strength of weak ties. *American Journal of Sociology*, 78 (6): 1360-1380. 1973

HARALAMBOS, M.; Holborn, M. *Sociology Themes and Perspectives* (6a ed.). 2010.

IBGE. *Censos demográficos*. Rio de Janeiro, 1991 e 2010.

____– Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Brasil em síntese: Taxa de fecundidade total. 2021a.** Disponível em: <<https://brasilemsintese.ibge.gov.br/populacao/taxas-de-fecundidade-total.html>>. Acesso em: 29 jan. 2022.

____– Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Indicadores sociais mínimos: Conceitos. 2020a.** Disponível em: <<https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/conceitos.shtm>>. Acesso em: 13 set. 2021.

____– Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de indicadores sociais. 2019.** Disponível em: < <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/9221-sintese-de-indicadores-sociais.html?edicao=25875&t=downloads>>. Acesso em: 13 set. 2021.

BOHANNAN, Winston. *Social anthropology*. New York, Holt. 1963.

KEESING, Felix. *Cultural Anthropology*. New York: Rinehart. p.477. 1958.

LESTHAEGHE, R. The second demographic transition: a concise overview of its development. **Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America**. Washington, USA, v. 111, n. 51, p. 1-4, October 2014.

LESTHAEGHE, R. The unfolding story of the second demographic transition. In: **Fertility History of the 20th Century – Trends, theories, public discourses and policies**. Berlin: Population Studies Center, 2010, p. 1-42.

LOPES, V. F. La familia en el Brasil, según el censo de población de 1960. **Notas de Población**, p. 67-93, 1976.

MARIA, Ana Cristina de Souza. A produção do espaço urbano da zona sul de viçosa-mg: empreendimentos horizontais na bacia do ribeirão São Bartolomeu. 123 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG. 2016.

MEDEIROS, M.; OSÓRIO, R. G. Mudanças na composição dos arranjos domiciliares no Brasil – 1978 a 1998. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 17, p. 67-85, junho de 2002. ISSN 1/2.

MINAMIGUCHI, M. M. **Segunda Transição Demográfica: o que se pode dizer da situação brasileira?** Dissertação de Mestrado. ed. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Ciências Estatísticas - ENCE, 2011. 138 p.

MONTALI, Lilia; LOPES, G. Rearranjos familiares de inserção, precarização do trabalho e empobrecimento. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 21, n. 2, p. 195-216, 2004.

MONTALI, Lilia; DE LIMA, Marcelo Tavares. Arranjos domiciliares e vulnerabilidade ao empobrecimento: aspectos metodológicos e empíricos. *Revista Latinoamericana de Población*, v. 8, n. 14, p. 105-127, 2014.

MONTE-MÓR, R.; SILVA, H. Transições demográficas, transição urbana, urbanização extensiva: um ensaio sobre diálogos possíveis. **XVII Encontro Nacional De Estudos Populacionais**. Caxambu: [s.n.], 2011.

OGDEN, P. E.; HALL, R. The second demographic transition: new household forms and the urban population of France during the 1990s. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v. 29, n. 1, p. 88-105, 2004.

OLIVEIRA, M.C.F.A. *Notas acerca da família nos estudos demográficos*. Friburgo/Rio de Janeiro, 1981. Mimeo. [Trabalho apresentado no V Encontro Anual da ANPOCS.]

ONU – Naciones Unidas. Principios y recomendaciones para los censos de población y habitación. **Revisión 2**, Nova York, n. 67, 2010.

PATARRA, N. Transição demográfica: novas evidências, velhos desafios. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, v.11(1). Campinas, São Paulo, p.27-40, 1994.

PERUCCHI, J.; BEIRÃO, A. M. Novos arranjos familiares: paternidade, parentalidade e relações de gênero sob o olhar de mulheres chefes de família. *Psic. Clin.*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 54-69, 2007.

RIBEIRO FILHO, G. B. A formação do espaço construído: cidade e legislação urbanística em Viçosa, MG. 243 p. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 1997.

RODRIGUES, Aracky M. *Operário, operária: estudo exploratório sobre o operariado industrial da Grande São Paulo*. 2 ed. São Paulo, Símbolo. 1978

SOBOTKA, T. Overview Chapter 6: The diverse faces of the Second Demographic Transition in Europe. **Demographic Research**. v. 19, p. 171-224, jul. 2008.

TRAMONTANO, M. **Novos modos de vida, novos espaços de morar, Paris, São Paulo e Tokyo**: uma reflexão sobre a habitação contemporânea. São Paulo, 1998.

VAN DE KAA, Dirk J. The idea of a second demographic transition in industrialized countries. *Birth*, v. 35, p. 45, 2002.

VILLA, S. B. Os formatos familiares contemporâneos: transformações demográficas. **OBSERVATORIUM: Revista Eletrônica de Geografia**, Uberlândia, v. 4, n. 12, p. 02-26, Dezembro 2012.

WAJNMAN, S. Demografia das famílias e dos domicílios brasileiros. UFMG/Faculdade de Ciências Econômicas. Belo Horizonte-MG, 2012, p. 1-158.

WAJNMAN, S.; TURRA, C. M.; AGOSTINHO, C. S. Estrutura Domiciliar e Distribuição da Renda Familiar no Brasil. In: RICARDO PAES DE BARROS, M. N. F. G. U. (. **Desigualdade de Renda no Brasil**: uma análise da queda recente. Brasília: IPEA, v. 2, 2007. Cap. 14, p. 423-442.

EBBINGHAUS, Bernhard. Inequalities and poverty risks in old age across Europe: The double-edged income effect of pension systems. *Social Policy & Administration*, v. 55, n. 3, p. 440-455, 2021.

POWELL, Jason L. From "trust society" to the "risk society"? the case of aging and welfare in Europe. *Hallym International Journal of Aging*, v. 11, n. 1, p. 65-76, 2009.

APÊNDICES

Tabela 13 - Síntese das características dos arranjos unipessoais. Censo Demográfico de 2000. Viçosa, MG.

Arranjo Domiciliar		UNIPESSOAL				
Censo Demográfico		2000		2010		
Clusters		1	2	1	2	
Variáveis de pessoas	Estado civil	Viúvo (43,8%)	Solteiro (94,3%)	Viúvo (51,5%)	Solteiro (90,1%)	
	Média de idade	58,7	35,47	62,94	41,01	
	Total de rendimentos (R\$)	576,89	1.006,36	2.982,38	1.476,70	
	Cor ou raça	Preta, parda, amarela e indígena (53,8%)	Branca (67%)	Branca (63,6%)	Preta, parda, amarela e indígena	
	Sexo	Feminino (60%)	Masculino (55,7%)	Feminino (62,9%)	Masculino (57,4%)	
	Anos de estudo	4 (22,5%)	17 (23,19%)	-	-	
Variáveis domiciliares	Clusters	1	2	3	1	2
	Tipo do domicílio	Casa (79%)	Apto. (100%)	Casa (100%)	-	-
	Condição do domicílio	Próprio, já pago (64,4%)	Alugado (89,4%)	Cedido por empregador (46,2%)	Próprio, já pago (57,7%)	Próprio, já pago (67,4%)
	Forma de abastecimento de água	Rede geral (93,3%)	Rede geral (100%)	Poço ou nascente (84,6%)	Rede geral (62,9%)	Rede geral (100%)
	Tipo de escoadouro	Rede geral de esgoto ou pluvial (88,5%)	Rede geral de esgoto ou pluvial (97,9%)	Rio, lago ou mar (46,2%)	Rede geral de esgoto ou pluvial (54,6%)	Rede geral de esgoto ou pluvial (100%)
	Coleta de lixo	Coletado por serviço de limpeza (98,1%)	Coletado por serviço de limpeza (93,6%)	Queimado na propriedade (46,2%)	Coletado por serviço de limpeza (64,9%)	Coletado por serviço de limpeza (100%)
	Iluminação elétrica	Sim (100%)	Sim (100%)	Sim (76,9%)	Sim (100%)	Sim (100%)
	Existência de iluminação pública	Sim (97,9%)	Sim (99%)	Não (100%)	-	-
	Existência de calçamento/pavimentação	Total (83,7%)	Total (97,9%)	Não Existe (84,6%)	-	-

Tabela 14 - Síntese das características dos arranjos casais sem filhos. Censo Demográfico de 2000. Viçosa, MG.

Arranjos Domiciliares		CASAL SEM FILHOS				
Censo Demográfico		2000		2010		
Clusters		1	2	1	2	3
Variáveis de pessoas	Estado civil	Casado (100%)	Casado (62,7%)	Casado (100%)	Solteiro (44,8%)	Casado (100%)
	Média de idade	50,2	46,18	54,26	41,7	49,71
	Total de rendimentos (R\$)	1.293,93	542,76	4.400,66	2.177,91	1.426,04
	Cor ou raça	Branca (98,8%)	Parda (45,1%)	Branca (95,7%)	Branca (52,1%)	Parda (69,9%)
	Sexo	Masculino (98,8%)	Masculino (84,3%)	Masculino (100%)	Feminino (59,4%)	Masculino (100%)
	Anos de estudo	4 (21,4%)	17 (15,7%)	-	-	-
	Clusters	1	2	1	2	
Variáveis domiciliares	Tipo do domicílio	Casa (100%)	Casa (55,6%)	-	-	
	Condição do domicílio	Próprio, já pago (71,4%)	Próprio, já pago (66,7%)	Próprio, já pago (67,4%)	Próprio, já pago (57,7%)	
	Forma de abastecimento de água	Poço ou nascente (54,3%)	Rede geral (99%)	Rede geral (100%)	Rede geral (62,9%)	
	Tipo de escoadouro	Rede geral de esgoto ou pluvial (54,3%)	Rede geral de esgoto ou pluvial (86,9%)	Rede geral de esgoto ou pluvial (100%)	Rede geral de esgoto ou pluvial (54,6%)	
	Coleta de lixo	Coletado por serviço de limpeza (60%)	Coletado por serviço de limpeza (100%)	Coletado por serviço de limpeza (100%)	Coletado por serviço de limpeza (64,9%)	
	Iluminação elétrica	Sim (100%)	Sim (99%)	Sim (100%)	Sim (100%)	
	Existência de iluminação pública	Sim (100%)	Sim (100%)	-	-	
	Existência de calçamento/pavimentação	Parcial (45,7%)	Total (99%)	-	-	

Tabela 15 - Síntese das características dos arranjos casais com filhos. Censo Demográfico de 2000. Viçosa, MG.

Arranjos Domiciliares		CASAL COM FILHOS				
Variáveis	Censo Demográfico	2000		2010		
	Clusters	1	2	1	2	3
Variáveis de pessoas	Estado civil	Casado (84,6%)	Casado (97,6%)	Casado (46,6%)	Casado (100%)	Casado (100%)
	Média de idade	41,3	43,6	40,47	44,5	47,16
	Total de rendimentos (R\$)	440,14	1.416,48	2.144,63	2.077,16	4.867,95
	Cor ou raça	Parda (64,7%)	Parda (99,6%)	Branca (46,1%)	Parda (68,6%)	Branca (100%)
	Sexo	Masculino (97,5%)	Masculino (96,1%)	Feminino (59,1%)	Masculino (100%)	Masculino (98,5%)
	Anos de estudo	4 (22,3%)	4 (28,1%)	-	-	-
		Clusters	1	2	1	2
Variáveis domiciliares	Tipo do domicílio	Casa (72,1%)	Casa (100%)	-	-	-
	Condição do domicílio	Próprio, já pago (74,1%)	Próprio, já pago (72,2%)	Próprio, já pago (100%)	Próprio, já pago (68,3%)	Alugado (60,7%)
	Forma de abastecimento de água	Rede geral (94,4%)	Poço ou nascente (60,8%)	Rede geral (100%)	Rede geral (61,5%)	Rede geral (100%)
	Tipo de escoadouro	Rede geral de esgoto ou pluvial (91,3%)	Rio, lago ou mar (39,9%)	Rede geral de esgoto ou pluvial (100%)	Rede geral de esgoto ou pluvial (40,5%)	Rede geral de esgoto ou pluvial (99,5%)
	Coleta de lixo	Coletado por serviço de limpeza (99,7%)	Queimado na propriedade (43,7%)	Coletado por serviço de limpeza (100%)	Coletado por serviço de limpeza (54,1%)	Coletado por serviço de limpeza (99,5%)
	Iluminação elétrica	Sim (100%)	Sim (92,4%)	Sim (100%)	Sim (100%)	Sim (100%)
	Existência de iluminação pública	Sim (98,7%)	Não (51,9%)	-	-	-
	Existência de calçamento/pavimentação	Total (84,1%)	Não existe (67,7%)	-	-	-

Tabela 16 - Síntese das características dos arranjos monoparentais. Censo Demográfico de 2000. Viçosa, MG.

Variáveis	Arranjos Domiciliares		MONOPARENTAL			
	Censo Demográfico	2000		2010		
	Clusters	1	2	1	2	3
Variáveis de pessoas	Estado civil	Solteiro (44%)	Viúvo (66%)	Solteiro (40%)	Viúvo (53%)	
	Média de idade	40,3	55,89	46,79	56,09	
	Total de rendimentos (R\$)	292,68	866,57	1.997,72	1.607,03	
	Cor ou raça	Branca (44%)	Branca (69%)	Parda (38,2%)	Branca (56,4%)	
	Sexo	Feminino (97,3%)	Feminino (82%)	Feminino (78,2%)	Feminino (100%)	
	Anos de estudo	5 (20%)	4 (20%)	-	-	
	Variáveis domiciliares	Tipo do domicílio	Casa (59,3%)	Casa (96,7%)	-	-
Condição do domicílio		Próprio, já pago (59,3%)	Próprio, já pago (85%)	Próprio, já pago (100%)	Próprio, já pago (72,1%)	Alugado (76,7%)
Forma de abastecimento de água		Rede geral (100%)	Rede geral (71,7%)	Rede geral (100%)	Rede geral (60,7%)	Rede geral (100%)
Tipo de escoadouro		Rede geral de esgoto ou pluvial (98,2%)	Rede geral de esgoto ou pluvial (58,3%)	Rede geral de esgoto ou pluvial (100%)	Rio, lago ou mar (44,3%)	Rede geral de esgoto ou pluvial (100%)
Coleta de lixo		Coletado por serviço de limpeza (100%)	Coletado por serviço de limpeza (68,3%)	Coletado por serviço de limpeza (100%)	Coletado por serviço de limpeza (45,9%)	Coletado por serviço de limpeza (100%)
Iluminação elétrica		Sim (100%)	Sim (96,7%)	Sim (100%)	Sim (100%)	Sim (100%)
Existência de iluminação pública		Sim (98,7%)	Não (51,9%)	-	-	-
Existência de calçamento/pavimentação		Total (100%)	Não existe (40%)	-	-	-

Tabela 17 - Síntese das características dos arranjos famílias estendidas. Censo Demográfico de 2000. Viçosa, MG.

Arranjos Domiciliares		FAMÍLIA ESTENDIDA				
Variáveis	Censo Demográfico	2000		2010		
	Clusters	1	2	1	2	
	Estado civil	Solteiro (44%)	Casado (98,9%)	Solteiro (32,4%)	Casado (65,1%)	
	Média de idade	50,01	50,9	50,45	49,37	
	Total de rendimentos (R\$)	529,52	712,2	2.123,28	3.527,80	
Variáveis de pessoas	Cor ou raça	Branca (52,9%)	Branca (47,0%)	Parda (41,6%)	Branca (41,1%)	
	Sexo	Feminino (77%)	Masculino (98,9%)	Feminino (100%)	Masculino (99%)	
	Anos de estudo	4 (20,9%)	4 (20,2%)	-	-	
	Clusters	1	2	1	2	3
	Tipo do domicílio	Casa (72,9%)	Casa (94,8%)	-	-	-
	Condição do domicílio	Próprio, já pago (75,5%)	Próprio, já pago (82,3%)	Próprio, já pago (100%)	Alugado (59,1%)	Próprio, já pago (88,3%)
	Forma de abastecimento de água	Rede geral (93,1%)	Rede geral (70,8%)	Rede geral (99,6%)	Rede geral (99,2%)	Poço ou nascente na propriedade (53,3%)
Variáveis domiciliares	Tipo de escoadouro	Rede geral de esgoto ou pluvial (88,4%)	Rede geral de esgoto ou pluvial (56,2%)	Rede geral de esgoto ou pluvial (100%)	Rede geral de esgoto ou pluvial (98,5%)	Rio, lago ou mar (48,3%)
	Coleta de lixo	Coletado por serviço de limpeza (98,6%)	Coletado por serviço de limpeza (63,5%)	Coletado por serviço de limpeza (100%)	Coletado por serviço de limpeza (83,3%)	Coletado por serviço de limpeza (65%)
	Iluminação elétrica	Sim (100%)	Sim (95,8%)	Sim (100%)	Sim (100%)	Sim (100%)
	Existência de iluminação pública	Sim (98,7%)	Sim (71,9%)	-	-	-
	Existência de calçamento/pavimentação	Total (100%)	Não existe (40%)	-	-	-